

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da Via Expressa Baía de Todos os Santos – Salvador/BA

Salvador-BA, 1º de novembro de 2013

Eu queria iniciar quebrando o protocolo e dirigindo um cumprimento especial a todos os trabalhadores que fizeram essa obra, e homenageando o nosso Feliciano dos Santos. Eu acabei de falar para o governador que se você olha ali na lista dos nomes, não está o nome de um trabalhador. Então, eu sugiro que na placa botem, também, além do meu nome, do nome do governador, do nome das pessoas que vão ficar registradas para sempre que contribuíram com a obra, o nome do Feliciano, em uma homenagem a todos vocês. E o governador, quando eu estava abrindo ali a placa, o governador prometeu que ia mandar botar. Então, nós podemos ter certeza que vai constar, não é, governador? Opa. Levei um bom choque.

Querida cumprimentar o nosso governador da Bahia, Jaques Wagner, e a senhora Fátima Mendonça,

Querida cumprimentar o prefeito de Salvador, Antônio Carlos Magalhães,

Cumprimentar os ministros de Estado aqui presentes: ministro César Borges, dos Transportes; ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial; ministro Antônio Henrique Pinheiro Silveira, ministro da Secretaria dos Portos. Os três ministros, são ministros... podem não ter nascido na Bahia... Um deles nasceu, que é o César, mas os dois outros são ministros adotados, eles adotaram a Bahia e espero que a Bahia tenha adotado eles.

E aí eu queria cumprimentar a secretária-executiva do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, ex-secretária da Casa Civil aqui da Bahia, a nossa querida Evinha Chiavon. Levanta aí, Evinha. A Evinha veio conosco de avião e a Evinha estava nos relatando toda a luta dela para viabilizar essa obra, principalmente porque envolveu muita desapropriação, porque aqui era um local urbano, então, para construir a obra tinha que desapropriar e pagar, indenizar as pessoas que iam sair daqui. E ela estava dizendo do esforço imenso dela e de vários funcionários para que isso ocorresse. Por isso, eu queria, em nome da Evinha, cumprimentar todos aqueles que aqui trabalharam, todos os funcionários públicos, que às vezes são mal falados. Mas isso é uma injustiça, porque eles cumprem um papel fundamental. Cumprimentar, então, a Evinha, e saudar a todos aqueles que trabalharam nessa obra.

Cumprimentar o vice-governador da Bahia, Otto Alencar,

Cumprimentar o presidente da Assembleia Legislativa, e aí eu cumprimento todos os deputados estaduais aqui presentes, ao cumprimentar o deputado Marcelo Nilo.

Cumprimentar nosso querido Waldir Pires, ex-governador do estado da Bahia, ex-ministro da Defesa, um grande brasileiro.

Cumprimentar o senador Walter Pinheiro,

Os deputados federais Acelino Popó, Alice Portugal, Amaury Teixeira, Félix Mendonça, Luiz Argolo, João Bacelar, José Rocha, Josias Gomes e Paulo Magalhães.

Cumprimentar o secretário estadual da Casa Civil, Rui Costa, que assumiu depois da Evinha e é um dos grandes responsáveis também pela conclusão dessa obra e pela

qualidade que ela tem. E, por intermédio do Rui Costa, eu cumprimento todos os demais secretários.

Cumprimentar o general Jorge Fraxe, diretor-geral do Dnit,

Cumprimentar, também, uma outra pessoa essencial para a conclusão dessa obra, o empresário Léo Pinheiro, presidente da construtora OAS, que é a responsável por essa obra de engenharia, que merece nossa admiração. Obrigada, Léo.

Cumprimentar, aqui, as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas. E aqui eu estou vendo que tem fotógrafas. Cumprimentar as fotógrafas.

Olha, gente, é, de fato, um sinal de muitos bons augúrios, de muitos bons ventos, que nós estejamos aqui hoje, nesse Dia de Todos os Santos, para inaugurar a Via Expressa da Baía de Todos os Santos. E aí, duas coisas a gente queria destacar aqui: Primeiro, o César já falou: há 512 anos, chegou aqui aquele chamado Américo Vespúcio, que aportou aqui e, de uma certa forma, a gente pode dizer que descobriu a Bahia de Todos os Santos. Mas, além disso, hoje também é o aniversário de 40 anos do Ilê Ayê. Então, por esses dois motivos eu tenho certeza que os santos vão abençoar essa obra viária, que todo mundo está dizendo que é uma das maiores obras feita nos últimos 30 anos.

Então, eu estou muito feliz de estar aqui. Eu vim aqui há uns cinco anos, quando ela era só um projeto, vim junto com o governador Jaques Wagner. Naquele dia, eu estava querendo saber, porque a Rótula – nós fomos lá na Rótula – eu queria saber porque a Rótula era do Abacaxi. O que eu pensei? Que lá tinha uma feirinha que vendia abacaxi, ou tinha alguém vendendo suco de abacaxi. Aí o governador Jaques Wagner me contou o seguinte: não, chama “Rótula do Abacaxi” porque esse trânsito aqui é um abacaxi, e o povo, com seu espírito irônico, apelidou a Rótula de Rótula do abacaxi. Hoje o governador me disse que ele vai mudar o nome da Rótula do Abacaxi e propor que passe a chamar a “Rótula do Quiabo”, porque aí só vai.

Mas eu acompanhei essa obra, eu tenho vindo aqui, eu vim depois, quando ela já estava mais crescida, que se via os viadutos, via-se o tamanho da obra. Mas, de fato, quando hoje eu sobrevoei de helicóptero toda a extensão desses 4,3 quilômetros, a gente percebe a grandiosidade disso e a dificuldade de ter feito isso no meio da vida normal e cotidiana de uma cidade do tamanho de Salvador. E mais, veja que tem dez faixas. Dez faixas! Na verdade, foram construídos quase 40 quilômetros, 43 quilômetros. Foram construídos também – uma coisa que eu achei muito importante, porque isso é algo que se dá para cidade em termos de qualidade de vida – que é a faixa para bicicletas. Eu acredito que vai ser uma obra que vai fazer aquilo que as obras têm que fazer. São obras de concreto, são obras difíceis sem obra de engenharia, mas o objetivo último de uma obra dessas é garantir qualidade de vida, é garantir que vida das pessoas melhore, é só esse o objetivo. Na verdade, quando você tira do centro a carga, você está garantindo que o tráfego de pessoas e de veículos, de transporte público, flua de forma mais rápida, e aí o que você está ganhando? Você está ganhando tempo de vida para as pessoas, porque no transporte você fica um tempo que você perde para estar com a sua família, para estar jogando futebol, para estar descansando depois do trabalho, enfim, um tempo que você pode ter outro uso. Daí porque é muito importante uma via dessas. E também porque ela viabiliza um transporte de carga rápido, e isso significa melhoria da produtividade, melhor emprego, significa ganhos para toda a população aqui de Salvador.

Eu, de fato, tenho vindo muito aqui, não é, Jaques? Tenho, eu tenho vindo muito aqui e tenho muito orgulho de vir aqui. Eu estou continuando, e não pretendo deixar de vir. Recentemente eu estive aqui anunciando o metrô, a linha dois do metrô, e essa linha dois, ela faz justamente da Rótula do Abacaxi, passa por... vai até Lauro de Freitas e passa pelo aeroporto. Mas eu queria falar também da complementação da linha um, que estão agradecendo a mim e ao Jaques naquela faixa, que o metrô vai até Cajazeiras, que é um bairro que equivale a uma cidade. Fico muito feliz que o metrô, a complementação da linha um do metrô, chegue a Cajazeiras. É algo importante, vai beneficiar uma população muito significativa desta cidade.

Mas, então, como eu estava dizendo, é um prazer vir aqui, é um prazer fazer parceria também com o prefeito, vamos fazer uma parceria com o prefeito fazendo o trecho... aliás, fazendo o BRT Lapa-Iguatemi, de 12,7 quilômetros. Temos várias outras parcerias com o Jaques, e eu estava dizendo para o Jaques que eu pretendo vir aqui na Bahia – aí não é aqui em Salvador, mas é na Bahia –, que eu quero olhar justamente a chamada Fiol, que é Ferrovia [de Integração] Oeste-Leste, que está, agora, a pleno vapor. Eu, ministro César Borges... sabe aquela história “o olho do dono engorda o boi”? Então nós vamos ver o nosso boi nos trilhos, e isso é muito importante porque essa é uma obra... e aí também, não é, Jaques, é uma obra pela qual você lutou muito. Você lutou, nós conseguimos viabilizá-la e ela fará diferença, aqui como uma das questões essenciais para ligar, estruturalmente, a Bahia de oeste a leste.

Eu queria também dizer para vocês duas outras coisas. Essa não tem nada a ver com a questão relativa a essa inauguração. Mas ela é importante, aconteceu nessa semana e beneficia o estado da Bahia, que é a chegada dos médicos do Mais Médicos. Quatrocentos e seis médicos já chegaram aqui, na Bahia. A Bahia é o estado, hoje, que vai receber o maior número de médicos, porque nós levamos em conta alguns critérios, e esses critérios beneficiam a Bahia.

Por que beneficiam a Bahia? A Bahia é o maior estado do Nordeste. No Nordeste do nosso país, nós temos que fazer um grande esforço e investir muito na questão social, porque aqui é uma região que concentra os maiores índices de pobreza. Daí porque o governo federal, na distribuição dos médicos, dará prioridade ao estado mais populoso do Nordeste, que é a Bahia, é o estado mais populoso, é o maior e é o que terá que ser, obviamente, um dos estados mais ricos do Brasil, e terá que ser, portanto, também, muito bem atendido.

Nós, então, com esses 406 médicos iniciamos aquilo que vai significar, até maio, que nós teremos aqui cobertura para cinco milhões de baianos e de pessoas que moram nas diferentes cidades, principalmente naquelas do semiárido, onde é mais necessária a presença de médicos. Nós queremos um atendimento de qualidade para todos os brasileiros e brasileiras. E, por isso, eu queria falar sobre isso, porque sábado e domingo, portanto, há praticamente uma semana, eles chegaram, a segunda leva. Nós vamos ter, sistematicamente, a chegada de médicos, e eu tenho certeza que eles serão muito bem recebidos. Nós somos um povo generoso, um povo que sabe quando ser um povo agradecido, e médico é uma questão crucial para a vida das pessoas.

Outra coisa que nós celebramos essa semana, e a Bahia também, é uma das maiores beneficiárias, é o Bolsa Família. Nós sabemos que o Bolsa Família, junto com todos os

programas do Brasil sem Miséria... e aí eu queria falar de um, porque estou aqui na frente dos trabalhadores, que é a capacitação profissional. Se capacitar profissionalmente, sempre, é algo crucial para nós, e um dos programas que deságuam no Bolsa Família é o chamado Pronatec - Programa técnico de qualificação profissional e emprego [Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego]. É parceria com o Senai. O governo federal bota o dinheiro e o curso é gratuito, inteiramente gratuito. Nós pagamos o curso, fazendo uma parceria com o Senai, com o Senac, com o Senar e com o Senat. Ele tem 600 cursos, tem 600 diferentes espécies de cursos. Eu estou aqui com trabalhadores da construção civil. Na área de construção civil tem cursos de especialização os mais variados. Então, eu queria saudar isso também porque eu acho que é uma questão fundamental.

Cinco milhões de brasileiros já fizeram esses cursos, e eu queria sempre lembrar para vocês que tem um brasileiro que fala sempre isso: "eu tive só dois diplomas, um foi do Senai e o outro foi de presidente da República", que é o Lula. Vejam vocês, o diploma que leva ele a presidente da República é o Senai... é o diploma dele como torneiro mecânico do Senai, do qual ele teve muito orgulho sempre. Daí porque nós devemos sempre criar as condições para melhorar a formação dos nossos trabalhadores.

E hoje eu não poderia deixar de dizer para vocês, vocês, trabalhadores, muito obrigada, porque é uma obra... eu andei lá pelo túnel, eu olhei ela por cima, eu vi e também percorri um trecho grande. É uma obra extraordinária. A Bahia merecia, Salvador merecia, e tenho certeza, sobretudo a população desta cidade vai ficar extremamente orgulhosa, mas, sobretudo extremamente aliviada porque o trânsito – o Jaques tem razão – vai correr que nem quiabo.

Um beijo para vocês, um beijo no coração.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura da 3ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial – Brasília/DF Centro de Convenções Brasil XXI – Brasília-DF, 05 de novembro de 2013

Boa noite a todos.

Eu quero iniciar cumprimentando as delegadas e os delegados participantes da III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial.

Queria cumprimentar os embaixadores e as embaixadoras acreditados no meu governo e que nos honram com a sua presença.

Queria saudar todos os ministros de Estado aqui presentes, cumprimentando a ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial.

Queria cumprimentar os ex-ministros da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial: o Edson Santos e a Matilde Ribeiro.

Queria cumprimentar também os deputados federais aqui presentes: Alice Portugal, Amaury Teixeira, Assis Carvalho, Assis Melo, a nossa querida Benedita da Silva, Fátima Bezerra, Henrique Fontana, Luiz Alberto, Paulão, Vicente Cândido, Valdenor Teixeira.

Queria cumprimentar o senador Valdir Raupp, que também está presente,

Cumprimentar as senhoras... Ah, e o Vicentinho. Ali, o Vicentinho. Justamente ali, não é, Vicentinho?

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores representantes do Conselho Nacional da Promoção da Igualdade Racial: a Maria Júlia Reis Nogueira, representante da sociedade civil; o Arilson Ventura, representante das comunidades tradicionais quilombolas; a Barbara Angely Piemonte Silva, das comunidades tradicionais de povos de cultura cigana; a Valkiria de Sousa Silva, das comunidades tradicionais de matriz africana. Por meio deles eu cumprimento todos os integrantes do Conselho.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas que nos honram também com a sua presença.

Cumprimentar a todos vocês aqui presentes, homens e mulheres integrantes dessa 3ª Conferência Nacional de Promoção da igualdade racial.

Nós todos aqui sabemos que o nosso povo, o povo brasileiro, tem na sua origem, na sua formação uma união de povos, uma união de índios, de negros, de brancos e de comunidades tradicionais provenientes das mais diversas populações e povos. Cada um de nós tem e traz em si uma parte dessa união, e nós só somos íntegros quando olhamos que a nossa história produziu uma nação imensa, uma nação imensa geograficamente, uma nação com uma grande diversidade e, sobretudo, com uma imensa diversidade racial que se expressou na sua cultura, na sua arte, na sua forma de viver, na sua alegria de viver, que se expressa em cada uma das manifestações, e das manifestações mais nobres do nosso país. Nós devemos reconhecer e devemos valorizar essa diversidade cultural.

Esse tema, democracia e desenvolvimento sem racismo por um Brasil afirmativo, é um tema que tem de celebrar esse fato, esse fato constitutivo inicial da nossa nacionalidade, que nos faz diferentes de qualquer outro país e do qual, fato esse que temos de nos orgulhar. No entanto, nós não devemos ignorar que a cor da pele foi e infelizmente ainda é motivo de exclusão, de discriminação, de preconceito contra milhões de brasileiros. Para ser mais exata, preconceito contra mais da metade da população brasileira que hoje se reconhece como afrodescendente, como negra, como parda, enfim, que reconhece um imenso veio étnico-cultural que dá origem e integra nossa nacionalidade.

Nós sabemos que a nossa sociedade, a sociedade brasileira, tem de superar as consequências do nosso longo período escravocrata, que não acabam com a abolição, porque ressuscita um racismo como forma de hierarquização da sociedade, como forma de manter os valores de uma sociedade escravocrata. Constrói, de fato, essa hierarquização e é uma hierarquização social, e coloca, no nosso caso, as populações, vamos dizer assim, as indígenas e as populações tradicionais, e a população negra, na base da pirâmide, e por base eu estou dizendo o menor degrau da pirâmide.

Foi assim que a exclusão racial e a exclusão social se misturaram. Uma virou a outra, e essa é uma chaga que nós temos, e esse país tem, e tem lutado por isso, para estreitar, muitos lutaram estreitar, lutaram para derrotar e para acabar com essa chaga que é essa mistura de exclusão social com exclusão racial, que leva a uma série de preconceitos e a uma série de fenômenos que nós sabemos que vai do religioso, no caso da segregação, durante muitos anos, das religiões africanas, de matriz africana, o trato de populações de forma preconceituosa, como foi com foi o caso do trato à população cigana, e da questão dos nossos indígenas no nosso país.

Tratar de uma questão – da racial – e da outra simultaneamente, é o que significa Brasil afirmativo, ação afirmativa. Ação afirmativa trata as duas coisas: a questão racial e a questão social simultaneamente. Construir ações afirmativas é essencial para que de fato se efetive a igualdade de oportunidades sociorracial. Sem ações afirmativas – e essa é uma discussão que temos de desenvolver, porque, eu sei que vocês sabem que há muito questionamento às ações afirmativas –, sem ações afirmativas nós não tornaremos realidade a igualdade de oportunidades.

Nós sabemos, nós sabemos que há muito a ser feito, e a ministra já disse: se há muito a ser feito, é bom que todo mundo venha preparado, é sempre muito bom. A minha experiência de vida mostra que a gente tem de vir preparado. Nós já vencemos várias batalhas, mas uma democracia racial plena ainda vai exigir isso que a ministra chamou de “venham preparados”, que é uma imensa obstinação e grande vontade política.

O Estado brasileiro está hoje mais mobilizado e confere cada vez maior importância às políticas de enfrentamento às desigualdades raciais e às ações afirmativas. E isso se deve, eu diria assim, no essencial, à participação dos movimentos na questão da formulação das políticas. Sem essa participação, essa luta não tem a obstinação necessária. Por isso, eu acredito que a interação entre os movimentos e o surgimento da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, que esse ano completa sua primeira década de existência, foi muito importante nesse processo que nós vivemos mais recentemente. Acredito que a existência de um ministério, que é o ministério que coloca como seu objetivo e seu objeto a questão do racismo e a questão de combater as desigualdades raciais é essencial para que nós possamos ter dados os passos que demos.

E aí eu me refiro ao Estatuto da Igualdade Racial que completa três anos de vigência e já produziu avanços importantes. Sob inspiração desse estatuto nós ampliamos a perspectiva racial no processo de planejamento e execução das políticas do governo. Brasil afora, o estatuto tem sido uma referência legal para as instituições de ações afirmativas. As duas medidas, que eu assinei hoje, garantem, de um lado, esses avanços e, de outro, representam o fato de estarmos escutando as vozes de vocês.

O Decreto que estabelece o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial formaliza uma das medidas mais importantes do Estatuto da Igualdade Racial. Vai permitir que nós institucionalizemos essa política, vai permitir o compartilhamento de responsabilidades entre o governo federal, os estados e os municípios, e vai estar baseado na participação da sociedade civil e numa gestão democrática. Isso significa que esse Estatuto tem um poder mobilizador.

Já o projeto – você tem uma parte nisso, não é? Você tem uma grande parte nisso – já o projeto da Lei das Cotas no Serviço Público Federal, ele institui um percentual mínimo de 20% de vagas nos concursos públicos do Poder Executivo Federal. É uma iniciativa que tem imenso potencial transformador. E, mais, é um exemplo para os outros entes da Federação, para os estados e para os municípios e para as prefeituras, e também dos demais poderes – o Legislativo e o Judiciário. Nós queremos que o debate dessa proposta seja amplo, seja intenso, mas seja rápido, célere. E por isso eu estou submetendo o Projeto de Lei ao Congresso Nacional sob um regime especial, que é o regime da Urgência Constitucional. Ou seja, a partir de um determinado prazo, 45 dias, a

pauta do Congresso é trancada se projeto não for votado. Nós queremos, com essa medida, iniciar a mudança na composição racial dos servidores da administração pública federal, tornando-a representativa da composição da população brasileira. Esperamos também incentivar, como eu disse, medidas similares a essa, e esse é um importante efeito que se inicia hoje, mas eu tenho certeza que além dos demais Poderes e dos entes da Federação, nós também poderemos influenciar empresas e organizações privadas.

Meus queridos amigos e amigas aqui presentes,

Nesses 10 anos, entre a criação da Seppir e a realização dessa conferência, o Brasil mudou, mudou muito, mudou para melhor. Nós transformamos o ideal da inclusão em realidade. Estamos sistematicamente lutando para ampliar cada vez mais essa inclusão, ao abrir oportunidades para milhões de brasileiros e de brasileiras, abrir as portas da cidadania. Porque, nesta década nós, com a transferência de renda do Bolsa Família, conseguimos retirar 36 milhões de brasileiros da miséria. Nos últimos dois anos, foram 22 milhões que superaram a miséria nesses dois últimos anos, e, além disso, passaram a receber uma renda mínima por pessoa da família.

Como, no Brasil, a pobreza sempre foi predominantemente negra, atingia, sobretudo, muito mais as crianças e as mulheres, esse fato do Bolsa Família e agora do Brasil sem Miséria, com essa retirada dos 22 milhões, ela teve um efeito muito forte sobre a população negra. Um número resume isso: 78% das pessoas que superaram a miséria com a complementação da renda mínima de até 70 reais per capita são negras.

É importante perceber que, na medida em que o Bolsa Família é também uma porta de entrada em vários outros programas do governo, vários programas de emancipação, muitas oportunidades, a partir daí, se abriram para essa população, para essa população negra que tem aproveitado essas oportunidades. Vejam vocês que 65% dos alunos beneficiados com os cursos de qualificação profissional do programa Pronatec Brasil sem Miséria são negros e negras. Sessenta e cinco por cento são afrodescendentes. Quase 78% dos empreendedores do Cadastro Único que tomaram crédito de nosso programa de microcrédito produtivo orientado, o Crescer, são afrodescendentes, 60% dos que se inscreveram no programa de microempreendedor individual, o MEI.

E nós temos vários indicadores que mostram de forma contundente que enfrentar a exclusão social que, historicamente, marcou o nosso país é um dos passos para combater também a exclusão racial, mas não é o único. E tem de ser combinado com outros, porque uma base disto tem sua raiz no racismo. Por isso que a ação afirmativa é essencial, a ação voltada para a garantia de mais oportunidades para a população negra. A efetiva igualdade racial, nós só conquistaremos se elencarmos um conjunto de políticas e ações afirmativas, se revolvermos a questão cultural no nosso país, que durante muito tempo não só responsabilizou o pobre pela sua pobreza, mas também atribuiu às nossas características raciais a raiz da desigualdade. Éramos desiguais porque éramos índios, negros e brancos. Éramos desiguais porque, afinal de contas, o pobre é preguiçoso. Esta era a versão oficial que vigiu no Brasil por mais de século.

Por isso, nós temos de ter políticas e ações que permitam fechar o fosso de direitos, de oportunidades, de versões, de, eu diria assim, de pequenas histórias preconceituosas existentes entre toda a população de nosso país. E que tenta dividir negros, brancos, índios, comunidades tradicionais várias, enfim, que tentam fazer da diversidade cultural e

racial do Brasil não uma vantagem, mas uma desvantagem. É esta a grande questão que nós temos de enfrentar quando falarmos de ações afirmativas: é transformar em vantagem aquilo que secularmente foi dito para nós, para as nossas crianças, para os nossos jovens, que era uma desvantagem.

A superação da desigualdade de acesso ao ensino superior, eu concordo com o que falou aqui nossa primeira... a Júlia, a nossa primeira palestrante, ela disse que não só ao ensino superior, mas ao ensino fundamental e ao ensino médio. Ela tem toda razão. Eu vou falar da questão da desigualdade de acesso ao ensino superior porque houve uma política de cotas muito controversa, tinha muita gente contra essa política de cotas. Está ali o Paim balançando a cabeça, o Paim do Ministério da Educação. E eu acredito que essa política que garantiu acesso ao ensino superior é um exemplo dessa ação afirmativa. Com o ProUni, por exemplo, nós ampliamos muito o acesso dos jovens negros à universidade, e hoje 49% dos bolsistas são afrodescendentes.

No financiamento de acesso ao ensino superior, hoje nós temos em torno de 47% dos estudantes. Então, nós vemos o esforço que nós temos de fazer para aumentar esses números, porque esses dois programas, eles têm um foco. Eles têm um foco onde? Na população mais pobre. Então, os números ainda não representam aquilo que deveriam representar, mas é um grande avanço, sem sombra de dúvida.

E aqui eu vou cumprimentar o MEC porque essa discussão da lei das cotas no ensino superior, ela... eu tenho muita honra de ter promulgado essa lei em 2012. Nós, através do MEC, demos imediata implementação às previsões dessa lei, e já no atual ano letivo, ou seja, em 2013, todas as universidades e institutos federais atenderam a meta de 12,5% prevista na lei. Vale destacar que, em 2013, 34% das universidades federais garantem a reserva mínima de vagas de 50%, que só estava prevista para acontecer em 2016. Portanto, eles anteciparam a meta.

Eu não acho que essa lei só democratiza o acesso ao ensino superior, mas eu acho que ela faz um outro movimento. Ela garante que um dos fatores de hierarquização da nossa sociedade seja superado, porque havia uma barreira. No Brasil, ao longo de séculos, poucos negros ascenderam ao ensino superior, poucos índios, poucas comunidades tradicionais. Ascender ao ensino superior significa também evidenciar que há uma grande contribuição a ser prestada pelas populações que são objeto de racismo à cultura, à ciência, à tecnologia, à indústria, ao comércio, a todas as atividades.

Eu tenho certeza que em poucos anos, com a crescente... o aumento de percentual, essa lei vai ser reconhecida como um marco em nossa política de enfrentamento das desigualdades raciais. E eu acredito que um fato muito importante aconteceu e a gente tem de registrar. Foi a declaração de constitucionalidade das ações afirmativas pelo Supremo Tribunal Federal. Ao declarar constitucionais as ações afirmativas, foi superado um dos entraves para que essas políticas pudessem ser adotadas e essas ações se disseminassem pelo nosso país. Cabe a nós, e aqui, à Conferência, no caso, identificar quais delas serão mais potentes, quais nós devemos adotar para dar tratamento diferenciado aos desiguais e transformar o Brasil em um país de cidadãos cada vez mais iguais.

As comunidades quilombolas, por sua vez, elas têm um papel muito importante nesse quadro e elas são fundamentais para a nossa história e para a nossa cultura. Portanto,

nesse contexto, preservar o legado das comunidades quilombolas, garantir cidadania, repara injustiças históricas, mas, mais do que isso, promove também a valorização, para toda a população brasileira, das suas origens e da sua cultura. É, nesse sentido, uma imensa ação afirmativa. Por essa razão, nós implementamos medidas específicas para o povo quilombola. São ações de titulação de comunidades, inclusão de famílias no Bolsa Família, de apoio a escolas quilombolas, de implementação de sistema de saneamento e água, de garantir energia através do Luz para Todos.

Eu quero aqui fazer uma comunicação à conferência: nós estamos colocando as comunidades quilombolas, junto com os distritos indígenas, como locais privilegiados e prioritários para receberem médicos do Mais Médicos. Nessa próxima distribuição dos médicos do Mais Médicos, que nós já distribuimos, até agora, 3.600, vem mais 3 mil, chegando a 6.600, nessa próxima distribuição, nós vamos basicamente fazer o foco no que falta ainda dos distritos indígenas e iniciar um processo muito efetivo, porque os distritos indígenas são menores e as comunidades quilombolas são maiores, e enfrentar a questão das comunidades quilombolas e do acesso ao médico. Quero dizer que até março desse ano que vem, nós estaremos com todas atendidas.

E quero dizer também que nós, no caso da saúde, nós vamos criar, no Ministério da Saúde, inclusive por grande demanda da Seppir, uma instância específica para coordenar as ações voltadas para a população negra. É mérito da ministra Luiza Bairros.

Finalmente, eu quero dizer a vocês que o governo federal dará todo o respaldo à questão do Plano Juventude Viva, principalmente porque estamos articulando todas as esferas, todos os ministérios, todos os governos estaduais e também a justiça, através do CNJ e do Ministério Público, no sentido de assegurar que haja, de fato, um foco nessa questão que muitos chamam de genocídio da juventude negra. Nós queremos também dizer que nós estamos interessados em combater a violência com a ampliação da cidadania, mas também coibindo a violência contra os jovens negros, e isso é muito importante.

E eu quero dizer que nós reiteramos apoio do governo ao projeto de lei sobre os autos de resistência. Nós queremos, com esse apoio, que todos os direitos sejam garantidos e todos os delitos praticados sejam devidamente investigados. O que, certamente, vai contribuir para reverter a violência e a discriminação que recaem sobre a população negra com esses autos de resistência.

Por fim, eu queria me dirigir aos delegados e às delegadas. Eu sei que foi um processo longo para que vocês chegassem até aqui. E eu queria dizer uma coisa que é muito importante, é que a gente tem de honrar a história, e eu vou falar dos negros pela violência, ao longo do tempo, praticada com eles, mas também podia estar falando dos indígenas. Peço que entendam isso como uma simbologia. Eu acredito que a luta dos negros, assim como de todas as outras raças e etnias deste país, forjou seus próprios heróis, seus próprios líderes. Agora, são heróis e líderes que vocês – e aí eu quero dizer isso do fundo do meu coração – também têm de entender que são heróis e líderes de todo o povo brasileiro, porque ajudaram o nosso povo a chegar à democracia e à liberdade. De Zumbi dos Palmares a André Rebouças, de André Rebouças a Luiz Gama, dele, por exemplo, a João Cândido, o almirante negro, a todos os homens e mulheres, a todos os homens e mulheres anônimos que lutaram, ao longo de todos os tempos, e que deram contribuição à liberdade e ao direito de escolher seu próprio destino, por que...

Abdias, eu devia ter falado Abdias, porque eu o conheci. Mas a todos eles, aos anônimos também, que tiveram o direito, que lutaram pelo direito de liberdade e, portanto, o direito da sua própria escolha.

Essa crença na liberdade e na escolha de cada um e de cada comunidade está no âmbito de qualquer processo democrático, de qualquer democracia. E nós teremos uma democracia tanto mais forte quanto mais formos capazes de garantir a todos os cidadãos igualdade de oportunidades para fazer as suas escolhas. Nós não queremos saber se vão escolher ou não, nós temos de garantir que possam escolher.

O meu governo e toda a sociedade sabem que é fundamental a presença de movimentos organizados para, nos debates... e eu queria me referir aqui especificamente a essa conferência, essa terceira Conferência, que vai se realizar nos próximos dias, para acelerar, cada vez mais, a conquista da igualdade racial e da rejeição ao racismo no nosso país. É uma tarefa conjunta, cada um vai fazer a sua parte.

E aí eu encerro como a ministra Luiza encerrou: vocês venham preparados. Eu tenho certeza que virão.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura de decreto de adaptação das rádios AM para FM – Brasília/DF
Brasília-DF, 07 de novembro de 2013**

Bom dia a todos.

Queria cumprimentar o presidente do Senado Federal, senador Renan Calheiros.

Cumprimentar os ministros de Estado, cumprimentando o ministro Paulo Bernardo Silva, das Comunicações, e a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil.

Cumprimentar os senadores José Pimentel, líder do governo no Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira e o senador Walter Pinheiro.

Cumprimentar todos os deputados, cumprimentando o líder do governo na Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia.

Cumprimentar o presidente interino da Agência Nacional de Telecomunicações, senhor Jarbas José Valente.

Cumprimentar os senhores representantes das associações dos radiodifusores: Daniel Pimentel Slaviero, presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão Abertas; João Carlos Saad, presidente da Associação Brasileira de Radiodifusores (ABRA); Luiz Cláudio da Silva Costa, presidente da Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abratel).

Por meio dos quais quero cumprimentar todos os conselhos superiores das associações de rádio e televisão, empresários e profissionais do setor de radiodifusão: João Roberto Marinho, Nelson Sirotsky, Alexandre Jobim, Flávio Lara Resende, Márcio Novaes.

Queria cumprimentar todos os radialistas.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Ao assinar esse decreto eu faço justiça a milhares de radialistas e às rádios AM espalhadas por esse nosso imenso território, transmitindo notícias, tocando música, prestando serviços à população.

Em muitas pequenas localidades do nosso país, na Amazônia, no interior do semi-árido, nos nossos Pampas ou no meio do Pantanal, são essas as rádios que são os instrumentos de conexão entre as pessoas que integram a nossa população. Entre essas pessoas e seu país. As rádios AM são um verdadeiro patrimônio do Brasil. Por isso é importante que o Estado crie condições para que continuem prestando seus serviços e se adaptem às mudanças na tecnologia e no mercado das comunicações.

A migração, que nós acabamos de autorizar, das faixas AM para a faixa FM, ela vai, sem dúvida, melhorar a qualidade da transmissão, com menos ruído, com menos interferência. As atuais rádios AM vão manter seus ouvintes e até poderão aumentar a audiência ganhando mais poder de negociação com os anunciantes.

Essa mudança de faixa vai também propiciar melhores condições técnicas para que as rádios façam, por meio de novos aplicativos, a transmissão de sua programação para celulares, tablets via internet. Ao cativar as novas gerações que estão acostumadas ao uso desses novos equipamentos, este fato ajudará a reafirmar o rádio como meio de comunicação universal que ultrapasse fronteiras etárias, geográficas e sociais.

Nós sabemos que quando assunto é rádio, é inevitável que pessoas, por exemplo, da minha geração, acabemos falando da nossa própria história e da história do rádio. Afinal, o rádio teve uma imensa proximidade com a vida dos ouvintes num período em que dominou as formas de comunicação, e, aliás, durante um período razoavelmente grande, e permitiu que os radialistas trouxessem para dentro de nossas casas todo um mundo diferenciado que era o Brasil naquele então. Como todas as pessoas da minha geração, eu tenho boas e vivas lembranças ligadas ao rádio. Estava falando com os radiodifusores há pouco que eu escutei rádio antes de ler e acredito que o fato do rádio levar a cada um de nós a imaginar tenha sido um dos responsáveis pela paixão pela leitura que eu adquiri. Vejam vocês que é algo interessante o rádio e o livro. Acredito que sempre há essa relação entre os diferentes meios de se apropriar, de cada um de nós se apropriar da cultura, se apropriar da história e se apropriar da vida do dia-a-dia da sua época. Acho que isso vale para todas as gerações, desde que a primeira transmissão do rádio foi realizada, como disse o Slaviero, há 91 anos atrás. Eu vivi minha infância na fase áurea da radionovela, também ainda gosto de novela, tem uma fonte neste fato de que eu me habituei a escutá-las na infância. Eu lembro da minha mãe e da minha tia escutando “O Direito de Nascer”, e, extremamente emocionadas com o destino do Albertinho Limonta. Eu lembro que no período das seis horas da tarde, em Belo Horizonte, a gente escutava a Rádio Nacional, e escutava Jerônimo e os Herói do Sertão e as aventuras de um detetive chamado Santo. O Jerônimo Herói do Sertão era interessante, um herói local, coisa rara no Brasil, mas era um herói local, ele e o moleque saci. Eu estava até perguntando, perguntei para várias pessoas, perguntei para o Renan Calheiros, perguntei para várias pessoas se alguém lembrava o nome da namorada do Jerônimo, ninguém lembrou. Espero que alguma alma caridosa aqui lembre, porque eu não consegui entrar na internet. Lá a gente acha o nome da namorada do Jerônimo.

Quando a gente olha para trás, a gente lembra também que o rádio levou ao Brasil as duas primeiras vitórias brasileiras no futebol, 58 e 62, foi através do rádio, principalmente, através do rádio, que nós escutamos e imaginamos os jogos que nos levaram à vitória. Eu tenho uma verdadeira admiração pelos sonoplastas, que são os responsáveis por muito da nossa capacidade de imaginar. E é interessante que a sonoplastia te permitia imaginar até cores, o que era interessante porque vinha através do som. O som abria um mundo que só a inexistência da imagem permitia que você recriasse por si mesmo. E aí eu não posso deixar de lembrar do programa Balança Mas Não Cai, e do Primo Rico, Primo Pobre... - aqui acabam de me informar que... o Anthony Garotinho disse que o nome da namorada do Jerônimo é Aninha, acho que era Aninha mesmo! – que são personagens que a gente lembra, vividos por grandes atores brasileiros.

É importante também lembrar que o Brasil ouvia o Repórter Esso. No caso da minha experiência, o meu pai escutava o Repórter Esso. A chamada testemunha ocular da história. E a gente sabe que os fatos só se transformavam em verdadeira realidade quando anunciados pelo Repórter Esso. No Brasil, o Repórter Esso teve esse imenso poder de dar realidade aos acontecimentos. Todos nós lamentamos, pelo menos eu testemunho que eu lamentei e acho que milhões lamentaram o fechamento da Rádio Mayrink Veiga em 1964, após o golpe militar.

Queria também dizer que nos duros anos de prisão as notícias e as músicas chegavam também através do rádio. Algumas vezes através do fato que nós, por causa do sinal AM, conseguíamos acessar rádios internacionais. Um rádio grande chamado Transglobe, com uma antena que a gente potencializava com bombril era um dos instrumentos de contato com o mundo. Se tudo isso é história, eu acredito que essa história demonstre a capacidade do rádio de aproximar um mundo de nós mesmo. E eu quero dizer que eu, de fato, me considero um pouco radialista porque eu faço um programa de rádio toda semana, o chamado “Café com a Presidenta”. Nessas ocasiões eu percebo através... por meio do rádio que o rádio ainda tem, e terá por muito tempo, esse poder de nos aproximar das pessoas e da população. Como dizia um teórico das Comunicações, o rádio é um meio quente, e ele permite essa quase conversa com as pessoas.

Por isso, eu acredito que ainda hoje o rádio seja uma das principais fontes de informação, uma das principais fontes de entretenimento, e isso se dá integrado ao dia-a-dia das pessoas, e muitas das pessoas utilizam o rádio junto com as suas atividades cotidianas de trabalho. A dona de casa com sua atividade do dia-a-dia. Muitas pessoas fazem do rádio um companheiro que divide com ela a solidão.

Por isso, hoje, quando a gente comemora - dia 7 de novembro, Dia do Radialista – eu acho que a assinatura desse decreto é um momento essencial para que a gente possa, de fato, dar as condições para a sobrevivência, e mais do que sobrevivência, para o crescimento, a expansão dessas milhares – para não dizer milhões - de pequenas rádios, de rádios médias e de grandes rádios que informam, alegram e de fato entretêm os milhões de brasileiros por esse país a fora.

Queria dizer que todos nós que fomos criados ouvindo rádio e os que conseguiram ter acesso a outros meios de comunicação além do rádio, a televisão, internet, sabem a importância que a voz sempre tem nessas comunicações. E hoje também estavam comentando algo interessante, de como os bons comunicadores no rádio geralmente são

bons comunicadores nos outros meios e nas outras mídias. O trabalho dos radialistas sempre irradiou um caráter afetoso e companheiro, influenciou muitos locutores, influenciaram até nas expressões que nós usamos. Eu acredito que a Rádio Nacional e as outras rádios dos anos 50 permitiram já naquele momento que as músicas do Rio Grande do Sul fossem ouvidas no Nordeste, que Luiz Gonzaga fosse ouvido no Sudeste e no Sul, que nós construíssemos a nossa diversidade articulando as nossas diferenças, e não segregando as diferenças. Isso também que a televisão contribuiu para que tivéssemos uma unidade de linguagem nacional em que pese os nossos diferentes sotaques, é algo que teve início e sustentação com a rádio. Não é por acaso que o Dia do Radialista é um dia em que se comemora um dos maiores nomes do nosso rádio, e da nossa música, o mineiro Ary Barroso. Homem de rádio, fazia de tudo: narrava jogo de futebol, atuava em programa de humor, em novela, compositor talentoso, encantou o mundo com a nossa música, e não é possível esquecer que ele e a Carmen Miranda transformaram certas músicas em quase hinos nacionais.

Hoje, como nos tempos de Ary Barroso, o trabalho duro, o talento e a criatividade continuam presentes nos trabalhos de nossos radialistas. São milhares de profissionais que todos os dias que fazem comentários, divulgam notícias, narram com emoção jogos de futebol e irradiam nossa música e descobrem até novos talentos.

A todos os radialistas nossa homenagem nossos agradecimentos. Graças a vocês o hábito de ouvir rádio continua arraigado no coração de brasileiros e brasileiras. Que o decreto que eu assinei hoje rejuvenesça e fortaleça nossas rádios, que rejuvenesça e fortaleça nossas rádios AM, celeiros de tantos radialistas memoráveis.

Parabéns aos radiodifusores, parabéns aos radialistas, parabéns a todas as rádios que têm um caminho e alternativa a partir desse decreto.

Muito obrigada a todos vocês.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de investimentos do PAC2 Mobilidade Urbana para Guarulhos e Osasco – Guarulhos/SP
Guarulhos-SP, 07 de novembro de 2013**

Muito boa tarde. Então, “vambora”: Boa tarde.

Eu começo dizendo para vocês que eu queria pedir licença e queria agradecer e fazer um cumprimento muito especial às médicas e aos médicos do Programa Mais Médicos que vieram nos ajudar aqui no Brasil. Ao cumprimentar os médicos cubanos, eu cumprimento os médicos das outras nacionalidades e os médicos brasileiros que integram esse Programa Mais Médicos que, além de ser um programa pela saúde de qualidade, é um programa com grande conteúdo de humanidade.

Queria também saudar os nossos dois prefeitos que participam dessa cerimônia. Primeiro, o prefeito Sebastião Almeida, de Guarulhos, e a primeira-dama, Lourdes Almeida. Depois, eu queria saudar o prefeito de Osasco, Jorge Lapas, e a senhora primeira-dama de Osasco, Sandra Regina Lapas.

Saudar o nosso querido prefeito de São Paulo, o prefeito Fernando Haddad. Ao cumprimentar os três, eu queria cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes.

Queria agradecer e cumprimentar, também, a todos aqueles empresários que aqui estão, vereadores, secretários municipais.

E cumprimentar também o representante do governo do estado de São Paulo, o secretário Semeghini.

Queria cumprimentar os ministros que me acompanham: ministro Aguinaldo, das Cidades; e a ministra Helena Chagas, ministra da Comunicação Social.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Aline Corrêa, Arlindo Chinaglia, Vanderlei Siraque.

Cumprimentar o Júlio Eduardo Santos, Secretário Nacional de Transporte e Mobilidade Urbana.

Queria dirigir um cumprimento especial aos presidentes das Câmaras Municipais, de Guarulhos, Eduardo Soltur, e de Osasco, Antônio Aparecido Toniolo.

Cumprimentar os deputados estaduais aqui presentes: o Alencar, o Marcos Martins e o meu querido amigo e companheiro Edinho Silva.

Cumprimentar os ex-prefeitos: o querido Eloi Pietá, de Guarulhos; o querido Emídio. Vamos saudar também o Emídio de Souza, de Osasco.

E cumprimentar os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Eu estou aqui hoje... eu já vim aqui em São Paulo por essa questão de mobilidade urbana algumas vezes. Estive lá com o prefeito Fernando Haddad, e com o Fernando Haddad nós fizemos um conjunto de lançamentos de investimentos em BRTs, em corredores de ônibus, para que o tráfego da cidade de São Paulo tivesse uma melhoria significativa. Depois estive com o prefeito, o nosso querido prefeito Marinho, lá no ABC, e lá, juntamente com o Marinho, prefeito de São Bernardo do Campo, fizemos uma cerimônia com as prefeituras do ABC – São Bernardo, São Caetano, Santo André, além de Diadema e as outras prefeituras daquela região. Depois fomos a São Paulo lançar o metrô e outras obras além do metrô... metrô esse que, por sinal, chega aqui em Guarulhos, o que é uma conquista de vocês, é uma conquista de vocês. É uma conquista de vocês, uma conquista do prefeito. Ah, é, sim! E essa parceria entre o governo estadual, os prefeitos, no caso o prefeito de Guarulhos e o governo federal, ela tem esse sentido de provocar uma ação conjunta, e resolver aqueles problemas, que são os problemas fundamentais da população.

Agora eu estou aqui, em Guarulhos, juntos estamos nós e a prefeitura de Osasco, Guarulhos e Osasco. O prefeito de Osasco me perguntou se eu vou visitar Osasco. Olha, prefeito, terei o maior prazer em também fazer um lançamento lá em Osasco. Mas, na verdade, eu estou numa das maiores regiões metropolitanas do Brasil, da América Latina e, eu tenho certeza, uma região que por qualquer critério ganha: por critério de população, por critério de produção industrial, de dinamismo comercial, de dinamismo de serviços, de empreendedorismo, de capacidade de trabalho da sua população, de diversidade cultural. Essa é uma realidade, aqui nós estamos numa das regiões que concentra uma parte do nosso país. Aqui tem uma parte do coração do Brasil, que é grande, mas é uma parte significativa. Esses 39 municípios, eles se concentram, se complementam, e tem horas que a gente não sabe onde acaba um e começa outro, porque são municípios que se

integraram. Por isso, é muito importante a gente olhar e ver que a gente precisa de se integrar. Nós precisamos de uma ação conjunta e coordenada.

Todos os moradores de Guarulhos e de Osasco sabem o que significa essa proximidade e como ela é importante. Todo dia tem gente que sai dali e vem trabalhar aqui, sai de lá e vai trabalhar mais acolá, mais longe. Então, é essa... essa movimentação coloca a questão da mobilidade urbana no centro da questão da qualidade de vida das pessoas.

Nós olhamos aqui para esse evento e vemos que estamos aqui num espaço fantástico. Aqui nós vemos que está sendo empregado uma série... está sendo empregado aço, cimento, telhas, mas aqui tem, sobretudo, um grande benefício, o benefício que vi há pouco, quando um conjunto de crianças, jovens, jovens adultos fizeram uma demonstração de ginástica acrobática para mim que acelera o coração da gente, porque você vê aquela pirâmide humana com uma criança lá em cima quase encostando no teto. Uma imensa capacidade artística, uma precisão que mostra que a gente sempre tem de ver por trás dos prédios e das obras a sua utilidade.

A mesma coisa acontece com a tal da mobilidade urbana. Nós estamos falando de transporte público de qualidade, e aí tem uma coisa que a gente tem de perceber, que tem um imenso valor na vida de qualquer um de nós: o tempo. O tempo, porque nós precisamos usar o nosso tempo de forma a equilibrar o quanto nós ficamos no trabalho, mas também o nosso tempo afetivo, para a nossa família, o nosso tempo de lazer, o nosso tempo de estudo, enfim, aquele tempo que significa qualidade de vida. Transporte urbano é tempo, transporte urbano também é algo que afeta o bolso das pessoas, que, como a gente usa todos os dias, nós temos de saber quanto é que ele custa e quanto é que ele implica de perda de tempo e implica também em menos renda.

Por isso que é importantíssima a questão da mobilidade urbana, é porque ela afeta a nossa vida, de cada um de nós, mesmo aquele pessoal que não anda de ônibus porque anda de carro, afeta o tempo deles também, porque ter mais carro privado do que transporte público diminui o trânsito, o fluxo do trânsito. É necessário que a gente saiba que o carro pode ser deixado em casa e que todo mundo tem de ter acesso a um transporte público de qualidade. Isso implica em metrô, implica no tal do BRT, que, na verdade, no início se chamava ligeirinho. O BRT, quando nasceu, se chamava Ligeirinho. Mas você sabe como é que é aquela história, o povo gosta de nome inglês. Chama hoje Bus Rapid Transport, eu acho. Transport. Então, vocês vejam que conseguem complicar o BRT é o popular ligeirinho, criado neste país, lá em Curitiba, há muitos anos atrás. E esse ligeirinho nada mais é que uma ideia muito interessante: garantir que os ônibus funcionassem de uma forma parecida com os metrôs. Eles tinham um trilho, como se fosse um trilho; eles tinham um canal, então, eles eram segregados e passavam só ali, não interrompia-se o trânsito, ele não ficava parado. O BRT, por isso, chamava, naquela época, ligeirinho.

Nós temos de fazer ligeirinhos, BRTs, nós temos de fazer metrôs, temos de fazer VLTs. Temos de resolver problemas urbanos como é essa questão do trevo de Bonsucesso. Porque o trevo de Bonsucesso é um problema de uma solução, ou seja, quando Guarulhos cresceu, quando cresceu essa região e Osasco, criou-se o problema de termos uma rodovia que cortava uma cidade. Então, aquele é um problema de tráfego, mas não é só de tráfego, é de segurança. O prefeito estava me dizendo, por exemplo, que muitas

vezes as cargas ali, porque ficam paralisadas, correm risco de serem objeto de violência, delitos em geral, e também de conforto para as pessoas. Para você não ter de atravessar uma rodovia ultramovimentada é fundamental que tenha aquele escoamento. Agora, sobretudo, essa diferenciação entre modais, ela é importante sabe para quê? Para o bilhete único. O bilhete único é uma das formas que precisa da integração das diferentes formas de transporte.

E aí eu quero dizer que eu venho aqui hoje para lançar 4 corredores, para além do que nós já fizemos, para além do que está em dia. E aí eu queria falar para o prefeito que ele está de parabéns. Eu peguei, aqui, toda a lista de obras de mobilidade urbana em curso na região, e eu queria dizer para vocês que tem duas colunas, uma coluna que está escrito "licitação!", aqui, na coluna de licitação, nós temos quase doze obras, todas as obras, no que se refere à licitação, estão Ok. Então, significa o quê? Que isso que nós estamos assinando hoje, aqui, que é o corredor João Paulo I, o corredor Jamil Zarif, o corredor Paulo Faccini, e o corredor Otávio Braga Mesquita podem começar assim que nós acabarmos de assinar este contrato. Por isso que eu queria cumprimentar o prefeito, queria cumprimentar. Teve um momento que ele teve de fazer os projetos, porque às vezes as pessoas acham que tudo é automático. Não é, não. Tem trabalho, tem tempo de trabalho aqui.

E, no caso da prefeitura de Osasco, também nós temos um lançamento que é importante. Por que ele é importante? Primeiro, porque nós temos a implantação da avenida... não, não é dessa avenida. É... no caso de Osasco, são R\$ 124 milhões. Nós vamos construir o corredor Visconde Nova Granada ao Sport Club Corinthians. E vamos... e aqui eu acho que tem um dos projetos que eu acho muito importante, que é fazer o estudo de viabilidade, para quê? Para que nós possamos investir num VLT que vai trafegar nas linhas marginais do Rodoanel, entre Osasco e Carapicuíba. Sem dúvida nenhuma, esse é o projeto mais caro do senhor prefeito, porque é um veículo leve sobre trilhos. VLT é isso: veículo... Esse é mais fácil, porque aquele BRT é bus rapid. Esse é veículo leve sobre trilhos – VLT. Então é algo muito mais acessível à língua portuguesa. E aqui eu queria dizer que é um projeto que eu considero um projeto também estratégico naquela região de Osasco.

Mas eu não posso deixar de falar para vocês que nós aqui em São Paulo estamos investindo, só o governo federal está investindo 21 bilhões de reais. Uma parte, é bom que vocês saibam, uma parte é Orçamento Geral da União, portanto, é dinheiro que não é necessário pagar ao governo federal. É dinheiro chamado "a fundo perdido". De perdido não tem nada, mas é chamado assim. E outra parte é empréstimo, um empréstimo adequado, porque no Brasil não se tinha empréstimo adequado a obras desse porte, nem a obras que é necessário dar tempo para ser feita, dar tempo para o processo retornar e ela poder ser paga. Por isso que não se fez durante muito anos metrô neste país. Porque nós financiamos com 30 anos para pagar, 5 anos de carência e juros subsidiados. Então, tem modelo, hoje, em pé, que viabiliza esses grandes projetos de mobilidade urbana.

Mas eu também quero falar de uma coisa que eu considero muito importante. Eu quero falar para vocês, aproveitando a presença dos médicos, do Mais Médicos. Um país como o Brasil não pode esperar a formação de médicos aqui no Brasil, porque geralmente leva 6 anos para que nós tenhamos médicos suficientes para atender a população. Isso

significou para nós, então, primeiro uma chamada de médicos brasileiros e, depois, chamamos médicos formados fora do Brasil. Esses médicos formados fora do Brasil, junto com os médicos brasileiros, o que é o objetivo deles? O objetivo deles é atender algumas regiões do Brasil onde não tinha médico, geralmente não tinha médico nas regiões onde tinha maiores níveis de pobreza. E onde estão essas regiões? Começando pelas mais distantes, seguramente estão na fronteira do Brasil, seguramente nos distritos indígenas, seguramente junto às populações quilombolas, seguramente no Norte e no Nordeste do país, no caso do Nordeste, no semiárido, mas também nas grandes cidades do nosso país, nas suas periferias, como São Paulo, Guarulhos – estou falando grandes cidades deste país, porque Guarulhos e Osasco são duas grandes cidades deste país, elas são, em alguns casos, maiores que muitas cidades médias do Brasil inteiro. E isso mostrava claramente que tinha um problema de atendimento da saúde.

E aí, porque que eu agradeço aos médicos que estão aqui nos ajudando. Primeiro, pelo carinho com os pacientes, que é um carinho reconhecido pelos pacientes. As próprias pessoas que estão sendo atendidas ficam muito gratas, extremamente gratas por terem esse atendimento humano, esse atendimento caloroso. Segundo, porque estão em regiões que... onde o Brasil mais precisa, porque nós sabemos que o acesso a serviços públicos de qualidade é também uma questão fundamental para acabar com a desigualdade no Brasil. E, terceiro, por um motivo: porque eles deixaram suas famílias, eles deixaram os seus países e vêm morar no Brasil, e eu tenho certeza absoluta, porque eu conheço o nosso povo, eu sei que nós somos um povo bondoso, um povo generoso, um povo alegre e um povo que tem uma imensa capacidade de fazer amigos e amizade. Então, sei perfeitamente também que eles serão bem recebidos. Aliás, outro dia eu disse: na verdade, eles são muito parecidos. Acho que os nossos... principalmente o pessoal que vem aqui da América Latina, do Caribe, são muito parecidos com nós, brasileiros. Então, eu tenho certeza que eles vão se sentir em casa.

Mas eu queria dizer que é importantíssimo esse programa, é importantíssimo porque, eu não sei se vocês sabem, mas no Brasil tinha municípios que não tinham um único médico. Aqui eu vejo muitas mulheres, mães, avós, ou aquelas que têm irmãos, enfim, que tem o convívio com a criança e sabem que criança gosta muito de ficar doente de madrugada, quando a gente não tem para onde ir. Se não tiver um médico na cidade, como é que uma mãe faz, uma avó faz, uma irmã faz? Então, ter médico na cidade, ter médico na comunidade é algo essencial. Nós, do governo federal, não podíamos conviver com o fato de que tinha muitos municípios no nosso país, centenas, para não dizer milhares, que tinham médico só de forma intermitente.

A segunda coisa que eu queria falar para vocês diz respeito a uma outra questão. Eu vejo aqui muitos jovens e também vejo aqui muitas mulheres, vejo homens, mas vejo muitos jovens e crianças... Eu vi, ao longo da apresentação feita a mim. E é sobre educação que eu quero falar. Porque nós temos de ter uma certeza: a educação é o caminho do Brasil. Se tem um caminho certo para o Brasil... um dos prefeitos, eu acho que foi o Sebastião, disse que é aquele presente que o pai pode dar aos filhos. Eu acho que a educação é, ele tem razão, é esse presente, esse patrimônio que o pai pode deixar para o filho, e a mãe. Durante muito tempo não puderam deixar.

Nós precisamos de assegurar que todos os brasileiros e as brasileiras tenham acesso a esse caminho, que é um caminho que garante duas coisas. Para os mais pobres, e aí eu falo para população do Bolsa Família, Bolsa Família que está fazendo 10 anos esse ano, Bolsa Família que tirou 36 milhões de brasileiros da miséria. A saída da miséria é só um começo. Para sair da miséria de forma permanente tem o caminho, e esse é o da educação. É creche para as crianças, ensino em tempo integral, alfabetização na idade certa, professores bem formados e bem pagos, ensino técnico profissionalizante, o Pronatec para trabalhadores, para jovens trabalhadores, e ensino técnico profissionalizante para complementar o ensino médio, e acesso à universidade e acesso à formação nas melhores escolas do exterior.

Para isso é necessário dinheiro. Ninguém tem dúvida que não se faz educação sem investir, primeiro nas pessoas, depois nas escolas, nos laboratórios, nos livros, nos I-pads ou tablets. Agora, de onde vem o dinheiro? O Brasil não é um país pobre, mas o Brasil tem de separar a sua maior riqueza, a sua mais poderosa riqueza para investir na educação. E essa riqueza que eu estou falando, é uma riqueza finita, um dia, um dia, que geralmente não está perto,... ela começará a diminuir. Essa riqueza é o petróleo. Por isso foi muito importante a aprovação dos royalties do petróleo, e eu vou falar para vocês daqui a pouco do Fundo Social do pré-sal para ser investido 75% na educação. Por que é que foi importante? Porque para a gente fazer escola em tempo integral, nós vamos ter de ampliar as escolas.

Hoje nós estamos fazendo com 50 mil, mas ainda de forma... não, eu diria assim, ainda não da forma como deve ser. Por que é que tem de fazer escola em tempo integral? Ah, é simples! Tem de fazer escola em tempo integral porque nenhum país do mundo se desenvolveu sem escola em tempo integral, nenhuma nação, porque é a nação que desenvolve, nenhuma nação se tornou uma nação desenvolvida sem que seus alunos fossem alunos de um período que não é de quatro horas numa escola, de um período além de seis horas, de sete horas dentro da escola. E aqui no Brasil isso será necessário, e nesse segundo período tem de estudar português, matemática, ciências e uma língua. Não é só... só, hein? Estou falando só. É também. Não é só para artes, é também, e nem só para esporte, é também. Mas o grosso é português, matemática, ciências e uma língua estrangeira. Isso é fundamental para nós virarmos uma nação desenvolvida. Sem isso nós não viramos. E isso é crucial para tirar milhões e milhões de brasileiros permanentemente de uma situação de pobreza, porque nós sabemos que isso começa também na creche. Por isso eu fiquei felicíssima com o dado da creche contratada aqui por Guarulhos, porque creche, durante muito tempo, pelo menos na minha época – e eu sou um pouco antiga, para não dizer que eu sou velha, sou um pouco antiga – era assim. A creche era vista como um lugar para a gente deixar os filhos para poder ir trabalhar. Mas creche não é para isso, não, viu, gente? Pode até ser uma consequência secundária, mas a creche é para criança, porque todos os estudos mostram que entre 0 a 3 anos, e depois, de 3 a 6, se forma, na criança, todas as maiores aptidões, inclusive algumas, algumas que eles chamam de não-cognitiva. O que quer dizer isso? Quer dizer que não só aquelas que se ensina, é a forma pela qual a criança exercita seu ouvido, se relaciona com os objetos, com as pessoas. Tanto é assim que a ONU vai fazer, aqui no Brasil, no ano que vem, no ano que vem, um congresso sobre isto, sobre a questão da criança de ter acesso a

incentivos não-cognitivos. Portanto, criança tem que ir para a creche e, principalmente, crianças das classes populares deste país. Porque, se a gente quer atacar a raiz da desigualdade, nós temos de atacar... todo mundo aqui é diferente de todo mundo, ninguém é igual, mas tem uma coisa que tem de ser igual, a oportunidade tem que ser igual. E aí, se a gente quer que os brasileirinhos, os brasileirinhos e as brasileirinhas tenham acesso ao que tiver de melhor em educação, tem de dar creche para eles. Por isso, eu dou os parabéns ao Sebastião, e dou os parabéns ao prefeito Jorge Lapas, os dois que estão nesse processo de implantar creche no seu município. Nós precisamos dessa estrutura.

E eu queria finalizar contando para vocês de onde sai uma parte muito grande do dinheiro: sai do tal do pré-sal. O pré-sal é onde está a maior riqueza do Brasil na área de petróleo. Para vocês terem uma ideia, esse Campo de Libra, que vai ser uma das fontes para a gente garantir que a riqueza do petróleo se transforme em educação, salas de aula, em conhecimento, esse Campo de Libra, ele equivale, durante 100 anos nós... É menos, tá? É menos. Vamos botar aí, durante 50 anos, é 40, mas vou botar 50. Cinquenta anos, o Brasil explorou petróleo, porque diziam que não tinha petróleo aqui. Quando nós passamos a explorar, daquele momento que nós começamos até hoje, nós achamos 15... nós temos uma reserva de 15 bilhões de barris. Esse campo, só ele, tem de 8 a 12 bilhões de barris.

Além disso, hoje, nós produzimos, somando a Petrobras e todas as outras empresas, uns 2,1 milhões barris/dia. Ele, no auge dele, terá 1,4 milhão barris/dia, 77% de tudo o que nós tivemos até agora. E como é que fica... você podia me perguntar, alguém aqui podia me perguntar: "mas, vem cá, presidenta, como é que fica esse dinheiro aí que vai vir desse Campo? Quanto é o dinheiro?" Ô gente, o dinheiro, durante 35 anos, será um pouco mais de 1 trilhão de reais, uns 500 bilhões de dólares, dos quais, e aí é que vem a boa notícia, 75% é do governo, aí incluído federal, estadual, municipal, e 25% é das empresas que exploram. Por quê? Porque todo mundo sabe que ali tem petróleo. Antes não era assim. Antes o petróleo ficava para quem descobria. Por que é que ficava? Porque o risco de não achar petróleo era muito grande e muito alto. Então, pagava royalties e o petróleo ficava com quem descobria. Agora o petróleo fica predominantemente, como nós sabemos que tem petróleo, tem muito petróleo, é de boa qualidade e sabemos onde está, 75% é nosso. Se a gente somar a parte da Petrobras, a nossa, nós ficamos com 85%. É daí que vai sair, nos próximos anos, a riqueza para melhorar a educação deste país. É daí que vai sair. E aí, o resto da boa notícia. Isso foi colocado em lei, e eu conto para vocês porque é uma questão que beneficia a cada um dos brasileiros e das brasileiras, e que garante que nós tenhamos, ao longo dos próximos anos, um projeto de educação que vai honrar o tamanho e o potencial deste país e do seu povo.

Por isso, num, numa... veja bem, num evento de mobilidade urbana, eu falei do transporte urbano, eu falei da saúde com o Mais Médicos e eu falei de educação porque eles têm uma coisa em comum. Um governo não pode governar olhando simplesmente o efeito das suas ações, materialmente falando: quanto de concreto, quanto de aço, quanto de alumínio. Ele tem de olhar o que ele trouxe de benefício para cada um dos brasileiros e das brasileiras.

Um beijo no coração. Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de conclusão da Plataforma P-58 - Rio Grande/RS
Rio Grande-RS, 08 de novembro de 2013**

Boa tarde a todos aqui presentes, boa tarde.

Eu queria começar cumprimentando cada um dos trabalhadores e cada uma das trabalhadoras, tanto do estaleiro Honório Bicalho quanto do estaleiro Rio Grande. Para mim é uma honra, mas mais do que uma honra, quero dizer para vocês, faz bem à alma estar aqui hoje. E eu vou explicar no meu discurso porque faz bem à alma.

Querida cumprimentar o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro.

Os ministros de Estado que me acompanham aqui hoje. A ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social, e a ministra Maria do Rosário, da Secretaria dos Direitos Humanos.

Cumprimentar o prefeito em exercício, Artur Lawson e a senhora Silvia Lawson.

Os deputados federais Fernando Marrone, Henrique Fontana e Paulo Ferreira.

Querida cumprimentar minha querida presidenta da Petrobras, Graça Foster.

Cumprimentar os diretores da Petrobras: Alcides Martins, de Gás e Energia; o Formigli, da Produção e Exploração; e o Figueiredo, da Engenharia, Tecnologia e Materiais. Por intermédio deles eu cumprimento aqui todos os trabalhadores e trabalhadoras da Petrobras e quero também cumprimentar o Marco Antonio Martins, secretário de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis, do Ministério de Minas e Energia.

Querida dirigir também um cumprimento especial aos empresários: Ricardo de Queiroz Galvão, presidente da Holding Queiroz Galvão; Jerson Almada, presidente da Holding Engevix.

Querida cumprimentar também o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio Grande, Sandro Barros; o presidente do Sinaval, nosso querido Ariovaldo Rocha.

Cumprimentar os jornalistas e as jornalistas aqui presentes, os companheiros fotógrafos e cinegrafistas.

Eu disse para vocês que para mim faz bem à alma vir aqui no Polo Naval do Rio Grande do Sul, do Rio Grande. Sabe por que faz bem à alma? Porque a gente fica muito feliz quando vê uma coisa pela qual se lutou, que diziam que não era possível, que falavam que eu e a Graça estávamos completamente doidas – falavam, vocês podem ter certeza que falavam. Quando nós começamos um processo de discussão sobre produzir no Brasil aquilo que fosse possível produzir no Brasil, principalmente no que se refere à indústria naval.

Era 2003 – eu nunca canso de contar isso – eu era ministra de Minas e Energia do presidente Lula, a Graça era secretária de Gás e Petróleo, como hoje o Marco Antônio é. E a nós duas foi dada a tarefa, pelo presidente Lula, que a gente tinha de construir plataforma no Brasil. E lá fomos nós duas construir plataforma no Brasil. É bom lembrar que naquele momento não tinha plataforma construída no Brasil. E mais, a indústria naval do Brasil, que tinha sido uma indústria forte, ela praticamente tinha desaparecido. Nós achávamos absurdo que não fosse possível produzir plataforma, navio no nosso país, um país que tem aço porque tem... é um dos maiores produtores de minério de ferro, um país que tem uma indústria forte, um país que tem uma classe trabalhadora capaz e

competente. Ora, por que não podia produzir plataforma, navio e todos os equipamentos necessários para explorar gás e petróleo aqui no Brasil? Essa era a pergunta. E a resposta: tinha de ser construída passando por cima de várias pessoas que diziam que era impossível. Eu lembro perfeitamente que um belo momento nós fomos discutir com o Sinaval, inclusive com o Ariovaldo, que está ali. Porque chegavam ao ponto de dizer que nós não podíamos fazer casco, que a gente não tinha competência para fazer casco. Vejam vocês, heim? Nós, o Brasil, os trabalhadores brasileiros, os empresários brasileiros, não tínhamos competência para fazer casco.

Bom, a história é que a gente teimou. Teimar é importante, quando você tem convicção, você tem que teimar. Nós teimamos, criamos o tal do Promin, que era o programa que chamava Mobilização da Indústria de Petróleo e Gás e que a frase do Programa era assim: tudo que pode ser produzido no Brasil deve ser produzido no Brasil, se pode, deve. Então, nós começamos esse processo de fazer com que a indústria de estaleiros, a indústria naval deste país ressurgisse. Ela, que já tinha sido, nos anos 80, a segunda do mundo, a segunda, e tinha desaparecido. Esse foi um processo extremamente desafiador, mas quero dizer para vocês que tem a mesma alegria que se tem quando você cria um filho. Vou dizer por quê. Nós chegamos aqui, em Rio Grande, a primeira vez, tinha só areião, era um areião que ninguém dizia que era possível, uma porção de gente dizia que era uma loucura fazer estaleiro no Brasil, que a gente não devia fazer estaleiro no Brasil. Esse processo é fruto da determinação de várias, várias comunidades, vários setores, várias pessoas. Mas ele tem, esse processo, tem um grande herói, e uma grande heroína, que são os trabalhadores e trabalhadoras. Por que são os grandes heróis e as grandes heroínas? Porque, na verdade, o que estavam falando era que o nosso povo não tinha competência para fazer navio, plataforma, equipamentos, todas as tubulações, era isso. Que a gente devia continuar do jeito que estava, não tendo nesse setor quase nada de emprego. Há controvérsias. Mas eu vou usar os dois números: em 2002, eu estive, por exemplo, em estaleiros do Rio de Janeiro, quase praticamente fechados, em que você via a grama nascer, porque em estaleiro a grama não nasce, as pessoas passam o dia inteiro naquelas passagens, naquele espaço, e não nasce nem isso de grama. E lá no estaleiro do Rio de Janeiro era – eu acho que era o Mauá, estaleiro Mauá – era tudo cheio de grama, porque não tinha trabalhador. O total de trabalhadores que dizem que toda a indústria tinha era entre 2 mil e 7 mil. Eu já escutei do Sinaval, 2 mil, e depois escutei de outro segmento, 7 mil, eu não vou discutir quanto é que era, mas 7 mil é ridículo. Para um país como o Brasil, 7 mil trabalhadores em toda a indústria naval é um absurdo. Então havia necessidade de recompor essa indústria naval. E se hoje este país é um país que tem uma das menores taxas de desemprego do mundo, 5,3%, que é um indicador de quase pleno emprego, é porque várias indústrias foram retomadas, a que me dá mais orgulho é a indústria naval, porque essa eu vi crescer. Essa... Por isso que a Graça passa a mão na placa, como se ela estivesse acariciando o estaleiro, é porque, de fato, nós olhamos para o estaleiro e falava: olha, ali não tinha nada, você viu crescer. É que nem filho, você vê, de repente, está lá com dois anos, depois passa a ter três, e um dia está com 15 e, depois, outro dia, casou e você tem neto.

Eu acho que esse, esse estaleiro aqui é, tanto Honório Bicalho, que eu vi pequeno e vi se expandindo. Hoje até eu estava comentando com os acionistas do Honório Bicalho, como

ele começou estreitinho e como ele foi se expandindo. E isso é um fato importante. Por que eu falo que é importante? Porque eu quero garantir uma coisa aqui para vocês, e eu não garanto coisas que eu acho que não são possíveis de ser feitas: não há a menor possibilidade de algum estaleiro no Brasil – eu não falo só do Honório Bicalho, não falo só do estaleiro do Rio Grande, não falo só do estaleiro, ali, de São José do Norte, não falo do estaleiro de Jacuí, não falo só do estaleiro de Pernambuco, nem dos estaleiros do Rio – é impossível que haja algum risco de não haver contratos para produção de equipamentos e navios. A dificuldade vai ser outra, não é essa, a dificuldade é que nós temos de ser capazes de produzir, com prazo e qualidade, esses navios, essas plataformas, esses FPSO's, é essa que é a dificuldade. Nós vamos ter de dar conta. Por que nós vamos ter de dar conta? Só para vocês terem uma ideia, nesse Campo de Libra, que a Graça deixou para eu falar – e eu agradeço, viu, Graça – nesse Campo de Libra, só para vocês terem uma ideia, só de plataforma está entre ... aliás, desculpa, de 12 a 16 plataformas. Isso significa que nós teremos demandas extras.

Vocês sabem perfeitamente como é importante para um estaleiro isso que o nosso presidente do sindicato aqui falou muito. Eu quero dizer que eu concordo com o pleito dele, eu tenho o mesmo pleito do presidente do sindicato. Nós vamos ter de ter planejamento para não ter esse problema de descontinuidade. Mas aí eu quero pedir uma outra coisa para vocês. Tudo bem, eu acho que tem que planejar melhor, tem de fazer as coisas com mais previsão, mas aí eu vou pedir uma coisa para vocês: vocês têm de fazer um esforço para que a gente entregue as coisas na data. Por quê? Porque se a gente cumpre, se a gente cumpre os prazos de entrega de plataforma e navio, a Petrobras, pode ter certeza que aquelas plataformas e navios vão estar sendo usadas e ela tem de contratar outras. Porque senão fica daquele jeito: ela contratou e não recebeu. E aí? Como é que ela contrata a próxima? Então, nós temos de fazer um acordo. Nós planejamos, planejamos a contratação, mas planejamos também a entrega, a contratação e a entrega, essa é a responsabilidade da Petrobras com vocês e com as empresas, e das empresas e de vocês com a Petrobras. É esse um acordo, e é um acordo em que todo mundo sai ganhando. É o melhor acordo que tem. E eu quero falar e insistir nesse ponto: não há o menor, mas a menor possibilidade de não haver empregos na indústria naval do Brasil, do Oiapoque ao Chuí, não há possibilidade.

E isso eu quero dizer para vocês, quero dizer para vocês, aí é o meu compromisso com vocês, eu vou zelar por isso, eu vou cuidar para que isso ocorra, eu vou brigar para que isso ocorra, eu vou me empenhar para que essa indústria naval, que nós estamos vendo como ela pode ser forte... Hoje eu estive na P-58, e queria cumprimentar vocês pela qualidade da P-58, e olha que eu já estive em muita plataforma, eu quero cumprimentar cada uma aqui, e a cada um. Outra coisa que eu notei: muita mulher, muita mulher soldadora, eu vi mulher soldadora. É obvio que a mulher soldadora estava com uma unha muito bonitinha, pintada, mas ali, soldando, numa boa. E é um orgulho, acho que é um orgulho para este país que a classe trabalhadora seja integrada por homens e mulheres. É um orgulho para este país.

Quero aqui dar meu depoimento. Eu acredito que nós somos, nacionalmente, eu... o Tarso perguntou quem é de fora do Rio Grande do Sul aqui. Eu já estive num outro estaleiro, e perguntaram quem era de fora do referido estado, e era a mesma coisa. E aí

você vai cumprimentar, porque eu cumprimento, converso um pouco, e você vê o seguinte: tinha muito gaúcho, viu, Tarso? Então, é assim: gaúcho sai daqui e trabalha nos outros estados, os outros estados saem de lá trabalham aqui. Esse é o Brasil. Esse é o Brasil que trabalha junto.

E quero falar uma coisa para vocês sobre o Campo de Libra. Nós mudamos o modelo. Mudamos o modelo, recebemos muitas críticas localizadas, porque não são muitas as pessoas que fazem as críticas. Por que o modelo do pré-sal é diferente dos outros modelos, do pró-sal, tanto em Santos como em outros lugares do Brasil? Por um motivo muito simples. Porque no pré-sal nós sabemos três coisas simples: nós sabemos que tem petróleo, que tem muito petróleo e que o petróleo é de boa qualidade. Nos outros lugares a gente não sabe, às vezes você pensa que tem petróleo e não tem, a taxa de sucesso é baixa. Aliás, a maior taxa de sucesso da Petrobras, com 20%, não é isso? Sessenta? Ótimo. Sessenta e quatro, de sucesso, nos outros campos. Não, não, não, só estou falando de Campos. Está bom, então é alta, mas é baixa em relação ao pré-sal, que você sabe quanto que tem na concessão você não sabe. Tanto é assim que quando se perfurou o Campo de Libra antes, a empresa que perfurou devolveu o campo como sendo seco, poço seco, por isso que digo que Deus é brasileiro. Veja bem, uma empresa tinha o Campo de Libra, foi e perfurou. Faltava 1.500 metros, um quilômetro e meio em Libra e a empresa desistiu, não era a Petrobras. Desistiu e devolveu o campo para a gente, para a ANP dizendo: esse campo é seco. Pois bem, depois a ANP contratou a Petrobras para perfurar o campo e achou Libra, essa é a história. Então, o que eu digo para vocês? Por que achou? Porque já sabia que tinha pré-sal, antes não sabia, não achava. Então, agora sabe e acha. Qual é a diferença fundamental? É que quando você tem concessão e tem risco de não achar, é justo que as empresas fiquem com todo o óleo. Quando você tem partilha e você sabe onde está o pré-sal, a divisão é a seguinte: o Brasil fica com 85% do óleo, e o restante que fica é das empresas privadas que exploram. Por que elas aceitam essa divisão? Porque tem muito petróleo, é bastante lucrativo, e o petróleo é de boa qualidade, caso contrário, ninguém aceita.

Então, eu quero dizer para vocês o que é que vocês estão fazendo de verdade? Não é só construir plataforma e ajudar a tirar o petróleo lá do fundo do mar. Mas vocês estão contribuindo para uma coisa que é fundamental para o país: É dos recursos do petróleo no Brasil que nós vamos transformar a educação no caminho fundamental de desenvolvimento deste país. Nós temos de saber que tanto para sair da pobreza de forma sustentável e garantida, quanto para fazer com que este país atinja os picos da tecnologia e da inovação, nós precisamos de educação, e precisamos não é de uma educação qualquer. Nós precisamos da melhor educação possível, a começar da creche para as nossas crianças, para os nossos brasileirinhos e brasileirinhas, e aí, com creche de qualidade, nós queremos também atacar a raiz da desigualdade. Cada um de nós é diferente do outro, todo mundo sabe disso. Agora, o que um governo tem de fazer é garantir oportunidades iguais sem olhar o sobrenome, onde nasceu, quem é a pessoa. Tem de garantir que as crianças das famílias mais pobres tenham acesso a educação de alto nível. Para isso, nós precisamos de recurso. Precisamos de recurso para fazer uma outra coisa que todos os países do mundo que ficaram ricos fizeram: educação em dois turnos, em tempo integral. Temos de garantir formação profissional de qualidade, porque

nenhum país desenvolvido pode ser desenvolvido se não tiver técnicos experientes e capazes. Na maioria dos países, para cada um formado na educação superior, nos países desenvolvidos, você tem em retorno de dez técnicos de alta condição. Nós precisamos aumentar o número de pessoas com acesso às universidades e precisamos garantir que todos que tenham as aptidões tenham acesso à melhor educação que o mundo pode dar, pagando bolsas no exterior para formar tanto jovens como pós-graduados. E para fazer educação desse tipo em alta escala no Brasil precisa-se de dinheiro. Nós vamos transformar a riqueza finita do petróleo na riqueza permanente e infinita que é a educação que cada um carrega consigo mesmo.

Eu sou mãe e sou avó. Vejo aqui pessoas que seguramente têm filhos e pessoas que seguramente podem ter netos. E quero avisar para aqueles que não têm, que ter neto é muito melhor que ter filho, porque o neto, você só dá amor, filho você tem de dar amor e tem aquela responsabilidade danada.

Mas, depois desse parêntese, eu quero dizer para vocês isso: educação é algo que pode transformar o nosso país. Isso... É disso que eu estou falando, isso vocês são responsáveis, porque são vocês que estão viabilizando que este país possa usar essa imensa riqueza que é o Campo de Libra, que possa investir isso em educação. E eu digo isso aqui para vocês porque eu acho que está tudo ligado. O petróleo tem de ter conteúdo nacional, o que pode fazer aqui tem de ser feito aqui. O petróleo tem de virar maior força e maior crescimento para o Brasil, melhorar a nossa balança comercial. O petróleo pode também transformar esse país num país desenvolvido, em que as pessoas tenham acesso à coisa mais importante, que é o conhecimento. Nós podemos transformar petróleo em sala de aula e em conhecimento. É disso que se trata, porque é bom saber: só Libra gera aproximadamente, é um pouco mais, mas gera aproximadamente R\$ 1 trilhão durante seus 35 anos. Um trilhão de reais. Para quem? Para todos os participantes, em especial para o governo federal, para o governo estadual, para os governos municipais, para a Petrobras e, obviamente, para as empresas que participam. Mas esse produto, esse valor, ele tem de ser transformado, ele tem de virar, ele tem de virar riqueza para a população do país. É para a população do país que ele tem de virar riqueza, e é por isso que nós conseguimos aprovar, finalmente, essa lei que garante que 75% dos royalties e metade do Fundo Social do pré-sal seja gasta em educação.

Com isso, eu quero dizer que quando nós começamos lá atrás, em 2003, e não tinha nada disso, e agora tem tudo isso, eu quero dizer para vocês uma coisa que a gente aprende: quando a gente luta, quando a gente vai atrás, quando a gente insiste, tudo é possível.

Um beijo e um abraço.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do Foro Empresarial Brasil-Peru – Lima/Peru
Lima-Peru, 11 de novembro de 2013**

Boa tarde a todos.

Excelentíssimo senhor presidente da República do Peru, Ollanta Humala,
Excelentíssimo senhor presidente da Câmara Binacional de Comércio Peru-Brasil, senhor Miguel Vega Avelar,

Excelentíssimo senhor vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria Brasileira, senhor Paulo Tigre,

Senhores ministros de Estado que me acompanham: embaixador Luiz Alberto Figueiredo, das Relações Exteriores; Fernando Pimentel, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Helena Chagas, ministra da Secretaria de Comunicação Social.

Senhoras e senhores empresários brasileiros, peruanos, e participantes deste fórum empresarial “Dez Anos de Aliança Estratégica Peru-Brasil 2003-2013”,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que participo da abertura deste evento, que demonstra, mais uma vez, o interesse que a parceria estratégica Brasil-Peru desperta nas empresas privadas de ambos os nossos países.

Quero cumprimentar o Conselho Empresarial Brasil-Peru e a Câmara Binacional de Comércio e Integração Peru-Brasil, organizadores deste Fórum, assim como o Grupo Brasil, e ressaltar o importante papel que desempenham na consolidação dessa parceria. Aproveito a ocasião para fazer uma homenagem ao empresário Mario Brescia, falecido este ano, que fundou e co-presidiu o Conselho Empresarial Brasil-Peru.

Senhoras e senhores empresários,

Este ano nós celebramos o décimo aniversário de uma parceria que deu certo. Em agosto de 2003, o presidente Lula esteve em Lima para assinar o acordo de Aliança Estratégica entre o Peru e o Brasil. Naquela ocasião, também foram iniciadas as negociações do acordo de complementação econômica Peru-Mercosul e foram anunciadas as obras de construção da Rodovia Interoceânica-Sul.

Nesses dez anos, as relações entre o Peru e o Brasil registraram avanços notáveis. Registrar os avanços notáveis não significa que nós temos que nos conformar com o que conquistamos até agora, mas, pelo contrário, devemos perceber que o desafio é sempre melhorar o patamar que nós já conquistamos.

Sabemos que o comércio bilateral cresceu quase seis vezes, passando de US\$ 650 milhões para US\$ 3,7 bilhões. Só nos primeiros nove meses deste ano, o fluxo comercial bilateral cresceu 7% e as exportações do Peru para o Brasil, 50%, o que contribuiu para reduzir o déficit peruano e equilibrar o comércio bilateral. O Brasil é hoje o terceiro principal fornecedor de produtos importados ao Peru e o oitavo principal comprador.

A pauta comercial bilateral diversificou-se, agregando aos bens tradicionais como cobre, zinco e petróleo, produtos novos e de maior valor agregado, como máquinas elétricas, mecânicas, têxteis, vestuário e automóveis. Esperamos poder em breve somar a essa pauta novos produtos, como barcos e aviões. Essa evolução é, em grande medida, o resultado da progressiva eliminação das barreiras tarifárias e não-tarifárias entre nossos países.

O acordo Mercosul-Peru conferiu aos produtos peruanos, a partir de 2012, acesso ao mercado brasileiro sem impostos. Seria importante que o mesmo ocorresse, o mais rápido possível, com o Brasil, antecipando, portanto, o livre acesso dos produtos brasileiros.

O fluxo de investimentos entre os dois países vem aumentando sensivelmente. Empresas brasileiras quadruplicaram seus investimentos no Peru na última década, somando um estoque de quase US\$ 2 bilhões. Empresas peruanas têm apostado no Brasil, realizando

importantes investimentos em setores como o bancário, bebidas e alimentos. Hoje, mais de 50 empresas brasileiras atuam no Peru, em setores que vão da construção civil à mineração, da logística aos cosméticos, gerando cerca de 30 mil empregos diretos.

O setor de energia é, hoje, um dos mais promissores e estratégicos. O crescimento contínuo da economia peruana nos últimos anos aumentou a necessidade de geração de eletricidade, criando oportunidades para novos investimentos. O Brasil tem todo o interesse de contribuir nesse esforço, assim como olha com muita expectativa a possibilidade de também, no caso do Brasil, o Peru contribuir para o nosso esforço de expansão no setor elétrico.

Senhoras e senhores empresários,

O aprofundamento das relações econômicas entre o Peru e o Brasil tem sido acompanhado, e estimulado, projetos estruturais de integração. A inauguração, em 2011, da Rodovia Interoceânica, que conecta portos peruanos no Pacífico à cidade de Assis Brasil, no Acre, encurtou distâncias entre nossos países e permitiu a aproximação de agentes econômicos e sociais dos dois lados da fronteira.

Cidades como Rio Branco e Porto Velho, que até recentemente se abasteciam só de mercadorias vindas do sul do Brasil, passaram também a importar produtos de Madre de Dios, Cuzco e Puño, regiões peruanas muito próximas e certamente o contrário também aconteceu. O voo semanal entre Lima e Rio Branco, inaugurado em 2011, deu renovado impulso ao comércio e ao turismo fronteiriço. Seria importante que essas e outras conexões aéreas fossem retomadas.

Essa robusta parceria entre Peru e Brasil manifesta-se no plano regional no firme apoio que os dois países e os dois governos deram a iniciativas como a União de Nações Sul-Americanas, a Unasul. Na verdade, a presidência da Unasul, exercida pelo presidente Ollanta, teve um destaque nos últimos tempos, viabilizando um quadro de integração regional que é estratégico.

Há pouco, o vice-presidente da CNI falou da importância, nessa etapa do nosso desenvolvimento econômico e social, de uma questão que é crucial não só para a economia, mas também é crucial para a competitividade, que é a questão justamente de garantir que haja um aumento da produtividade nas nossas atividades industriais, agrícolas, de serviço, enfim, que nós nos coloquemos em condições de participar do processo de competição que envolve todos os países. Por competitividade, nós devemos sempre entender algumas coisas que são cruciais: a importância da educação na qualificação profissional de nossos trabalhadores; a importância da inovação nos processos produtivos e de serviços; a importância, também, de termos um processo de integração em que se configurem mercados dinâmicos e amplos. Por isso, eu acredito que, no quadro não só das relações bilaterais entre Brasil e Peru, mas também no quadro das relações dentro da região, nós temos o dever de olhar não só as relações comerciais, que são estratégicas e importantes, mas também a estruturação das nossas cadeias produtivas, dos nossos canais de integração de infraestrutura, como rodovias, ferrovias, portos e, sobretudo, hidrovias, nesta região que tem um dos maiores rios e sistemas de bacias do mundo.

Eu gostaria de dizer que quando nasceu a Unasul, ela estabeleceu, através da... por meio da Declaração de Cuzco, as bases e os objetivos para o aperfeiçoamento de um espaço

sul-americano, um espaço integrado no plano político, no plano social, no plano econômico-comercial, e de infraestrutura. Eu queria agregar que, em tempos de diminuição do comércio internacional, de redução dos níveis de intercâmbio entre os países, nesse momento em que ainda se sentem as consequências da crise internacional, a integração é uma das soluções, mesmo porque eu acredito que, no momento em que as economias desenvolvidas se recuperarem, vão colocar para nós a questão do tamanho dos mercados, e nós, de fato, temos um potencial de mercado nesta região, o qual nós não podemos deixar de valorizar, porque ele se constitui um ativo dentro da questão da competitividade. Tamanho de mercado é ativo, tamanho de mercado significa a possibilidade da expansão organizada, da expansão estruturalmente efetiva das nossas atividades econômicas.

Mais do que celebrar, senhoras e senhores, o décimo aniversário dessa parceria, eu quero fazer um chamado às nossas lideranças empresariais para, nos próximos anos, tomar a frente dessa empreitada. Os avanços alcançados na última década devem-se, em grande parte, à decisão de nossos governos de optarem pela via da integração como parte dos nossos projetos nacionais de desenvolvimento. Nós não vivemos em uma época em que a característica seja as guerras comerciais, as barreiras protecionistas. Nós vivemos em uma época em que a inserção se dará por capacidade de competição e por estruturação do seu mercado. Assim sendo, nos próximos dez anos, nós podemos e nós devemos ir além.

O comércio bilateral, por exemplo, pode chegar a cifras bem maiores do que as atuais. Há espaço para avançarmos em temas como comércio, serviços e investimentos recíprocos, que incluam mecanismos inovadores de integração produtiva e financiamento de obras de infraestrutura. O Brasil gostaria de avançar nessa direção.

Quero aqui lançar o desafio aos senhores empresários no sentido de colocarmos para nós uma meta, a meta de US\$ 10 bilhões no comércio Brasil-Peru nos próximos cinco anos. Uma meta é para ser um objetivo que se procura alcançar. Quando se alcança, a gente muda a meta. Nesse sentido, eu gostaria também de dizer que hoje uma das questões que mais preocupa o Brasil é a questão da infraestrutura. Nós temos tido vários projetos nessa área. Também convidamos os senhores e aqueles que desejarem – os empresários que desejarem participar – são muito bem-vindos. Temos projetos tanto na área de rodovia, ferrovia, ampliação de hidrovias, portos, aeroportos, e também na área de energia e de petróleo.

Sobretudo, gostaria de destacar que eixos de integração são possíveis se os nossos empresários brasileiros e os nossos empresários peruanos forem capazes de trocar informações, porque o que nós estamos vendo é a criação de oportunidades as mais diferenciadas, as mais diversificadas. Muitas delas não passam diretamente por aquela infraestrutura, mas podem ser indiretas. Exemplo: nas hidrovias, as barcas que transportam grandes quantidades de alimentos e cereais, e mesmo, em alguns casos, minério. No caso da indústria de petróleo, a sua demanda. Enfim, nós teremos que ser que nem mineradores. Nós teremos que procurar aquilo que permite que as nossas cadeias se interconectem. Que nós tenhamos a capacidade não só de trocar bens e serviços, mas também de estabelecer uma coerente integração produtiva.

Nós queremos, por exemplo, viabilizar o eixo multimodal do Amazonas. Queremos e, juntamente com o presidente Humala, definimos a importância de grupos de trabalho. É importantíssimo que sejamos capazes – e hoje eu acredito que a imagem que o presidente Ollanta levantou na nossa reunião, ela é uma imagem muito forte, porque eu acho que ela retrata muito da história da América Latina. Nós vivíamos de costas uns para os outros. O Peru olhava o Pacífico e nós olhávamos o Atlântico. O presidente Humala fez essa imagem com muita competência, e ela mostra a necessidade de nós nos unirmos, olharmos, sim, para os dois oceanos, porque são estratégicos nesse processo, mas olharmos também pelo tamanho e para a capacidade da nossa região.

Eu queria dizer que o Brasil, ao longo da sua história, foi ensinado a voltar seus olhos só em uma direção, na direção dos países desenvolvidos. Nós olhávamos para a Europa, olhávamos para os Estados Unidos. Não olhávamos para a América Latina nem para a África. Hoje, nós não só olhamos, como priorizamos a América Latina. E, obviamente, também, até pela raiz que o Brasil tem – 50% da nossa população, no último censo demográfico se declarou afrodescendente, e nós temos imenso orgulho dessa afrodescendência – nos faz também olhar para a África.

Assim sendo, o que eu queria dizer é que temos também de mudar a nossa perspectiva, temos que perceber o tamanho e a importância que para o Brasil tem o Peru e que o Peru... e que para o Peru tem o Brasil. Nós temos que nos olhar não só com respeito, mas com admiração e procurando aqueles mecanismos que permitem que as nossas economias dêem um salto.

Acredito também que é de alta importância perceber uma contradição que nós superamos. Para o meu país era dito sempre que havia contradição entre crescer e incluir, que era incompatível a distribuição de renda com o crescimento. Primeiro a gente teria que crescer e depois a gente ia distribuir renda. O que nós percebemos é que crescer com distribuição de renda não só é possível, mas é essencial, porque se trata do ponto de vista da consequência econômica da inclusão social de criar o mercado de consumo de massas.

O Brasil tem vários patrimônios. O Brasil tem água doce, o Brasil, como o Peru, tem uma biodiversidade fantástica, tem também petróleo, minério, uma agricultura, mas uma das principais riquezas e patrimônio do país é seu mercado interno. É perceber que isso também é um valor na América Latina, por isso eu saúdo toda a política social que é desenvolvida pelo presidente Ollanta Humala, porque essa política de inclusão tem um condão, que é transformar esse mercado, cada vez mais, em um mercado de produtos, que são aqueles que são do interesse generalizado no mundo desenvolvido e nosso mundo também será. Nós nos transformamos em grandes consumidores de automóveis, nós nos transformamos em grandes consumidores de geladeiras, de fogão, nós nos transformamos em grandes consumidores de telefones celulares, de tablets e nós temos que perceber que este fato é um fato que anima as nossas economias e que dá a elas grande capacidade e fôlego.

Finalmente, eu queria dizer que é essencial que nós sejamos capazes de operar em várias atividades. Entre elas, eu gostaria muito de destacar a cooperação na área da educação. Acho que um dos fatos que vai mudar a característica da cooperação entre os países é a área de ciência, tecnologia e inovação. Esta área de ciência, tecnologia e

inovação nós elegemos como uma das questões centrais do país. Por isso criamos um programa chamado Programa Ciência Sem Fronteiras, reconhecendo que há diferenças entre a formação que nos é dada e a formação que é dada em outros lugares do mundo, buscando distribuir essa formação, e mais, procurando também centrar o incentivo a 100 mil bolsas, que nós estamos dando, nas áreas de exatas. Nós queremos engenheiros, nós queremos matemáticos, físicos, químicos, biólogos. Queremos também todos aqueles formados nas áreas de ciência médica, da ciência de computação. Não que as humanidades não sejam importantes, mas para o salto que o meu país precisa, nós temos que focar nessa área. O Brasil, pela primeira vez – eu acho que em toda a sua vida – formou, esse ano, mais engenheiros que advogados, nada contra os advogados, eu sempre digo isso, até porque eu não posso falar de advogados porque a minha filha é advogada, meu genro é advogado, e se eu não ficar muito esperta, meu neto será advogado.

Mas eu quero dizer que, para o Brasil – não importa minha família -, para o Brasil, é algo crucial ter engenheiros. Por que é que nós não tivemos engenheiros? Porque desde a crise da dívida em 1982, o padrão de investimento do Brasil deixava a desejar. Nós voltamos a investir com o governo Lula em 2007, através de um programa de infraestrutura chamado Programa de Aceleração do Crescimento. Para vocês terem uma pequena ideia, eu era ministra-chefe da Casa Civil em 2005, do presidente Lula, e a gente ainda dependia do Fundo Monetário [FMI], e um funcionário da Secretaria de Finanças, desculpa, do Ministério de Finanças brasileiro, me deu uma notícia que ele considerava muito boa. Que nós tínhamos tido autorização do Fundo Monetário para investir R\$ 500 milhões, R\$ 500 milhões é uns US\$ 250 milhões.

Hoje nós investimos R\$ 500 milhões em um pequeno município do Brasil fazendo saneamento, ou seja, tratando de água e de esgoto. Hoje o investimento, só em mobilidade urbana no Brasil, é R\$ 140 bilhões. Este é um processo que levou anos pra se consolidar. Nós não tínhamos projeto, era muito difícil fazer as obras, nós não tínhamos engenheiros, não tínhamos consultores. Este é um processo que agora está sendo superado e cada vez será mais rápido.

Uma das coisas mais importantes que nós aprendemos é a participação do setor privado nesses investimentos. Não é só por uma questão de dinheiro, de recursos, mas também é por uma questão de gestão, de melhoria na gestão. Então, o Brasil hoje é capaz e fará um conjunto de obras de infraestrutura que é essencial para a integração. Eu tenho certeza que uma das economias que nós olhamos aqui na América Latina e que vemos com grande admiração e com grande otimismo, pelo seu dinamismo, é a economia peruana. Então eu queria dizer para o presidente Ollanta Humala que o Brasil está disposto a desenvolver essa parceria. Consideramos essa parceria uma parceria estratégica, e, sobretudo, acho que nós, Brasil e Peru, temos um papel essencial a desempenhar no futuro da América do Sul, como um pólo aparente e uma referência de cooperação e convivência pacífica.

Quero dizer aos senhores empresários que essa é uma ação que não pode ser só de governo, não poder ser só de empresários, tem que envolver também a população, tem que envolver o turismo entre os nossos países, a cultura entre os nossos países, a educação, a troca de alunos, e aí fico muito feliz com o Programa Beca 18 do presidente

Humala, que vai levar estudantes peruanos para o Brasil. Fico muito feliz porque considero que nós só seremos, de fato, uma região integrada se os nossos habitantes, se as pessoas que aqui vivem, forem capazes de ir e vir entre os nossos países. E aí, presidente, eu fico também – quero dizer uma coisa aqui -, o interesse que o Peru desperta hoje na população brasileira é extremamente alto, não só pela sua beleza em termos do legado colonial, mas por áreas do Peru que são fantásticas, como Macchu Picchu e toda a questão de Nazca, e várias outras. Aqui a gente abre uma porta, ou entra em um edifício, e fica encantado pelo que tem. Eu estive nessa construção que eu acho que é 1700, é barroco colonial ou mais, ou pré-colonial, pré-barroco ainda, que é a torre Tagle, e fiquei, de fato, estarecida com a beleza do local. E quero fazer um cumprimento especial: à conservação desses prédios históricos. A conservação desses prédios é, de fato, uma homenagem à nossa história.

Muito obrigada.

Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após cerimônia de assinatura de atos – Lima/Peru
Lima-Peru, 11 de novembro de 2013

Excelentíssimo senhor Ollanta Humala, presidente da República do Peru, e senhora Nadine Heredia,

Senhores ministros de Estado integrantes das delegações peruana e brasileira,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Com grande satisfação eu retorno a Lima pela quarta vez, como presidenta, para esta visita de Estado ao Peru. A primeira vez eu vim à posse do presidente Ollanta, depois eu vim numa reunião da Aspa, depois eu vim numa reunião da Unasul e retorno hoje, para essa visita de Estado. Eu agradeço muito o seu convite, presidente Humala, e as atenções dispensadas a mim e à minha comitiva. Nós celebramos este ano 10 anos da nossa Aliança Estratégica Brasil-Peru, que é um marco significativo das nossas relações bilaterais.

Um conjunto de projetos bilaterais entre o Peru e o Brasil vem sendo implementado, e seus resultados têm sido muito concretos para as nossas populações. Nós reconhecemos os enormes benefícios da Rodovia Interoceânica, que tem levado comércio, turismo e desenvolvimento aos estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso, no Brasil, e a Arequipa, Cusco e Madre de Dios, no Peru. Ao longo dos dois últimos anos, os fluxos de veículos, pessoas e mercadorias aumentaram.

Decidimos continuar avançando em novos eixos de integração. Vamos instruir um Grupo de Trabalho sobre Interconexão Ferroviária e aprofundar, cada vez mais, o estudo da interligação física, concreta, entre o Brasil e o Peru, incluindo inclusive a questão da banda larga.

Nós discutimos especificamente a importância da integração rodo-hidroviária entre o Porto de Paita e Yurimaguas – acertei, que é por rodovia, e de Yurimaguas para Manaus, que seria hidrovía.

Na área das telecomunicações, assinamos acordo pioneiro que prevê a eliminação da cobrança de *roaming* nos municípios situados na zona fronteira. É a primeira vez que são estabelecidos procedimentos para chamadas fixas e móveis, em especial para região com vulnerabilidades específicas, pela sua amplitude, como é o caso das fronteiras em toda a região da amazônica. O acordo poderá servir de modelo para outros instrumentos desse tipo, aqui mesmo, nas nossas fronteiras, mas também em toda a América do Sul.

Em nosso encontro de hoje, nós demos muita ênfase à questão da cooperação na área social, não é, presidente? Eu recebi a primeira-dama Nadine, logo no início, logo depois da sua posse e as reuniões foram muito produtivas nessa área. O Brasil desenvolveu, de fato, tecnologias na área da inclusão social. Nós nos orgulhamos muito delas, até e principalmente porque elas produziram mudanças na distribuição de renda do país, reduziram a mortalidade infantil, aumentaram o grau de educação das crianças em idade escolar que são objeto do Bolsa Família. E também temos discutido parcerias na área da saúde, como é o caso da cooperação entre o Ministério da Saúde e a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Nacional de Salud para a produção, no Peru, de medicamentos contra a malária e a tuberculose. Também estamos transmitindo ao Peru experiências na área da farmácia popular. No campo da educação, são muito bem-vindos os bolsistas peruanos que vão fazer graduação e pós-graduação no Brasil, especialmente nas áreas de engenharia e ciências biológicas. É Beca 28. Beca 18.

Queremos avançar ainda mais com toda a cooperação possível, inclusive na área de tecnologias, lá do MEC, de acompanhamento dos principais programas do governo, que é o Simec. O Peru será o primeiro país que nós teremos e compartilharemos conhecimento nessa área.

Além disso, eu considero que nós precisamos continuar desenvolvendo toda a cooperação possível na área de ciência e tecnologia, e na área de integração das nossas indústrias, principalmente no que se refere à indústria naval. Sempre e quando for possível, essa integração só vai contribuir para o desenvolvimento da América do Sul e, especialmente, da nossa área.

Eu e o presidente Ollanta concordamos em cooperar para combater a ação ilegal de redes de traficantes de pessoas, como é o caso dos haitianos, principalmente porque o Brasil considera os haitianos muito bem-vindos e não queremos que eles sejam vítimas dos coiotes, que cobram para entrar no país, uma coisa que não é necessária, uma vez que abrimos as embaixadas para que isso pudesse ocorrer.

Querido presidente Humala,

Nós olhamos, com muita satisfação, o aumento do comércio entre os nossos países. De janeiro a setembro deste ano, as exportações do Peru ao Brasil cresceram mais de 50%. O Brasil vai terminar o ano como o terceiro maior parceiro comercial do Peru. Nós também consideramos que é muito importante os investimentos brasileiros no Peru, e vice-versa. Entre os países da América Latina, o Peru é o terceiro maior destino dos investimentos brasileiros e o Brasil é o sexto maior investidor no Peru no que se refere ao mundo, com estoque da ordem de 1,9 bilhão de dólares.

Nós consideramos também que a integração e a cooperação implicam também num intercâmbio de pessoas, e aí um fato que chama a atenção é o crescente interesse dos brasileiros em conhecer melhor a cultura peruana, a excelência da culinária peruana...

estou falando aqui para os jornalistas olhando para elas. Não deixem de aproveitar a excelência da culinária peruana, e todas as questões relativas à cultura do Peru. Eu visitei hoje a Torre Nagle – Tagle, desculpa – e é, de fato, um dos prédios mais bonitos que eu vi, prédios históricos que eu vi nos últimos tempos, presidente.

Eu queria também dizer que nós tivemos um aumento muito grande dos turistas. Eu queria dizer isso porque 300% é o número de brasileiros... houve um aumento de 300% no número de brasileiros que visitam o Peru, e tenho certeza de que a nossa cooperação vai ampliar esse número.

Nessa última década, nós construímos uma parceria que transcende nossas fronteiras, pois fortalece a integração Sul-Sul. Tenho certeza também que a Copa do Mundo de futebol, no próximo ano, e as Olimpíadas e Paraolimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, e os Jogos Pan-Americanos de Lima, em [20]19, incrementarão ainda mais esses números de turistas, presidente.

Finalmente, eu queria dizer da importância, e fazer um cumprimento aqui ao presidente Humala pelo exercício que ele teve na Presidência... como presidente da Unasul. A Unasul, nesta última década, ela foi construída, criando uma parceria que transcende as nossas fronteiras e fortalece essa integração Sul-Sul.

Nós, o Peru, o Brasil e os países que estão na Unasul, eles têm uma obrigação de construir essa integração num espírito de... democrático, espírito que leve em conta a diversidade dos nossos países, dos nossos processos históricos e da formação de nossos governos.

Nós, tenho certeza, coincidimos, presidente Humala, em que a Unasul precisa ser fortalecida e que nós somos uma das regiões que tem um futuro importante pela frente, pelo fato de sermos também uma região que vive em paz, que não tem guerras, não tem conflitos étnicos, não tem conflitos religiosos, e que esse processo de construção da paz permite, também, que nós tenhamos relações muito estreitas entre nós.

Finalmente, eu quero dizer que eu tenho certeza que a aliança estratégica Brasil-Peru, ela alcançou um novo patamar e vai prosperar no sentido de melhorias das condições de vida dos nossos povos – do povo peruano, do povo brasileiro.

Muito obrigada.

**Brinde da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço oferecido pelo Presidente da República do Peru, Ollanta Humala – Lima/Peru
Lima-Peru, 11 de novembro de 2013**

Excelentíssimo senhor Ollanta Humala, presidente da República do Peru e senhora Nadine Heredia,

Excelentíssimo senhor Fredy Otárola, presidente do Congresso da República,
Excelentíssima senhora Marisol Espinoza, primeira vice-presidente da República,
Senhoras e senhores embaixadores,

Senhores ministros de Estado integrantes das delegações peruana e brasileira,
Senhoras e senhores empresários aqui presentes, brasileiros e peruanos,
Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Para mim é uma enorme satisfação mais uma vez estar aqui no Peru, com o presidente Ollanta Humala e com a senhora Nadine Heredia.

Nós, aqui, estamos celebrando dez anos de aniversário de uma aliança estratégica. Eu tenho certeza que quando nós fizemos essa aliança nós fizemos a aposta acertada. O Brasil, durante muito tempo, viveu de costas para a América Latina e, agora, a parte dessa década, do início dessa década, em 2003, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as coisas mudaram e eu dei continuidade a essa mudança.

Qual é o sentido dessa mudança? O sentido dessa mudança é perceber que é muito importante a região na qual nós vivemos. E essa região é uma região especial, uma região onde nós não temos guerras, conflitos étnicos, conflitos religiosos, não temos disputas e, enfim, uma região em que nós sofremos de alguns problemas sérios: primeiro, da desigualdade, da exclusão; tivemos um problema sério em relação à dívida, quase todos nós tivemos a situação de tragédia que foi a crise da dívida, que começa em [19]82, com o primeiro e o segundo choque do petróleo e, também, com todos os processos de endividamentos que dali advieram. A partir daí nós mudamos a nossa perspectiva e começamos a olhar de outra forma para os nossos países.

Então, nós somos fruto de um processo evolutivo. E esse processo evolutivo significou que nós passamos a dar importância à estabilidade macroeconômica, ao controle da inflação e que percebemos que isso era compatível com a inclusão social.

Um processo desses é um processo extremamente virtuoso, porque éramos uma das regiões mais desiguais do mundo e, hoje, estamos em franco processo de alteração disso. Com isso, formamos um grande mercado consumidor, um mercado consumidor que tem uma característica essencial: integram esse mercado pessoas que recém chegaram à situação de consumidores, que até então não eram consumidores; integram esse mercado pessoas que, por isso também, se transformaram em cidadãos; integra esse mercado um conjunto de homens e mulheres trabalhadores e empreendedores.

Por isso, estar aqui no Peru, num quadro em que esse processo constitui também uma valorização da integração entre os países é muito importante. E essa valorização está expressa nessa aliança que hoje comemora 10 anos, aliança entre o Brasil e o Peru. Aliança que não significa uma aliança só de governos, mas tem de significar também uma aliança de empresários, uma aliança de trabalhadores, uma aliança da sociedade de intelectuais, de estudantes.

Eu estou muito contente. Eu estive aqui, hoje, com o presidente Humala, ao longo desta manhã que, para nós, no Brasil, já é tarde, mas que isso não nos separa, pelo contrário, nos integra. E o presidente Humala disse uma coisa, hoje, para mim, muito rica, me disse o seguinte: nós estamos voltados para o Pacífico, vocês estão voltados para o Atlântico. Tradicionalmente, isso significava que nós estivéssemos de costas uns para os outros. A mudança de perspectiva estratégica é ser capaz de olhar para o Pacífico e olhar para o Atlântico e perceber que a nossa integração nos dá um outro potencial, porque nos dá um novo horizonte, um horizonte em que brasileiros olhem para o Pacífico, peruanos olhem para o Atlântico e, sobretudo, para que nós, em conjunto, olhemos para esse grande continente, que tem imenso potencial na infraestrutura, na agroindústria, na indústria, na produção de serviços, na sua integração através de banda larga, de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos.

Então, eu queria fazer um brinde especial para esse presidente excepcional também, que é o presidente Ollanta Humala, dizendo a ele que eu conto, com certeza, que os nossos países, o Brasil e o Peru, serão países que, a partir desse processo de integração que está em desenvolvimento, das empresas brasileiras que aqui estão, das empresas peruanas que estão lá no Brasil, das nossas relações comerciais, e cada vez relações comerciais mais livres, nós conseguiremos o desenvolvimento para os nossos povos.

E que através das nossas políticas sociais nós tenhamos certeza que no nosso novo momento, que é esse momento que nós inauguramos neste século, as nossas populações não ficarão à parte, não ficarão fora do processo de criação de riqueza do nosso país e que isso se dará através da educação, da ciência e tecnologia e, também, da ida e vinda de brasileiros e peruanos por essa fronteira afora.

Um brinde a todos vocês.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega das chaves da cidade de Lima – Lima/Peru
Lima-Peru, 11 de novembro de 2013**

Eu queria, primeiro, dizer muito obrigada, senhora Susana Villarán, prefeita da cidade de Lima,

Cumprimentar o vice-prefeito de Lima, Hernan Nuñez,

Os senhores ministros de Estado, integrantes da comitiva, que me acompanham nesta visita a Lima,

Queria cumprimentar também a presidenta da Câmara Municipal, doutora Yvonne Montoya,

Los señores concejales – é concejales? –, os senhores concejales de Lima, y las señoras concejales de Lima,

Cumprimentar também os senhores fotógrafos, jornalistas e cinegrafistas,

Eu fiquei extremamente emocionada com as palavras da nossa alcaldesa Susana, e com o recebimento da chave. Porque as chaves, elas abrem portas, abrem caminhos, mas a chave de uma cidade livre, ela abre um exemplo de resistência, determinação e luta de um povo. Eu fico honrada pelo fato dessa chave ser uma chave de um momento da independência do povo, da população de Lima e do Peru. Nós todos da América Latina tivemos experiências coloniais bastante duras e, nesse processo, formamos e forjamos nossas identidades. As chaves de Lima são uma referência histórica para a trajetória de todos os povos latino-americanos e, aqui, na cidade dos reis, hoje o povo é o rei.

E eu tenho uma grande felicidade de estar aqui nesse momento em que nós comemoramos os 10 anos da aliança estratégica entre o Brasil e o Peru. Eu sei que pelo pouco que eu consegui, porque uma cidade a gente tem de conhecer a pé, não se pode conhecer uma cidade de carro, e eu gostaria muito de poder caminhar pela cidade de Lima a pé. Não só porque aí você conhece a população, mas é como se você entrasse na alma da cidade.

Eu sei que o Peru é a parte mais rica da América colonial. Daqui saíram, como também saiu do Brasil, os recursos para a revolução industrial. E nós vemos que conseguimos, apesar desse processo de retirada de recursos, nós conseguimos afirmar, ao longo da

história – e isso é o que interessa – as nossas características, e valorizar o que temos. Somos de um continente de fato rico em biodiversidade. Biodiverso com os maiores recursos de água potável do mundo, e compartilhamos uma das maiores florestas do mundo. Expressão dessa biodiversidade está em todo o nosso continente e nos nossos países. Temos também povos empreendedores, e seremos capazes e construir as condições econômicas, políticas e sociais, porque vivemos em paz, não temos conflitos étnicos, não temos divergências religiosas, e somos capazes de articular uma sociedade também biodiversa no que se refere ao aspecto cultural, a nossa biodiversidade. Esqueci que você estava traduzindo... Vejam vocês, esqueci que ela estava traduzindo. Você achou que você ia traduzir isso, né? Ela está triste porque ela achou que ia traduzir meu discurso, e eu estou improvisando. A vida dela é dura! Você esqueceu o resto, né? Eu notei.

O que eu quero dizer – vou simplificar para facilitar a tradução. O que eu quero dizer é que a nossa biodiversidade e a diversidade cultural de povos que têm na sua origem afrodescendentes, indígenas e brancos é a diferença que nós fazemos no mundo, e essa capacidade de perceber que nós temos de romper com a desigualdade, que é a base da submissão dos diferentes povos que vieram desenvolver esse canto do mundo é algo crucial. Por isso que nós elegemos a política social, basicamente aquela que foca na raiz da desigualdade, na primeira raiz, que é a renda. Nós conseguimos desenvolver com políticas específicas de renda.

Mas, como nós afirmamos, o fim da miséria, quando você avança na política social, o fim da miséria é só um começo. E as pessoas que vivem a democracia, que vivem a inclusão social, elas não querem voltar atrás. As pessoas querem mais democracia e mais inclusão social. É isso que nós aprendemos com a nossa política social, e um dos processos de inclusão mais efetivos é a educação porque a educação torna permanente conquistas econômicas e conquistas materiais. A educação permite duas coisas e, nesse sentido, ela é uma chave como a chave desta cidade: permite que você abra a porta para sair da pobreza e permite que você abra a porta para entrar no mundo da ciência, tecnologia e inovação, no mundo do conhecimento.

Portanto, as políticas sociais são um conjunto, e nós todos temos de perceber que não há como retroceder no processo de criação de um país de cidadãos e cidadãs. Eu, quando fui eleita, eu disse que eu honraria as mulheres e os mais pobres, apesar de ser presidenta de todos os brasileiros, e acredito que há grande diferença que os últimos líderes latino-americanos, como Lula, Kirchner, todos os outros que surgiram nesse período – eu estou falando só dos que não estão no governo –, a grande diferença é que transformaram um processo nacional numa visão também de integração latino-americana. E eu encerro falando sobre as mulheres corajosas. Primeiro, homenageando a nossa “alcaldesa”, que tem uma história de luta, e agradecendo por esse presente, que representa três mulheres latino-americanas, mulheres normais, mas que não viviam num país normal e que foram capazes de lutar pelo seu país e por sua vida: Minerva, Patria e Maria Teresa. As três mulheres que foram capazes de conduzir a sua vida pelo único caminho possível, da dignidade e da liberdade.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na solenidade de abertura do XIV Congresso da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo (Facesp) – Campinas/SP
Campinas-SP, 19 de novembro de 2013**

Bom dia.

Eu queria cumprimentar, aqui, o nosso presidente da Facesp, Rogério Amato, e por intermédio dele eu cumprimento os presidentes de cada uma das associações comerciais de todo Brasil aqui presentes.

Queria também, junto com ele, cumprimentar um amigo - um amigo lá do Rio Grande do Sul - José Paulo Caioli, que é presidente da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais no Brasil. E por meio dele eu também cumprimento cada um dos empresários e empresárias aqui participantes deste encontro que comemora 50 anos de existência da Facesp.

Queria cumprimentar o ministro Guilherme Afif Domingos, que é o ministro da Secretaria da Micro e Pequena Empresa, que é o ministério responsável por esse grande agente, por esse grande sujeito da economia brasileira, que é a micro e pequena empresa. E, que eu tenho certeza, vai, de fato, colocar a micro e pequena empresa no lugar que ela merece no cenário institucional, econômico e social do país.

Cumprimentar a ministra Helena Chagas, da Secretaria da Comunicação Social.

Cumprimentar o senhor Jonas Donizette, prefeito de Campinas.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Cláudio Puty, Delfim Neto, Guilherme Campos, Newton Lima, Walter Ihoshi.

Queria cumprimentar o secretário estadual Júlio Semeghini, e em nome dele cumprimentar o senhor governador, posto que o Julio Semeghini representa o governo do estado de São Paulo.

Cumprimentar, aqui, o Gilberto Kassab, ex-prefeito de São Paulo, presidente do PSD.

Cumprimentar o Mazoni, Marcos Vinícius Mazoni, presidente do Serpro que – Mazoni, eu não queria estar na sua pele, você tem um compromisso firmado diante... aqui nós temos um plenário de centenas de pessoas, mas o seu compromisso é diante de milhões de empresários, de micro e pequenos empresários, como disse o nosso Afif, o ministro Afif, 8,5 milhões de empresários.

Cumprimentar a deputada Célia Leão, por intermédio de quem cumprimento todos os deputados estaduais presentes.

Queria cumprimentar também o Pochmann, [Marcio Pochmann] que foi o ex-presidente do IPEA.

Quero também agradecer a apresentação do Coral da Gente, do Instituto Baccarelli.

Queria cumprimentar os senhores fotógrafos, os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas e os senhores cinegrafistas.

O tema que nós vimos nesse vídeo - e que é um vídeo que, para minha geração é comovente, porque é uma parte da vida de cada um de nós, e eu tenho certeza que esse congresso também faz parte e relembra a vida de cada um de vocês - o tema é: Celebrar a História e Construir o Futuro. Só quem celebra a história tem condições de construir o futuro, porque construir o futuro implica em saber onde que você não fez tudo que tinha

que fazer no passado. Por isso, eu acredito que esse é o momento fundamental e muito adequado para comemorar o cinquentenário de uma entidade como a Fapesp. Afinal esta é uma entidade com décadas de atuação em defesa dos princípios e dos interesses dos micro e pequenos empreendedores, dos princípios da livre iniciativa, do respeito ao contrato e, sobretudo, de algo que eu escutei de um senhor de um grande banco de investimentos. Ele dizia - ele que lida com o capital de muitos fundos - que capital é commodity; o que faz a diferença e o que diferencia é o empreendedor, é esse que é raro, e é esse que tem que ser sempre valorizado. Daí porque, e eu achei isso muito significativo, de fato, o capital é algo imprescindível – todas as commodities o são -, mas sem um empreendedor, sem aquela pessoa que, diante de uma certa realidade a transforma, a modifica, produz, cria valor, obtém o lucro com o qual vai ter que reinvestir. Esse, de fato, é sujeito do processo, e é aquilo que um país precisa para se desenvolver. E aí, essa entidade, ela está sustentada por um passado, um passado que tem várias realizações e que muitas delas, eu quero dizer, eu conheci com uma descrição vívida feita pelo ministro Afif. A luta para o reconhecimento da questão da pequena e da micro empresa na Constituição, a luta para construir uma lei geral, a luta do Simples, a luta do MEI, enfim, tudo aquilo que foi construindo esse passado, que é um passado de conquistas, sobretudo, um passado de grandes e meritórias lutas com vitórias e, evidentemente, com vitórias que apontam no melhor sentido que uma vitória aponta, aquilo que ainda falta construir. Por isso eu faço uma saudação a todos os empresários e as empresárias aqui presentes.

Um empreendedor, ele sem dúvida é um exemplo de coragem e de ousadia, porque ao começar ele está naquele momento em que tudo é indefinido. Depois que a coisa está feita é fácil dizer que foi fácil. Mas nós sabemos que não foi. E por isso eu quero dizer que vocês fazem a diferença em um país como o Brasil. Um país como o Brasil, ele, sem dúvida nenhuma, precisa de uma rede de empreendedores pequenos, médios, grandes, micro, mas ele precisa que essa rede seja uma rede forte. Pode ser um pequeno grande negócio. Pode ser um pequeno, mas um forte negócio. E, eu acredito que nos últimos anos, a gente olhando para aquele país de 1963 e olhando para o país de 2013, nós sabemos que vivemos uma nova realidade. Por quê? Aquele país de 1963 tinha uma população razoável, mas um pequeno mercado consumidor, uma pequena indústria, um pequeno comércio, um pequeno setor de serviços. Era um país que ainda estava lutando com a sua identidade.

Cada empresário aqui presente sabe que nós vivemos uma nova realidade em nosso país. Nós criamos as condições para a transformação de nossa imensa população, que é um grande patrimônio e um diferencial, e transformar essa população em cidadãos consumidores e, portanto, criar um grande mercado de consumo de massa no Brasil, fonte de dinamismo para todos os setores.

Eu acho que esse processo que ocorreu de forma muito intensa nos últimos anos, ele foi feito em cima de um alicerce. O alicerce é a nossa estabilidade, e nós sabemos que é fundamental a estabilidade na nossa economia, a força dessa economia está nessa estabilidade. Na verdade, pelo décimo ano consecutivo, nós vamos fechar o ano de 2013 com a inflação dentro da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional. A dívida líquida do setor público corresponde a 35% do PIB, e nós temos US\$ 376 bilhões de

reservas internacionais. Dos vinte países mais desenvolvidos do mundo, aqueles que estão no G20, precisamente seis países produzem superávit primário, apenas seis países dos vinte. Portanto, quatorze não fazem superávit primário, fazem déficit primário, déficit. Nós estamos... nós somos - considerando tamanho do superávit primário - primeiro é a Arábia Saudita, pelo seus recursos de petróleo; segundo, é a Itália, que é uma medida correta do governo italiano diante da imensa dívida pública que ela tem, 101%... estava em mais de 100% do PIB; o terceiro é o Brasil; o quarto, a Turquia; o quinto, a Alemanha; o sexto, a Coreia do Sul. Os demais não fazem superávit primário.

Portanto, o Brasil tem fundamentos econômicos sólidos, e nós implementamos políticas para fazer duas coisas, baseadas nesse alicerce, estimular a produção e emprego no Brasil. E isso em um extraordinário contraponto ao cenário internacional que é de redução drástica do emprego. Nós estamos em uma situação diferenciada. De 2011, no início do governo até setembro, nós criamos 4,7 milhões de empregos. E se a gente contar desde 2003, criamos 20 milhões de empregos, o que equivale à população da região metropolitana de São Paulo. Por que eu estou dizendo isso? Porque emprego, combinado com a renda - que cresceu de forma sistemática - dá a base, emprego, renda, estabilidade macroeconômica, dá a base do nosso mercado de consumo, que tem mostrado oportunidades diversificadas. Além disso, tudo isso foi reforçado pelas políticas sociais: Bolsa Família, Brasil Sem Miséria, o Minha Casa, Minha Vida, Luz para Todos, que contribuíram para que, no Brasil, nós tivéssemos tirado 36 milhões da miséria, sendo que 22 milhões nos últimos dois anos do governo. E isso significa um grande reforço, a quem? À classe C, que constitui, junto com a A e a B, a parte que é a maioria da nossa população, revertendo uma tendência histórica que fazia com que a C junto com a D e a E constituísse a maioria. Então, temos, de fato, um mercado pujante.

Eu sei que tudo isso significa, e é o segredo do dinamismo do comércio e dos serviços e da indústria, e que isso significou oportunidades para milhões de brasileiros e brasileiras quererem algo que é fundamental e que, junto com o sonho da casa própria, é um dos sonhos dos brasileiros e das brasileiras, que é ter o próprio negócio. Esse sonho – que eu diria o seguinte - junto com condições materiais, são a base do empreendedorismo, ele precisa ser regado, cuidado, desenvolvido e apoiado. Principalmente quando se sabe que 80% dos CNPJs ativos no nosso país são de micro e pequenas empresas. O que mostra que esse é um sonho espalhado por todo o território nacional.

Daí porque as ações que lideranças dessa área tiveram e que levaram - com o amadurecimento desse processo e a luta contínua - levaram à aprovação, em 2006, do Simples Nacional, dá uma mudança do patamar desse passado.

E aí, nós todos reconhecemos o papel das lideranças aqui presentes, eu queria reconhecer em especial o papel da direção da Fapesp, dos ex-integrantes da Fapesp, de todas as associações comerciais. Mas queria fazer uma justiça ao ministro Guilherme Afif Domingos. Qual foi a grande contribuição do Simples? Eu acredito que foi, primeiro, uma racionalização, a cobrança unificada de tributos e a redução em 40% desses tributos. E ele foi tão bem sucedido, o Simples, que quando em 2012, já no meu governo, nós ampliamos em 50% os limites das faixas de faturamento, houve um aumento muito significativo do número de empresas que passaram a se beneficiar. E eu posso dizer que

hoje existem 40% mais empresas no Simples Nacional do que havia em 2011. O que mostra o acerto desse processo de revisão.

O nosso compromisso com o tratamento diferenciado dos pequenos agricultores, o nosso compromisso como sociedade, como governo, se expressa também - e acho que é um momento fundamental - na criação do Micro Empreendedor Individual, o MEI, em 2009. E isso porque é, sem dúvida, um dos processos de inclusão produtiva mais social de todos os processos, em todas as áreas. Nós temos visto que a melhoria, a capacitação profissional não se dá só no Pronatec para o trabalhador, para a pessoa acessar o mercado de trabalho como trabalhador. Muitas vezes, a formação profissional do Pronatec que é aquele programa que nós fazemos em parceria com o Sistema S – o Senai, o Senac, o Senar e o Senat - implica em uma busca de melhoria para seu microempreendimento. E tem sido algo que chama atenção, o interesse das pessoas que têm seu pequeno negócio em se capacitar. Daí também o nosso papel importante, que tem esse processo de formação e capacitação de micro e pequenos empreendedores em todo esse cenário. E todas as ações que nós efetuamos nos últimos tempos, simplesmente confirmam esse sucesso do MEI: nós passamos de 780 mil microempreendedores formalizados para 3,5 milhões de microempreendedores formalizados. E eu não acredito que em qualquer lugar do mundo tenha um processo de inclusão produtiva tão acelerado como esse que ocorreu no Brasil. Não acredito.

Como o acesso ao crédito é sempre uma restrição para o crescimento dos pequenos negócios, em 2011 criamos o Crescer, que foi o nosso programa de Microcrédito Produtivo Orientado voltado, para empreendedores com faturamento de até R\$ 120 mil anuais. Esse Microcrédito Produtivo Orientado, ele é um programa tem de ser cada vez mais aperfeiçoado porque ele pode acabar com o nível de mortalidade que existe nos pequenos negócios, e que é fundamental que se preocupe e se olhe essa questão da mortalidade diante da falta de conhecimento, diante da falta de acesso a instrumentos de sobrevivência como é o caso do crédito.

Nos dois primeiros anos do Crescer, portanto, [20]11 e [20]12, nós realizamos sete milhões de operações - aliás, [20]12 e [20]13 – sete milhões de operações por 3,5 milhões de empreendedores, movimentando bilhões de reais de crédito. Nós também estamos ajudando os pequenos empreendedores a tomar esses empréstimos. E uma das questões mais importantes é a garantia. Daí a importância dos fundos garantidores, tanto o FGI, como é o caso do FGE, no caso das exportações.

Para que todas essas políticas tenham foco, tenham organicidade e consigam, de fato, integrar todos os entes federados desse país, foi muito importante a criação da Secretaria Ministério da Micro e Pequena Empresa. E essa secretaria é o nosso canal privilegiado com os pequenos negócios. Mas é também o nosso instrumento para que as políticas avancem. Eu acho que o papel fundamental desse ministério é o seguinte: quando você tem um ministério focado num assunto específico, ele não se dissolve nos outros assuntos. Como é o caso do momento anterior quando você tinha o Ministério da Indústria, Comércio e Relações Internacionais. Estava dentro do contexto geral da indústria e dos negócios do Brasil. Ter o Ministério da Micro e Pequena Empresa é fundamental quando se trata daquele momento em que nós vamos operar o fortalecimento da micro e da pequena empresa. Nós vamos operar o avanço necessário

nas políticas. Nós vamos buscar porque não sai de dentro do gabinete. Sai dessa interação com os agentes, as políticas saem da interação com os agentes. E obviamente de todos os recursos. Porque eu quero dizer para vocês que todas as políticas que o ministro Afif me apresenta, elas vêm primeiro dentro de uma pasta da Nossa Senhora Desatadora de Nós. Ele sempre traz todos os papéis dentro da pasta. Obviamente isso tem o chamado efeito acreditar, o efeito Fé – não é, ministro?

Mas voltando ao que eu estava dizendo. Tudo isso mostra que o dinamismo do mercado interno, a instituição do Simples Nacional, a criação do MEI e do Crescer propiciam um ambiente mais favorável aos pequenos negócios.

Mas ao pensar o futuro, eu acho que o grande tema desse encontro é que nós temos que avançar, nós temos que fazer mais e nós o faremos. A primeira questão que eu tenho, nesse processo em que as coisas vem na pasta da Nossa Senhora Desatadora de Nós, que eu acho que é estratégico é pensar simples. Pensar simples é muito complicado, pensar simples implica em você reunir em um foco a solução de vários problemas complexos. E, eu aprendi que das coisas complexas, ou melhor, das coisas complicadas que tem, dez anos que estou no governo federal, a burocracia é uma delas. A burocracia complica a vida dos empreendedores, dos cidadãos e do próprio governo, porque quase ninguém fala isso. A burocracia complica a vida do governo porque os processos decisórios ficam trancados, não fluem, não são ágeis e nem objetivos quando o império da burocracia ataca qualquer ente, seja governo, seja empresa. Então, é preciso pensar simples, eu acho que é um dos temas do Ministério da Micro e Pequena Empresa.

Nós sabemos que o Estado precisa dispor de informações, que o Estado precisa dispor das informações necessárias, e isso não pode significar nem a duplicidade, nem que haja três papéis, quatro papéis, cinco papéis. Isso não pode significar, portanto, que o volume de papéis e a falta de prazo – porque outro elemento da burocracia é o prazo, são dois elementos: muito papel, muita exigência e prazo lento, e é por isso que as coisas ficam trancadas. Esses dois processos: volume e temporalidade são, sem dúvida nenhuma, prejudiciais até às informações que o Estado precisa e necessita.

Daí porque nós teremos que aproveitar essa revolução da informática e da internet para transformar os processos. E daí não podemos acreditar que só elas vão mudar as coisas. Então, desburocratizar antes e informatizar, e não informatizar a burocracia. Portanto, a segunda questão que eu acho fundamental é que nós não podemos informatizar a burocracia, nós temos que simplificar e informatizar. Daí porque o desafio do Serpro, do Mazoni, vai ser facilitado por todos nós, eu tenho certeza.

Nós sabemos também que a burocracia e todas essas exigências, elas desviam o empresário do seu foco, elas provocam custos e provocam desperdícios. O Brasil, hoje, precisa de melhoria na produtividade, na produtividade das suas indústrias, na produtividade do governo, na produtividade sistêmica. Combater essa burocracia é também combater esse processo, que leva necessariamente à perda de prazos, a tempos longos. Por exemplo, a abertura de um negócio no Brasil é um processo muito mais longo e dispendioso que a abertura em outros países. Isso afeta a nossa competitividade, isso diminui a atenção que nós temos. Por isso, eu quero dizer que esse processo que se inicia na pequena, na micro e pequena empresa, é um processo que terá que ser estendido para todas as empresas deste país.

Outro princípio é que os empresários, os empresários são indivíduos, a empresa tem um representante. Não é possível que os vários órgãos do governo e as várias instâncias governamentais, elas exijam que esse empresário se multiplique, se torne vários empresários. Ao contrário, nós temos que garantir que os diferentes níveis de governo unifiquem as informações, ao invés de cada um exigir dos empresários que ele faça esse processo de balcão em balcão.

Por isso, e sabendo que essa questão tem seu início com a abertura da empresa, eu determinei ao ministro da Micro e Pequena Empresa a elaboração de um projeto para que nós simplifiquemos a abertura, a partir de 2014. Será feito por meio da Redesim, e nós vimos hoje a assinatura dessa parceria entre o Serpro e o Ministério. Nós sabemos também que esse processo pode ser reduzido a cinco dias, e sabemos que 95% das empresas, elas podem ter um processo de formalização muito mais rápido e muito mais ágil, e também temos, aos outros 5%, que dedicar nossa atenção para reduzir o prazo dos processos mais complicados ao mínimo. E eu tenho certeza que o ministro Afif, com a sua obstinação, vai implantar essa Redesim, e eu acho que ela servirá de *benchmark* para todos os processos de simplificação do que o Amato chamou, se eu não me engano, de inferno burocrático? Manicômio, manicômio burocrático. Nós estamos, portanto, diante de uma oportunidade também de unir os três órgãos do governo. Em todos os processos que eu tenho participado, a parceria entre os três órgãos de governo – União, estados e municípios tem sido crucial para as coisas acontecerem. Sem ela é muito difícil executar qualquer política no espaço territorial brasileiro, porque ele é dividido por essas instâncias que são institucionais, políticas e territoriais. Nós precisamos, então, dar esse novo salto. Nós já vimos que é possível, com o próprio MEI, nós vimos que é possível simplificar.

Eu queria, também, dizer que nós estaremos, nessa fase, atualizando o governo. O governo será um governo com ação e com atuação digital. Nós sairemos da analógica, eu diria que é mais para medieval, analógico-medieval, do que para qualquer outra característica. Mas essa primeira etapa da nossa caminhada para simplificar a vida do empresário e estimular o empreendedorismo, ela vai exigir de nós vontade política e competência.

Nós também sabemos que é fundamental manter aquele princípio do dispositivo constitucional que é reconhecer o tratamento diferenciado das micro e pequenas empresas. Então, esse é um princípio que nós temos que adotar na política dentro do governo para persistir defendendo que essa diferenciação persista em todas as áreas, ou seja, nós temos que, cada vez mais, dar realidade ao artigo 179 da Constituição.

E eu queria agora me referir ao princípio da dupla visita. Nós vamos exigir, nós vamos enfatizar, nós vamos buscar em todas as esferas, não só no governo federal, mas persuadir a todas as esferas, através de legislação, de que a primeira visita da fiscalização, primeiro para as pequenas, para as MEIs e as micro e pequenas empresas seja de orientação, com prazo definido para fiscalização. Nós sabemos que por vários motivos, mas entre eles o desconhecimento, os pequenos negócios não cumprem certos requisitos. E, combinado com isso também, além do desconhecimento, há também uma perda de capacidade diante de certas exigências, que também vão ter de ser cumpridas,

mas têm que ter um suporte mínimo para ser atendidas. Aí, a atuação do Ministério, junto com todos os órgãos que apoiam a micro e pequena empresa, vai ser essencial.

Nós queremos, portanto, que o microempreendedor individual, os pequenos e os micros, sejam embrião de médios e grandes, ou sejam um embrião de pequenos negócios muito bem sucedidos, e que eles possam se desenvolver, e que isso mostre claramente que o Estado pode, de fato, participar disso de forma positiva e de forma bastante afirmativa, e a relação empresa-Estado não seja de confronto, mas de cooperação.

Nós sabemos que o Simples foi uma conquista histórica. Nesse curto período – porque ele tem seis anos de vida – nós aprendemos que ele pode ser aperfeiçoado. Se o Simples ainda é complexo cabe a nós – e a grande missão do Ministério das Pequenas e Micro Empresas é simplificar o simples – é gerar emprego e renda para os empreendedores, é garantir uma rede e um tecido social no nosso Brasil que leve, cada vez mais, ao empreendedorismo, até pelas oportunidades que o país tem.

E, principalmente, eu queria dizer da importância democrática desse empreendedorismo, que tem essa qualidade de se espalhar pelo Brasil. E essa característica democrática, ela funda uma das questões que eu tenho convicção que o Brasil tem que ser um país de classe média, uma nação de classe média. O que eu quero dizer com isso? Eu quero dizer com isso, uma nação em que a característica do chão da pirâmide social seja elevada à classe média, e não um país que tenha o que nós sempre tivemos no passado, e que eu acredito que estamos transformando e mudando no presente. Um país com empreendedores que formam sua base social, um país com trabalhadores qualificados profissionalmente, capazes de agregar valor ao seu produto, um país em que, no centro dele, esteja a educação e o conhecimento, não só para a capacitação de trabalhadores, mas também para a capacitação de pequenos e microempreendedores. Um país que tenha, no seu centro, essa proposta de liberdade que o empreendedorismo traz. A proposta que a gente encontra, quando eu disse, no início, que os dois sonhos do Brasil são a casa própria e ter seu próprio negócio, é que eles sintetizam os sonhos do brasileiro e da brasileira: ser capaz de ter uma liberdade na vida. Ter essa sensação de segurança simultânea com a de liberdade.

Ao encerrar, eu quero voltar, aqui, à ideia do 14º Congresso, que é celebrar a história e construir o futuro. A história que nós estamos construindo, ela teve, sem dúvida, a vontade política, teve decisão, determinação das lideranças do microempreendedorismo e dos pequenos negócios. E isso a gente chama, pode chamar, de vontade política, a vontade política necessária para enfrentar os desafios e superá-los. Mas nós construímos hoje as bases que permitem que o Brasil tenha milhões de micro e pequenas empresas, e que essas bases, elas são validadas tanto com as políticas que o governo pode desenvolver, mas também com a iniciativa que as lideranças do pequeno negócio têm, dentro das suas responsabilidades de realizar.

O futuro será nosso se nós percebemos que essa oposição não existe, não há uma oposição entre governo e empresários. Há uma proposta de cooperação, há uma perspectiva de cooperação, mas, sobretudo – e aí eu encerro –, há a vontade política do meu governo de cooperar com todos os empresários e empresárias de pequeno porte, de médio porte e de grande porte.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura da 5ª Conferência Nacional das Cidades – Brasília/DF
Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 20 de novembro de 2013**

Boa noite a todos e a todas.

Eu vou começar cumprimentando as companheiras delegadas e os companheiros delegados. Essa, sem dúvida, é a maior Conferência feita pelos movimentos sociais que eu tenho notícia e verificado. Queria cumprimentar também os integrantes do Conselho das Cidades.

Eu queria começar cumprimentando o Beto Aguiar, do Movimento Nacional de Luta por Moradia,

O Eduardo Cardoso, da Central de Movimentos Populares,

A Neide Carvalho, da União Nacional por Moradia,

A Nelma Lisboa, representante do poder público estadual,

A Inêz Damasceno, representante do poder público municipal,

O Carlos Comasseto, representante do poder público municipal do Legislativo,

O Expedito Solaney, representante dos trabalhadores,

O Newton Velloso, representante do segmento empresarial,

O Yuri Silva Lima, representante de entidades profissionais, acadêmicas e de pesquisas,

O Alexandre Pacheco, representante das organizações não-governamentais,

Queria cumprimentar os governadores que honram a esta Conferência e a nós, do governo federal, com a sua presença: o governador do Distrito Federal, que nos recepciona, Agnelo Queiroz; o governador em exercício de Sergipe, o Jackson Barreto; o governador do Acre, Tião Viana; o vice-governador do Mato Grosso, Chico Dalto.

Quero cumprimentar, aqui, alguns ministros de Estado e, em nome deles, vou cumprimentar a todos os demais. Quero cumprimentar o Aguinaldo Ribeiro, ministro das Cidades. Quero cumprimentar o Gilberto Carvalho, ministro da Secretaria-Geral. Quero cumprimentar também a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão. Quero cumprimentar aqui, também, o presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Hereda. Porque, com esses três ministros e o nosso companheiro presidente da Caixa, nós temos feito, com a colaboração dos demais ministros e dos demais integrantes do governo, nós temos feito esse esforço em prol da cidadania, ministro Aguinaldo, desse ministério da Cidadania, ou do ministério das cidadãs e dos cidadãos.

Queria cumprimentar a senhora... Não, queria cumprimentar os senadores primeiro: Inácio Arruda e Ciro Nogueira.

E os deputados federais, eu cumprimento o Nilmário Miranda, presidente da Frente Parlamentar pela Reforma Urbana. E também os seguintes deputados federais que estão aqui: Chico Lopes, Eduardo da Fonte, Fábio Reis, Givaldo Carimbão, Henrique Fontana, Hugo Leal, Jerônimo Goergen, Luciana Santos, deputado Magela, Márcio Junqueira, Roberto Balestra, Zezéu Ribeiro.

Eu quero cumprimentar – e deixei para o fim porque quero fazer a ela uma saudação especial – quero cumprimentar a Bartíria Lima da Costa. Não só porque ela falou em nome dos movimentos sociais que integram o Conselho, do Conselho das Cidades, mas eu quero cumprimentar a Bartíria, sobretudo, pela sua dedicação a essa causa. Porque,

como mostrou o nosso ministro Aguinaldo, para as coisas se realizarem há que ter companheiros dedicados, companheiros e companheiras dedicadas. A Bartíria é uma dessas companheiras. Então, parabéns, Bartíria, pela sua dedicação à causa das cidades, dos cidadãos, das cidadãs e da cidadania deste país.

Queria cumprimentar os senhores fotógrafos, os senhores cinegrafistas, os senhores e as senhoras jornalistas.

Queria cumprimentar também os fotógrafos avulsos aqui. Esse pessoal, fotógrafo, jornalista... aliás, esse pessoal fotógrafo tem de se cuidar – viu, Stuckert? – porque eles tiram o emprego de vocês.

Bom, a temática desta Conferência, da 5ª Conferência das Cidades, é uma temática importantíssima, porque ela sintetiza muito o momento presente. Primeiro, ela faz uma afirmação, uma afirmação que é a afirmação da participação popular: quem muda as cidades somos nós, a primeira afirmação. A segunda afirmação é um projeto, uma proposta, um programa e uma realização a ser feita: reforma urbana já!

E por isso que ela é inteiramente, inteiramente adequada a nossa situação. Primeiro porque ela explica a importância da participação popular, mas, dentro da participação popular, a importância da autodeterminação dos movimentos e a questão que muitas vezes nós chamamos de vontade, vontade política. Vontade política não é só do governo, não. Vontade política é dos movimentos sociais também. É a decisão que se toma de lutar por uma causa e de conquistá-la. Isso é vontade política.

Além disso, eu acredito que quando se fala em “reforma urbana já”, nós estamos falando duas coisas. Primeiro, fazemos uma constatação: olha, é preciso reformar as cidades. Porque senão ninguém ia falar “reforma urbana já”. E por que é que se fala... por que é que a gente fala “reforma urbana já”? – frase com a qual eu concordo. Por quê? Porque as cidades são como... aliás, onde estão pessoas, onde vivem pessoas, sempre, num país como o Brasil, são espaços onde houve concretizada a exclusão social que neste país vem de mais de 400, 500 anos. E a cidade, sendo esse espaço, e havendo essa desigualdade, nós temos, portanto, de reformá-la. Essa é a primeira afirmação. A segunda afirmação é a urgência. É preciso fazer isso com urgência. E, fechando tudo, tem uma outra – pelo menos assim eu vejo –, uma outra visão: nós conquistamos muitas coisas, mas não é suficiente o que nós conquistamos. Nós temos de avançar e fazer mais.

Esse avanço e esse objetivo de fazer mais é que torna essa conferência tão importante, porque senão a gente iria esquecer... eu estava falando isso para a Bartíria, que... de onde saiu o Minha Casa Minha Vida, né, Bartíria? Saiu de uma luta que vocês travaram, vocês conseguiram 1 milhão de assinaturas para o Fnhis, para aquele programa que pela primeira vez colocou na pauta, de uma forma contundente, com um milhão de assinaturas, habitação de interesse social.

_____ : Ficha limpa também.

Presidenta: Sim, mas eu estou falando de habitação. Ficha limpa também. Assim, que eu quero falar aqui, agora, sobre, primeiro, o que conquistamos, de onde nós estamos partindo, o que nós acumulamos. Nós sabemos que o Brasil de hoje é diferente do Brasil lá de 2003, quando nós chegamos ao governo com o presidente Lula. Nós temos de falar deste país que, junto com o Ministério das Cidades, completa 10 anos. Eu já diria que está completando mais para 11 agora, nós estamos já entrando no 11º ano. E por que eu

quero falar dele? Porque foi nesse período que 36 milhões de brasileiros foram tirados da pobreza, sendo que 22 milhões nos últimos anos. Foi nesse período que 15 milhões de pessoas saíram da escuridão, apagaram os candeeiros, apagaram as velas, apagaram as lamparinas, por conta do Luz para Todos. Foi nesse período que nós fomos e pagamos o Fundo Monetário Internacional, o FMI. E foi nesse período que nós acumulamos uma quantidade grande de reservas. Mas foi nesse período que nós transformamos a política brasileira, a política econômica, a política social e transformamos, portanto, toda a política de governo numa política voltada para o crescimento das pessoas no Brasil.

E aí muito certo mais uma vez está o ministro Aguinaldo: um governo não pode fazer política para as coisas, como muitas vezes se faz, olhando o quanto de cimento, o quanto de ferro ou os números. Tem de olhar pra realização que muda a vida das pessoas. E onde estão as pessoas do nosso país? Elas estão, na sua maioria, nas cidades, mas também elas estão na zona rural. Nós temos políticas para os dois, mas eu vou falar aqui da política para as cidades. Houve vários avanços.

Nós avançamos também... eu queria fazer esse parêntese antes de chegar nas cidades, porque estou falando para as pessoas. Nós avançamos muito também na questão de algumas desigualdades. Eu quero me referir aqui, por exemplo, às cotas nas universidades públicas. Eu quero me referir aqui também a usar os royalties do petróleo para melhorar a educação nas creches, para garantir escola de tempo integral, para garantir acesso ao ensino técnico, às universidades.

Eu quero me referir também ao fato de que nós, agora, também conseguimos, num grande processo de discussão, construir a política do Mais Médicos. Porque levar médico para as populações é cuidar das pessoas, e vocês podem ter certeza, um dos lugares que tinha menos médicos no nosso país é a periferia das cidades, das grandes e das médias. Mas também tem no interior todo, tem na fronteira deste país imenso e tem na Amazônia, no Norte, no Centro-Oeste, enfim, é o atendimento à população indígena e à população quilombola.

Mas eu quero voltar aqui, eu quero voltar aqui... tem também, é a mesma coisa no Mato Grosso do Sul. Também no Piauí. Aliás, falando no Piauí, este governo colocou R\$ 30 bilhões para cuidar do semiárido nessa seca. E isso é fundamental porque, no passado, não se investia no Nordeste deste país.

Eu podia ficar aqui horas e horas falando para vocês sobre as mudanças, e eu ia me entusiasmar cada vez mais. Mas eu quero voltar para a questão do que nós estamos aqui fazendo hoje. Nós estamos, ao mesmo tempo, celebrando o que nós fizemos, mas apontando para o futuro. Nesses 10 anos, foi fundamental, e a gente tem de reconhecer isso, a decisão de criar o ministério. O ministério é o alicerce disso. O ministério, junto com o Conselho das Cidades, ele é o fundamento da nossa política urbana para o país. Ele é isso. Portanto, a gente tem de saudar essa criação.

Nós também criamos, ao longo desta década, vários marcos legais, todos com a participação decisiva de vocês no processo de reivindicação. Nós amadurecemos, fomos lá e construímos. Então, marco regulatório em várias áreas, da habitação, do saneamento, da mobilidade urbana, nós fizemos uma série de transformações. Agora, não adiantaria nada esses marcos legais, se a gente não transformasse isso em ação concreta. Nós transformamos isso em ação concreta.

Eu quero falar da área de saneamento. Por que eu quero falar da área de saneamento? Porque, no Brasil, o governo federal não investia não, em saneamento, não investia. Saneamento que estou falando aqui é água tratada, é esgoto sanitário, com tratamento e oferta de esgoto sanitário, é política de resíduos sólidos e é também drenagem. Este passivo que nós herdamos por termos hoje até uma razoável, uma razoável, mas não suficiente política de garantia da oferta de água, nós não temos de esgoto tratado. E isso é grave, porque isso afeta a saúde, não só da população adulta, mas, sobretudo, das crianças e dos jovens. Por isso o esforço que o governo faz, mesmo não sendo responsável, porque a Política Nacional de Saneamento atribuiu aos municípios e ao estado, mas nós participamos com efetivos recursos: R\$ 93 bilhões no meu governo, nessa questão do saneamento.

E quero contar uma história pra vocês. Em 2005, antes de a gente pagar o Fundo Monetário, foi final de 2005, início de 2006, que isso aconteceu. Um dia, eu já era chefe da Casa Civil, um belo dia – eu conto muito essa história –, um belo dia, um companheiro lá da Fazenda entrou na minha sala e disse: “Ministra” – eu era ministra da Casa Civil – “Ministra, eu estive conversando com o pessoal do FMI, e eles vão autorizar o governo federal a investir 500 milhões no saneamento”. Gente, 500 milhões é 0,5% do que nós investimos, 0,5%. Para vocês terem uma ideia de onde nós saímos. Nós saímos... aquela curva do Aguinaldo, ela vale não só para a habitação. Ela vale também para o saneamento. Nós saímos lá de baixo. Porque hoje uma cidade no Brasil recebe 500 milhões, e não o país inteiro.

Eu quero agora dizer para vocês que como nós mudamos... O que é que nós fizemos? Nós, através de um processo – e aí nós que eu estou falando é o governo do presidente Lula e o meu governo –, nós olhamos com outros olhos para a questão urbana, e, sobretudo, para essa questão que está escondida, que ninguém gostava de investir, porque saneamento é isso, é o quê? É vida. Mas ele está escondido lá no solo, né? Os canos estão lá embaixo, os dutos estão lá embaixo, ninguém vê. Assim, não investiam. É fundamental para o país, é um dado fundamental, e a gente tem de ter clareza disso, é um dado fundamental. É índice de desenvolvimento, Índice de Desenvolvimento Humano ter água tratada e esgoto tratado.

A gente não pode, em nenhum momento, abrir mão disso. Nós não podemos abrir mão e deixar que os percentuais, principalmente na casa de esgotamento sanitário, sejam tão baixos no Brasil. Daí por que o efeito e a prioridade que o meu governo... e aí as ministras sabem, principalmente a ministra Miriam sabe que eu tenho uma fixação em saneamento, principalmente naquele que é mais difícil de fazer e que é o mais complexo e precisa do olhar que não olhe só uma região. Precisa de obra estruturante que olhe um conjunto de regiões, principalmente nas metropolitanas.

Queridos amigos delegados e delegadas,

Nós também temos de comemorar uma outra coisa que avançou no Brasil, que é importante para as cidades, que é a prevenção de riscos frente a desastres naturais. Nós estamos chegando ao final do ano. Nessa época do ano chove em várias regiões do país, principalmente nas cidades alagam. Hoje, eu estava escutando o depoimento de uma prefeita de Ribeirão Preto, chamada Darcy Veras, que não é do meu partido, portanto, é inteiramente isenta, dizendo que a coisa mais importante que ela fez na cidade dela foi

acabar com o alagamento e, principalmente, que esse alagamento, além de afetar todo o centro urbano, também afetava as periferias e tinha gente que não dormia de noite para ficar olhando qual era o nível do rio.

Então, essa questão que nós tomamos, de investir na prevenção de desastres naturais foi muito importante. Nós temos de impedir que a ocupação desordenada do solo e das encostas, e vários dos rios, ampliem os riscos de deslizamento para as populações mais pobre também, porque elas são empurradas, elas vão sendo empurradas, e aí ocupam as margens dos rios, a beiradas das lagoas, os córregos. E aí, o que acontece? Além dela estar morando distante, ela corre risco de vida. Por isso que uma política contra desastres naturais é essencial. Nós, hoje, temos um gasto bastante significativo só nessa área, são mais de R\$ 2 bilhões. Para fazer o quê? Para garantir que as pessoas não sofram as consequências dessas políticas de deslizamentos.

Agora, eu quero falar outra coisa para vocês. Todo mundo aqui sabe que cada um de nós tem uma preferência: gosta de uma cor, gosta de um livro, gosta de uma musica, gosta também da namorada ou do namorado, não é? Bom, quem exerce cargo público, como eu, também tem as suas preferências. Eu tenho uma preferência, uma preferência muito forte, a minha preferência tem nome, chama Minha Casa, Minha Vida. A preferência, e você sabe como que é, mãe vai entender o que eu vou dizer: quanto mais difícil, quanto mais trabalho, quanto mais esforço, quanto mais preocupação a gente teve com um filho, mais a gente gosta dele. Eu gosto muito do Minha Casa, Minha Vida. Por que eu gosto? Primeiro, porque o Minha Casa, Minha Vida rompe, rompe com um princípio extremamente errado, que era o princípio que eu ia contar com o setor, o mercado, para resolver o problema da habilitação no país. A gente pode esperando sentado que não iríamos resolver o problema habitacional no país se a gente, se a gente não resolvesse um problema muito simples. Como é que uma pessoa que ganha um salário, vamos dizer assim, vou falar aqui um número, de mil reais, ela pode comprar uma casa de 50 mil reais, de 60 mil reais, de 70 mil reais. Esse milagre não existe. Esse milagre é que nem transformar o ferro em ouro, não dá. Então, o que é que dá? É reconhecer que o Estado brasileiro – não é um governo só – o Estado tem obrigação, para certa camada da população, de contribuir para ela ter acesso a casa própria. É essa a questão. Daí por que esse é o programa em que o governo federal gasta mais com subsídio. Nós, de fato, subsidiamos a casa própria para a população mais pobre deste país. E não é uma questão de esmola, não é questão de dádiva, não é um presente. É uma obrigação, e, portanto, da parte do Estado, e é um direito do cidadão e da cidadã, da parte da população. Essa é a diferença fundamental desse programa, ele foi feito para cidadãos e para cidadãs com direito pleno e direito ao dinheiro público, direito a esse dinheiro público.

Eu lembro muito bem o quanto foi um esforço fazer esse programa. Eu lembro direitinho que, no início, queriam fazer 200 mil casas, depois queriam fazer 500 mil casas, e nós conversamos e o presidente Lula dizia assim para mim: “Mas é um absurdo, 200 mil casas, isso não dá para nada”. E aí forçamos, lá em 2009, né? Tem muita gente aqui que participou disso, eu lembro de vários. Não vou citar... se eu citar um e não citar o outro dá aquele ciúme, né, Donizete? Está lá ele morrendo de ciúme! E aí, o que é que aconteceu? Bancamos que ia ser 1 milhão. O que é que falaram de nós? “Isso é mentira, não fazem.

Esse povo não faz 1 milhão de casas, mas nem que a vaca tussa”. Era isso que falavam, mas falavam mesmo, é só pegar o jornal e olhar se não falavam. Aí, no final, até o final do governo do presidente Lula, portanto, 1 ano e 4 meses do dia que a gente lançou o programa, nós conseguimos, num esforço imenso, contratar 1 milhão de casas. Conseguimos, fomos lá e contratamos, 1 milhão de casas. A Caixa ajudou, o Ministério das Cidades liderou, Planejamento ajudou, todo mundo ajudou e foi contratado 1 milhão de casas, que foram sendo construídas, muitas entregues no meu período de governo.

Mas veja bem vocês, hoje, uma coisa que o Aguinaldo falou: nós aprendemos, nós não fazemos mais só 1 milhão. Hoje, aliás, hoje não, no dia 31 de outubro, na vidrada do 31 para o 1º de novembro, nós conseguimos. Além... tira... esquece esse 1 milhão. Nós contratamos, de 2011 até hoje, 2 milhões de moradias. Então, se você contar do momento do presidente Lula, lá em 2009, até hoje, são 3 milhões. Mas eu vou ficar na minha e falar que nós contratamos 2 milhões, porque senão amanhã vão dizer: ela está falando que contratou 3 milhões, e ela contratou 2 milhões. Nós contratamos, no meu período de governo, 2 milhões. E quero avisar que as restantes 750 mil serão contratados. E quero avisar mais outra questão: nós estamos avaliando, agora, a continuidade do programa, para... Nós estamos avaliando o quê? O tamanho, o tamanho, agora, do desafio que nós vamos colocar para nós mesmos. Começamos em 1 milhão, passamos para 2,75 milhões, e agora vamos colocar um outro padrão para ser seguido, independentemente do que ocorra em 2014, é uma proposta que todos vocês saberão, para poder garantir que ela ocorra chova ou faça sol. Essa proposta é fundamental para a continuidade do programa, uma vez que a gente sabe que o déficit habitacional no Brasil não foi superado.

Bom, o Aguinaldo já falou do Minha Casa Melhor, eu não vou ficar aqui insistindo nisso, mas eu vou falar da outra coisa que eu me orgulho. É que até agora, além de a gente contratar 2 milhões, nós conseguimos construir 1,4 milhão casas, portanto, atendemos a 1,4 milhão famílias. E isso é algo que ninguém, quando vê a chave sendo entregue, vê as pessoas ganhando uma imensa autoestima, vê as pessoas melhorando fundamentalmente a vida, a vida delas e da família, dos filhos, dos amigos, dos parentes. E aí quero dizer uma coisa para vocês. Eu vi uma pesquisa, a pesquisa do Ipea. O Ipea é aquele instituto de pesquisa do governo, mas é um instituto extremamente competente, técnico e insuspeito. Fez uma pesquisa com as famílias do Minha Casa Minha Vida, e aí, de 0 a 10, pediram que dessem uma nota de satisfação com o programa, e a nota veio acima de 8 pontos. Nós, de zero a dez, tivemos... acima um pouco de 8 é a média. Em alguns estados da Federação chegou até 9,6, diante da carência que esses estados tinham de moradia.

Por isso eu fico muito feliz, e eu fico muito feliz também porque uma outra coisa foi avaliada pelo Ipea. Essas pessoas que têm acesso à casa própria, elas também aumentam seu patrimônio. Elas não tinham patrimônio, passam a ter patrimônio porque essas casas se valorizam e elas se transformam numa riqueza que aumenta a riqueza do brasileiro e da brasileira pobres deste país, que passam a ter um patrimônio que tem valor, e tem uma parte da riqueza, então, que passa a ser daquela família, o que também foi um lado dessa pesquisa que eu achei muito interessante e que era o comentário das

peessoas que tinham recebido a casa. Então, esse fato é algo que eu queria compartilhar com vocês, por quê? Porque eu sei que vocês participaram disso.

Repito, outra vez, eu lembro perfeitamente da lei do Fnhis, da batalha, e lembro do Fnhis, lembro do Fnhis. Nós começamos, no Fnhis, com pouco dinheiro. Não tinha o dinheiro que o Minha Casa Minha Vida coloca, mas ele tem um grande mérito. Sabe qual é o grande mérito do Fnhis? Ele abriu a porta. Vocês abriram a porta por onde entrou o Minha Casa, Minha Vida.

Eu queria falar para vocês uma coisa além disso, que na questão da reforma urbana, alguns direitos fundamentais estão lá na base dela. Um deles é o direito que a Constituição assegura, é um direito de cidadania e que a Constituição assegura, que é o direito a você ter a sua moradia e ali criar seus filhos. E aí eu quero garantir uma coisa para vocês. Eu quero garantir o compromisso do meu governo também com o fato de que nós não podemos admitir outros eventos como o Pinheirinho. E, portanto, eu reitero meu compromisso com o quê? Com o uso de formas dialogadas e pacíficas de resolução de conflito, que garanta esse direito à moradia. Eu quero dizer para vocês que esse é o compromisso do governo federal: de forma pacífica e dialogada resolver e se propor a participar da resolução de conflitos.

_____ : Tem que avisar para Belo Horizonte, Minas Gerais.

Presidenta: A gente tem de avisar para todo mundo, para todo mundo. Porque conflitos fundiários urbanos existem neste país, em todos os lugares. E acho que este país tem de amadurecer cada vez mais nos processos democráticos. E processo de resolução de conflito pacificamente e com diálogo é característica intrínseca da democracia, democracia não é só votar, democracia é isso.

Nós... Agora eu quero falar para vocês uma outra questão, a questão do transporte coletivo de massa. O transporte coletivo de massa é uma das questões fundamentais das grandes cidades, principalmente daquelas grandes cidades como São Paulo, que tem 20 milhões de habitantes na região metropolitana e 11 milhões só na cidade. Além de Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Fortaleza, Recife, Brasília, Goiânia, todas as capitais mais as cidades médias, e mais as regiões metropolitanas. Eu não tenho como citar aqui as, se eu não me engano, 270 cidades brasileiras acima de 500 mil habitantes. Depois eu terei de falar daquelas acima de 100 [mil habitantes]. Então, de todas as cidades, médias e grandes.

Eu considero que uma das questões mais importantes que o meu governo fez, nesse período, foi fazer o Programa de Mobilidade Urbana. Por que esse programa é essencial? Porque uma das questões políticas relevantes é o tempo. Pode saber que o tempo é um objeto que interfere na vida das pessoas, o tempo. Quem tem mais tempo? Uma pessoa mais rica ou uma mais pobre? A mais rica. Então, a forma pela qual o tempo é agarrado por cada um dos moradores de uma cidade é algo importante. Daí se você fica quatro horas no transporte para ir para o seu trabalho e mais 4 horas para você voltar do trabalho, como uma senhora moradora da periferia de São Paulo me disse que ela ficava, é algo muito grave. O Brasil parou de investir em transporte público, e em quê? Na mobilidade, onde que esse transporte público trafega. Durante os anos 1990 não investiu grande coisa. Antes dos anos 1990 também não. E, quando investia, o investimento era pequeno e concentrado em alguns poucos lugares.

Então, nós temos um passivo enorme para resgatar. Não é só na questão da mobilidade urbana, no saneamento também. No transporte coletivo, nós, no início do governo, decidimos que íamos investir em mobilidade urbana. Então, nós investimos 93 bilhões de reais até junho deste ano. Com as manifestações de junho, e vendo agravar o problema, nós botamos mais R\$ 50 bilhões. Fizemos um esforço, limpamos, limpamos o caixa e botamos mais R\$ 50 bilhões, totalizando R\$ 143 bilhões. Para quê? Para três coisas que são importantes. Primeiro, prioridade para o transporte em trilho. Pode ser trem interurbano, mas é metrô, e é também corredor, BRT e VLT. E também, para interligar tudo isso, criar bilhete único e diminuir a tarifa de ônibus.

É bom lembrar que o governo federal, antes de qualquer manifestação, tinha desonerado o PIS/Cofins das empresas de ônibus. É bom lembrar disso. Nós tínhamos desonerado. Então, nós passamos a investir em metrô. E é bom lembrar mais uma coisa. Eu não sei se vocês sabem, mas, nos anos 1980, dizia-se o seguinte: “O Brasil não tem de ficar investindo em metrô. Ah, não tem, não. O Brasil é um país pobre, não precisa investir em metrô. Faz só ônibus que dá certo”. Isso é uma visão, né, como dizia um grande escritor brasileiro que gostava também muito de futebol, que chamava Nelson Rodrigues e que este ano faz 100 anos, ele dizia que isso era complexo de vira-lata. Complexo de vira-lata, ele disse, porque na véspera do Brasil ganhar uma Copa, estava todo mundo dizendo que o Brasil ia perder. E ele disse: isso é complexo de vira-lata, o Brasil vai ganhar.

Então, não poder investir em metrô porque a gente não era um país desenvolvido, como eles queriam, é um absurdo. Daí porque você tem uma cidade do tamanho de São Paulo com tão poucos quilômetros. Investir em metrô é crucial para você garantir a rapidez do fluxo, porque não tem ônibus que, numa cidade daquele tamanho, dê conta da rapidez. E você só conquista tempo com rapidez. E conquista também segurança e qualidade com o metrô. Interliga com o ônibus, interliga com o trem interurbano, aí você tem bilhete único e a tarifa do transporte coletivo fica acessível aos bolsos.

Eu queria falar disso para vocês para dizer o seguinte: tudo isso nós vamos ter de fazer mais e, além disso, nós temos de investir em outras coisas.

_____ : Segurança pública, Dilma.

Presidenta: Sim, mas eu estou falando agora, primeiro, nessa questão da cidade. Segurança pública é algo essencial, eu concordo com você. No caso do Brasil, só falando... dando um parênteses aí, nós cuidamos de duas coisas, que é fundamental que se cuide e que abastece o crime organizado. Nós cuidamos de impedir que drogas e armas entrem pela fronteira, através de uma parceria feita entre as Forças Armadas, Exército, Marinha e Aeronáutica, lideradas pelo Ministério da Defesa, com o Ministério da Justiça, Polícia Federal, [Polícia] Rodoviária Federal, Força Nacional de Segurança Pública. Nossa função constitucional é essa. Mas nós atuamos também em parceria com os governadores, com vários governadores, para não dizer com todos os governadores, tanto no sistema penitenciário, quanto transferindo para eles equipamentos de toda espécie, de armas a coletes à prova de bala e, também, a todas as questões relativas à inteligência. Mas volto para a minha parte: eu quero dizer que essa agenda da reforma urbana é uma agenda ampla. Nós chegamos a ela na reforma urbana já, com um conjunto de coisas realizadas.

E, portanto, eu repito, essa conferência é tão importante, tão importante, e é tão importante para que vocês, como sempre, ofereçam subsídios para todos os novos passos. Mas, além disso, é um momento fundamental, e eu vou dizer para debater o quê. Para debater uma rede integrada de mobilidade urbana que coordene a região metropolitana e que discuta também a questão da gestão metropolitana como propôs. O sistema nacional também, o sistema nacional que vocês propõem, de desenvolvimento urbano, é algo que cabe ser discutido agora. Foi aprovada a comissão interministerial, mas a conferência tem de discutir orientações, metas, propostas, projetos. A Conferência também tem de dar a sua contribuição. Há pontos críticos, há pontos sensíveis, há posições divergentes, mas eu tenho certeza que aqui tem muita vontade de avançar.

Finalmente, eu acho que será muito importante, e, como eu já disse, eu quero dizer para vocês que nós estamos empenhados em resolver e ter um projeto relativo à questão da resolução e prevenção de conflitos fundiários. E também... e acho que isso pode ser também um tema de discussão aqui. Estou certa também de que os delegados desta conferência vão fazer aquilo que eu sempre conto que apareceu numa conferência, numa das nossas conferências, e eu acho, Marta, que foi na da Cultura, e tinha um companheiro ribeirinho lá do Amazonas que veio para a Conferência da Cultura, e perguntaram para esse companheiro que veio para a conferência o que era uma conferência. Então, eu vou perguntar para vocês: o que é uma conferência? E vou dizer para vocês a resposta brilhante que ele deu. Sabe o que ele disse que era uma conferência? Uma conferência, segundo esse companheiro, era uma conferência para conferir se tudo estava nos conformes. Eu acho que é uma definição muito simples. Nós estamos numa conferência para conferir se tudo está nos conformes, o presente, o passado e o futuro.

Daí por que eu desejo a todos vocês que fiquem e aproveitem esses quatro dias. Nós precisamos, o Brasil precisa, o governo precisa, a sociedade precisa da participação de vocês para conferir se tudo está nos conformes. Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de investimentos do PAC2 Mobilidade Urbana – Fortaleza/CE
Fortaleza-CE, 22 de novembro de 2013**

Muito boa tarde. Para mim é boa tarde, para vocês é quase boa tarde. Eu queria começar cumprimentando o governador Cid Gomes, e dizer do meu orgulho de estar aqui mais uma vez - viu, Cid, - nessa que é uma das parcerias, que eu acredito, mais entrosadas e mais bem sucedidas feitas entre o governo federal, o governo do estado e depois eu vou falar do nosso querido prefeito e também do nosso prefeito Roberto Cláudio.

Queria cumprimentar e dizer que eu estou muito feliz de estar aqui hoje porque depois de algum tempo eu tive a oportunidade de vê-lo. Cumprimentar o ex-governador, atual secretário da Saúde, Ciro Gomes. O Ciro é uma pessoa com a qual eu convivi, nós dois fomos juntos ministros no primeiro governo do presidente Lula. E eu aprendi, naquele momento, durante anos de convívio, eu aprendi várias coisas, conheci o Ciro como um homem de coragem, um homem de perseverança, um excelente gestor, mas, sobretudo,

um homem de imensa dignidade e um homem íntegro. E mesmo que ele não queira, mesmo que ele não queira... extremamente doce. Eu dizia para o Ciro que quando ele crescesse, ele iria ficar mau. Até lá ele não ficaria mau. Era, de fato, uma pessoa de muito bom coração e uma pessoa de ótimo convívio. Para mim ele sempre será isso. Queria cumprimentar o nosso prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio. Cumprimentar o vice-governador do Ceará, Domingos Filho.

Cumprimentar o deputado José Albuquerque, presidente da Assembleia Legislativa do Ceará.

Cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham aqui hoje nessa visita a Fortaleza, nessa visita ao Ceará: Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Aloizio Mercadante, da Educação; Alexandre Padilha, da Saúde; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Queria cumprimentar o querido ministro, atualmente ex-ministro-chefe da Secretaria de Portos a quem também eu aprendi ao longo desses anos em que ele participou no governo federal e que deu toda sua contribuição para que o Brasil tivesse novo marco regulatório dos portos, Leônidas Cristiano – Leônidas, é muito bom te ver. Queria cumprimentar os senadores Eunício Oliveira, Inácio Arruda e José Pimentel, líder do governo no Congresso. Mas queria agradecer a cada um dos senadores, em especial ao senador Eunício, senador Inácio, pela contribuição que eles dão no Congresso ao meu governo.

Cumprimentar aqui a todos os deputados federais: André Figueiredo, Antônio Balma, Ariosto Holanda, Artur Bruno, Domingos Neto, José Airton, Zé Guimarães e o Mário Feitosa e o Mauro Benevides.

Cumprimentar o secretário municipal de Educação, Ivo Gomes. Cumprimentar o vereador Walter Cavalcante, presidente da Câmara Municipal de Fortaleza.

Queria cumprimentar também os nossos parceiros nos projetos de mobilidade urbana, o Adail Fontenele, que é secretário de infraestrutura do Ceará. O Rômulo Fortes que é diretor do Metrofor.

Queria cumprimentar também os parceiros na criação da reserva indígena dos Anacés. Cumprimentando a nossa querida presidenta da Petrobras, Graça Foster.

A Maria Augusta Assirati, presidente da Funai.

A secretária do patrimônio da União, a Cassandra Nunes.

O procurador Francisco de Araújo Macedo filho, procurador regional da República. O Júlio Eduardo dos Santos, secretário nacional de Transporte e mobilidade urbana.

Queria cumprimentar os representantes das comunidades indígenas: o cacique Francisco Ferreira de Moraes Junior, da comunidade indígena Anacés de Matões; a Luiza Goreti Rodrigues Coelho, da comunidade indígena Anacés de Bolso. Queria cumprimentar o presidente da Central Única das Favelas, o preto Zezé. Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas fotógrafos e cinegrafistas.

Queria dizer a vocês que esse é um momento especial e mais uma vez eu reitero que houve um tempo no Brasil em que se achava que não era preciso investir em metrô. Houve um tempo no Brasil em que se achava que o governo federal podia virar as costas e não participar do investimento em mobilidade urbana, em parceria com estados e

municípios. Essas duas convicções de tempos atrás, prejudicaram muito o país, prejudicaram muito as grandes e médias regiões, aliás, as grandes e médias cidades do país. Mas prejudicaram, sobretudo, as grandes regiões metropolitanas. Primeiro, porque uma das questões que está em causa com o transporte coletivo público é a questão do tempo, o tempo que as pessoas gastam em se transportar de suas residências, de suas moradias, para o trabalho, para o estudo, para o lazer, para o esporte, enfim, para qualquer atividade. Esse tempo é um tempo que se perde, em relação às atividades que vocês têm de exercer, ou você quer exercer.

Quando se coloca a questão do transporte urbano em grandes concentrações populacionais, todos os países do mundo colocaram a questão do transporte sobre trilhos, do transporte segregado, pode ser transporte rodoviário, sobre rodas, mas tem de ser segregado. Por que no Brasil não se investia em metrô? Porque houve um tempo neste país que se dizia o seguinte: nós não temos renda, nós não temos renda para investir em metrô, nós temos de nos contentar só com o ônibus. Mas nem falavam em corredores de ônibus, nem falavam em segregar o transporte rodoviário.

Essa visão que olha o Brasil, que sempre diminui o que o Brasil deve ser, pode ser e será, é a visão que nós rompemos hoje, que o Cid sempre rompeu e que, por isso, eu devo reconhecer aqui que aqui, em Fortaleza, e aqui, no Ceará, se faz o maior esforço para investimento em mobilidade urbana para o metrô, e eu sempre estou dizendo que uma das grandes iniciativas aqui foi não só fazer o metrô, mas procurar fazer o metrô de forma rápida e mais barata. E aí, eu sempre cumprimento e divulguei para todos os prefeitos com os quais eu assinei compromisso de construção de metrô, eu contei a história, aqui, do Ceará, a história da compra dos tatuzões, que estão ali, dos tatuzões, que permitiu a construção mais rápida e mais barata. Isso vai permitir que o Ceará seja – e especialmente Fortaleza – seja uma das cidades com maior quilometragem proporcional, proporcional – vou repetir, para ninguém falar que eu estou falando outra coisa – proporcional de trilhos de metrô implantados com funcionamento do metrô e com atendimento em estações à população da cidade.

Esse é um ato e, aliás, e um fato, que demonstra a vontade política e, portanto, governador Cid Gomes, o senhor pode ter certeza que eu tenho é orgulho de participar dessa parceria. Aqui se está construindo, se está construindo uma estrutura de transporte, com imensa racionalidade de conforto, rapidez e segurança para a população. E aí eu não estou falando só do metrô, não. Eu estou falando do VLT, estou falando do BRT, estou falando dessa iniciativa na Linha Oeste, que é a modernização, a eletrificação, a compra de novos trens, e eu acho que a reconstrução de 13 estações. E aí eu vou falar de uma outra coisa também, que tem a ver com o que está fazendo o Roberto Cláudio, ao construir corredores exclusivos de ônibus, ao construir os BRSs e os BRTs, por essas estruturas, nessas estruturas viárias que o Cid nos espanta quando ele começa a contar o que é que vai ser integrado a o quê. Eu não tenho condição de acompanhar perfeitamente, não, mas eu me impressiono. Quero dizer para vocês porque eu me impressiono. Eu me impressiono não é pela quantidade de nomes, é pela importância que ele dá a uma coisa que tem de acontecer em todas as cidades, que é a integração dos modais: eu faço isso, vou entregar isso com aquilo, a Leste com a Oeste e a Sul, o VLT vai ter esse papel, o BRT e o BRS vai ter esse outro.

Por que isso é importante? Porque isso é condição para racionalizar o transporte e beneficiar o trabalhador, a trabalhadora, a dona de casa, o empreendedor, o pequeno empreendedor, aquele... toda aquela população que usa o transporte público com uma tarifa mais baixa, com o bilhete único. Se a gente não faz a integração, não tem bilhete único. E é essa, eu acho, que é a grande obra feita aqui: é uma obra de vários metrô, de VLTs, de BRTs, de BRSs, mas é uma obra que tem um olho na pessoa, tem um olho numa questão, que é a integração do transporte para beneficiar com uma tarifa mais barata, com um bilhete único, dando racionalidade a toda essa questão de se movimentar numa cidade que só cresce, uma cidade do tamanho da cidade de Fortaleza. Então, quero dizer, Cid, que mais uma vez eu tenho muita felicidade de estar aqui. Eu estive aqui recentemente, nessa que é uma das atividades que nós mais prezamos, que é lançar obra de mobilidade urbana. Os meus dados – não sei se eles estão absolutamente corretos, mas eu acho que estão, porque nós refizemos várias vezes – apontam que nós temos aqui uma carteira de investimentos em mobilidade urbana de R\$ 8,5 bilhões, R\$ 8,5 bilhões. E aí eu vou parafrasear o Lula, que dizia: “Nunca antes na história deste país” o governo federal colocou R\$ 8,5 bilhões, junto com o governo do estado, para ter uma carteira desse tamanho de obras aqui em Fortaleza. E eu digo isso, e mais uma vez eu repito: dinheiro, dinheiro não é, hoje, tanto problema do Brasil. O que é problema do Brasil e que aqui está solucionado é a capacidade e a vontade política, a capacidade de gestão e a vontade política que permite que nós façamos isso.

Meus queridos cearenses, minhas queridas cearenses, eu queria dizer para vocês que em todos os estados que eu vou existem um ou dois investimentos que tem, para as pessoas que residem nos estados, uma importância diferenciada. Eu acho que eu não vou errar se eu disser que aqui, no Ceará, a Refinaria Premium 2 é um desses investimentos queridos e sonhados pelos cearenses e pelas cearenses. A decisão de instalar a refinaria Premium 2, ela foi tomada. E hoje nós damos um passo. Eu sobrevoei, junto com o Cid – eu ainda era ministra do presidente Lula – eu sobrevoei toda a área da refinaria. E hoje nós, aqui, depois de meses, eu diria até de anos de tentativa, mas meses de negociação, nós construímos um acordo para a concessão da licença de instalação. E, mais importante, ao mesmo tempo que a gente consegue a licença de instalação, a gente garante os direitos do povo Anacé. Pelo acordo entre a Funai e o Ministério Público, aliás, acompanhado pela Funai e o Ministério Público, o estado do Ceará vai comprar uma área e vai transformá-la na reserva indígena Taba dos Anacés. O povo Anacé vai receber uma infraestrutura inteiramente nova, construída pelo governo do estado e em parceria com a Petrobras. Aliás, nós temos aqui, hoje, para essa assinatura, a presença da presidenta Maria das Graças Foster, da Petrobras. E mais um aliado, mais um aliado, para as mulheres que estão aqui. Hoje, vocês vejam só como é que o Brasil está mudando: nós temos uma mulher na Presidência da República, e temos uma mulher presidindo a maior empresa do Brasil, que é a Petrobras. Eu concordo com a versão e com a visão de que a Premium 2 é muito importante para o Ceará. Eu quero dizer que é, sim. Junto com o que o governador estava me dizendo, a respeito da siderúrgica, que a siderúrgica está em fase acelerada de contratação de trabalhadores, de construção, de terraplanagem, enfim de todas as providências... Já está

em montagem, Cid? Já está em montagem, e está subindo. Junto com isso, eu acredito que a questão da refinaria é, de fato – vocês têm toda a razão –, um momento também muito importante para o desenvolvimento aqui do estado do Ceará. Com as refinarias, com as siderúrgicas, vão chegar novos investimentos, mais oportunidades de emprego, mais oportunidades de criar parques industriais específicos, reforçando o complexo de Pecém, vai ocorrer. E isso, portanto, é o momento em que nós celebramos, e com muito orgulho, celebramos essa que é uma das principais atividades no que eu acredito, para uma região ou para um estado, ter uma refinaria e ter também uma siderúrgica. Eu também, além dessa questão da Refinaria Premium, não posso deixar de me referir a uma coisa que para mim, e eu tenho absoluta certeza, também, para o governo aqui, do Ceará, é algo muito importante, e também para o prefeito Antônio Cláudio, que são as creches. Desculpa. Sabe por quê? Porque eu tenho um amigo que se chama Antônio Cláudio e chamo ele de Roberto Cláudio, então, é uma confusão só. Mas me desculpa, tá, prefeito?

Mas eu queria dizer pra vocês isso. Eu fico muito feliz de estar aqui, no anúncio dessas creches, porque creche é algo fundamental para que nós tenhamos não só aquela tranquilidade para as mães que trabalham – eu acho que essa é uma razão, mas é secundária – mas que nós tenhamos, sobretudo, qualidade na educação para as crianças deste país, os brasileirinhos e as brasileiras, oportunidades iguais. Nós somos cada um diferente do outro. Mas nós temos de ter direito a oportunidades iguais. Então, creche de qualidade, que estimule o desenvolvimento da criança, que assegure que essa criança vai ter, no futuro, uma vida plena porque ela teve na creche estímulos adequados, desenvolveu a sua capacidade, que é natural, de aprender, mas desenvolveu essa capacidade, é algo crucial. E eu falo aqui com muita tranquilidade, porque acredito que aqui é a terra de uma outra grande inovação na política educacional no Brasil, que é a questão da alfabetização na idade certa.

O governador Cid sabe que nós viemos aqui, olhamos a experiência que foi desenvolvida aqui na Secretaria de Educação, sobre a questão da alfabetização na idade certa e incorporamos essa experiência essa excepcional prática educacional, à política do governo. Eu sempre reconheço isso porque eu acho que a combinação de creche, alfabetização na idade certa e ensino integral vai fazer o Brasil mudar de patamar na educação. E agora nós aprovamos no Congresso, com toda a contribuição dada pelos senadores e pelos deputados, os 85% dos royalties para a educação e os 25% para a saúde.

Finalmente, sabe Roberto Cláudio – senão eu te chamo outra vez de Antônio Cláudio, você vai ver, que eu falo: “O Antônio é ele”, tá? Bom, eu queria falar mais uma coisa para vocês que diz respeito não a esse ato aqui, mas a um ato que está sendo realizado no Brasil que é a questão dos aeroportos.

A questão dos aeroportos é um momento de longa uma longa trajetória. Nós, ao licitarmos para a iniciativa privada a concessão do aeroporto, não só para os investimentos na expansão, mas, sobretudo, para a gestão aeroportuária, nós procuramos construir uma combinação que a gente considera fundamental entre as grandes operadoras de aeroportos do mundo e as grandes empresas capazes de construir aeroportos no Brasil. Essa licitação de hoje foi bem-sucedida. Por quê? Porque ganhou o aeroporto do Galeão,

que será um hub internacional e nacional, que vai permitir que as pessoas que trafegam no eixo sudeste tenham uma expansão da capacidade que já está pequena desses aeroportos. Então, lá foi ganho por uma razoável, razoável, eu diria, não, por um extraordinário ágio de 243%, por um consórcio entre a Odebrecht e uma grande empresa aeroportuária chinesa chamada Changi, de um lado. E, de outro, foi ganho Confins, por um consórcio entre a empresa CCR e os operadores do aeroporto de Munique mais os operadores do aeroporto de Zurique. Com esses dois aeroportos, vai ser arrecadado, pelo governo federal, algo em torno a um pouco mais de 20 bilhões de reais. Isso mostra duas coisas. Primeiro, um enorme interesse dos investidores em investir no Brasil. Segundo, mostra claramente que o Brasil continua sendo uma das grandes oportunidades para os brasileiros, e eles têm de ter orgulho do que têm e do que pode ter. Por isso a, todos aqueles pessimistas, aqueles incrédulos aos quais se referia o ministro Aguinaldo, hoje infelizmente vão ter um dia de amargura, porque não deu errado, não deu errado, vou repetir: não deu errado. Porque, no Brasil, é uma coisa muito triste, torcem para dar errado. Dessa vez, e mais uma vez, porque também em Libra torceram para dar errado, não deu errado.

E eu tenho certeza que as próximas licitações não vão dar errado. A arrecadação é importante para o país, mas, para o futuro do país, o que é importante são esses investimentos que vão dar estrutura para todos nós, que transitamos pelo Brasil afora, vamos ter mais qualidade no transporte aeroportuário.

E finalizar, eu finalizo dizendo que parcerias como essas, e, como o nome indica, precisa das partes. E aqui eu quero dizer que eu encontrei partes que são muito efetivas, muito capazes e, sobretudo, com grande vontade política. Me refiro ao meu querido Roberto Cláudio. E ao nosso governador Cid Gomes.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento – UPA 24h de Horizonte/Pacajus – Horizonte/CE
Horizonte-CE, 22 de novembro de 2013**

Eu queria agradecer e dirigir um cumprimento muito especial aos moradores das cidades de Horizontina [Horizonte] e Pacajus.

Queria também cumprimentar o meu querido governador do Ceará, Cid Gomes.

Cumprimentar meu querido ex-governador, ex-ministro, hoje secretário de Saúde do Ceará, Ciro Gomes.

Cumprimentar os prefeitos Manoel Gomes de Faria Neto, o Nezinho, de Horizonte; o Marcos Paixão, de Pacajus; a senhora Argentina Sampaio Padilha, de Chorozinho. E cumprimentar o Roberto Cláudio, prefeito de Fortaleza.

Queria cumprimentar também os ministros que me acompanham aqui, hoje: ministro Padilha, da Saúde; ministro Aguinaldo, das Cidades; ministro da Educação, Mercadante; e ministra Helena Chagas, da Comunicação Social.

Queria cumprimentar o vice-governador do Ceará, Domingos Filho.

Cumprimentar também o presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, o José Albuquerque.

Cumprimentar um grande companheiro, uma pessoa importante e que agora é ex-ministro da Secretaria de Portos, e que muito serviu ao governo federal e aos brasileiros, Leônidas Cristino.

Queria cumprimentar os senadores Eunício Oliveira, Inácio Arruda, e o líder do governo no Congresso, José Pimentel. E agradecer a esses senadores toda a parceria que vêm me dando no governo, ao governo federal, no Congresso.

Cumprimentar os deputados e deputadas federais Chico Lopes, Domingos Neto, Gorete Pereira, João Ananias, Zé Guimarães e Mário Feitosa.

Cumprimentar o Magno Silva Coelho, secretário executivo das Cidades,

Cumprimentar também o André Faço, diretor presidente da Cagece,

Cumprimentar o José Newton Ribeiro, presidente da Construtora Granito, Cumprimentar as jornalistas, os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas,

Meus queridos e queridas cidadãos e cidadãs de Horizonte, de Pacajus e de Chorozinho, hoje nós estamos aqui inaugurando uma UPA 24 horas. E, ao mesmo tempo, mostrando que as coisas dão certo quando todo mundo pega junto, e nós pegamos juntos. Nós, do governo federal, com os prefeitos e com o governador Cid Gomes fizemos uma parceria em várias áreas. Nós estamos aqui hoje, faz parte da minha viagem inaugurar essa UPA. Essa UPA que nós estamos inaugurando, ela é símbolo dessa parceria bem-sucedida. E por que eu venho aqui e escolho justamente inaugurar aqui a UPA, em Horizonte, a UPA 24 horas? Pela importância que tem, no sistema de saúde do Brasil, essa inovação que foi a construção de Unidades de Pronto Atendimento 24 horas, que atende urgências e emergências.

O que é a UPA? A UPA é um ponto do nosso sistema de saúde. O nosso sistema de saúde é como uma casa. Você começa do alicerce. O que é o alicerce? É o posto de saúde, o posto de saúde onde você trata os principais problemas das pessoas. Você trata da hipertensão de uma pessoa, do diabetes, no posto de saúde você teria de tratar da diarreia de uma criança, da bronquite, você teria de vacinar a criança, você teria um pré-natal, você teria um acompanhamento diário da saúde das pessoas. Oitenta por cento dos problemas é para ser resolvido no posto de saúde. O que acontecia no Brasil? No posto de saúde, as pessoas iam e não encontravam o quê? Não encontravam o médico, em muitos lugares do nosso país afora. Por exemplo, nas periferias das regiões metropolitanas das grandes cidades deste país; nos estados do Norte e do Nordeste, nas regiões mais pobres, exemplo, no semiárido; no interior do Brasil, fora das regiões litorâneas; no interior, também nas regiões litorâneas pobres; no Amazonas, nas fronteiras do país, enfim, havia muitos municípios sem médicos no Brasil, e a gente pode falar o que for, onde não tiver médico não tem saúde, atendimento à saúde, tanto para tratar quanto para prevenir. Por isso que nós fizemos aquele programa que chamou e chama Mais Médicos. O Mais Médicos, o Padilha já deu os números nacionais. Eu vou dar aqui os números aqui do Ceará.

No Ceará, há um total de 866 médicos que foram pedidos para atender os municípios que não tinham médicos, 866 médicos. Já chegaram até agora 350 médicos, 350 médicos até agora, novembro. Significa que nós melhoramos a vida de 1,2 milhão moradores em 119 municípios aqui no Ceará. Aqui, em Horizonte, chegaram 3 médicos. Em Pacajus, chegaram 4 médicos, que já estão atendendo nos postos de saúde. Virão mais 48

médicos, já estão em Fortaleza. Virão ainda mais médicos, é importante dizer que hoje tem 223 médicos que estão sendo treinados para serem enviados aos municípios já agora em dezembro. Então, quando dezembro chegar, nós vamos ter somando com os 350, mais 223, o que vai dar 573 médicos, ou seja, 2 milhões de cearenses terão melhor atendimento do que tinham, terão acesso a médico.

Eu tenho certeza que nós, quando chegar março, vamos atender a todos os pedidos, a todos os 866 médicos. E aí, 3 milhões de cearenses receberão atenção a saúde. E eu quero dizer que agora em dezembro, em todos os municípios do semiárido, do semiárido, terão pelo menos um médico para atender a população. Em muitos lugares não tinha nenhum médico.

Então, muito bem, nós temos de construir postos de saúde, colocar os equipamentos, colocar remédios, não, Ciro? E, ao mesmo tempo, nós temos de garantir o atendimento médico, a atenção básica, que é a base, o alicerce do SUS, do Sistema Único de Saúde. E aí a população, a população que não teve acesso a atendimento médico, vai passar a ter. Que atendimento é esse? É 8 horas por dia, todos os dias úteis da semana.

Aí entra o segundo passo, a UPA 24 horas. Como ela fica aberta 24 horas, se a pessoa foi lá no posto durante o dia, ela foi atendida, mas se acontecer com ela o que acontece com todas as mães e pais deste país, que é o seguinte: crianças não gostam de ficar doente as 2 horas da tarde, a minha, por exemplo, não gostava, ela só ficava doente de madrugada, não tinha jeito. E era de madrugada que a gente fica apavorado, sai com a criança procurando um médico para atender. Eu fico imaginando nesses municípios que não tinham médico, Ciro, o que uma mãe faz de madrugada quando não tem médico. Agora eu tenho certeza que ela vai ter aonde levar a sua filha, a sua criança. E aí nós sabemos que não só muitas vezes ela vai bater lá na casa do médico que está lá perto dela, que é o médico do posto de saúde, ou ela vai lá na UPA, mas ela sempre vai poder bater na casa do médico, porque a gente faz isso. Todo mundo aqui, se saber onde mora o médico, seu filho estiver doente, você vai lá e bate na porta. Pode ser 3 horas da manhã, mas você vai lá e faz.

E é isso que eu quero dizer para vocês. Esse é o primeiro passo, o segundo é a UPA. A UPA que eu vi hoje, primeiro eu vi essa senhora que estava lá, que o Padilha se referiu, e o Cid, era uma senhora que estava na rua e foi atropelada por uma moto, como ela bateu a cabeça, ela estava fazendo acompanhamento. Ela foi levada para a UPA pelo Samu, quem transportou essa senhora foi o Samu. E aí o Samu é o outro personagem da nossa história. Nós vimos posto de saúde, a UPA, e aí quem mais? O Samu. O que o Samu faz? Recolhe e também, quando a pessoa se estabiliza e se ela precisar de um hospital, se ela cair naquela história do que o Padilha disse aqui, que 95% resolve o problema na UPA. Mas se ela for dos 5% que não resolve, qual é a ideia? O Samu, que levou ela para lá, vai ter uma informação que a UPA vai contatar uma central de atendimento, e essa central vai dizer: olha, para essa questão aqui – vamos supor que ela está com problema de coração – ela tem de ir para tal hospital assim, lá tem vaga, bota a pessoa dentro da ambulância e a pessoa vai para a ambulância. É esse o sistema que nós queremos construir: Posto de Saúde, UPA, Samu, hospital. É esse o sistema. Quando a gente melhora o atendimento na UPA e melhora o atendimento no posto de saúde, sabe o que acontece no hospital?

Diminui a fila, melhora o atendimento, não fica aquela quantidade de gente no corredor esperando para ser atendida.

Além disso, pessoas como o governador Cid Gomes aqui, estão fazendo policlínicas, estão criando núcleos de policlínica e, ao mesmo tempo, estão fazendo expansão hospitalar. Mas com tudo isso funcionando direitinho, é óbvio que o sistema de atendimento de saúde à população brasileira vai melhorando cada vez mais. Esse primeiro passo que nós fizemos, que é construir UPAs, construir o Samu nesses últimos 10 anos. A partir do governo Lula nós recuperamos Samu, inventamos e construímos UPA, criamos agora esse Programa Mais Médicos e que vai garantir médicos para a população. O Provac, agora, ele se esgota em janeiro, vai ter nova chamada. O Provac são médicos que acabaram de formar no Brasil.

Mas vai ter uma outra coisa que é importante: mais escolas de medicina. Para que mais escolas de medicina? Mais escolas de medicina para dar oportunidade, pelo interior do Brasil a fora, para quem quiser ser médico. Nós temos de formar médicos nas escolas federais deste país a fora. Temos também de ter médicos sendo formados em escolas privadas.

Agora, além disso, Cid, uma coisa importante: abrir residência. Porque o médico geralmente acaba ficando onde ele se formou e fez residência. Aí ele, médico, ou ela, médica, acharam um namorado ou uma namorada, depois casaram, depois vão ficando, o que é fundamental. E aí tem de ter acesso à formação especializada, porque o Brasil precisa de quê? De pediatras para tratar as crianças; precisa do oncologista para tratar as doenças do câncer; precisa do anestesista, para anestesiá-las antes da cirurgia; precisa do traumatologista, do ortopedista, para cuidar daquelas pessoas – e são muitas – que tiveram desastres.

Então, tudo isso, é esse alicerce que está sendo montado aqui com a UPA. É melhorar o Brasil em equipamentos, em diferentes instituições que fazem diferentes papéis. É garantir que tenham um serviço como o Samu. E quando eu viajo pelo Brasil, eu faço questão de ir até os companheiros e as companheiras que trabalham lá no Samu, dar um abraço, dar um incentivo, porque é gente valorosa, é gente que atende a hora que as pessoas mais precisam, com carinho, com atenção. E qualquer um aqui, que sofreu algum desastre sabe como a pessoa fica desamparada, um bom atendimento no Samu às vezes é a diferença entre a vida e a morte.

E eu queria finalizar dizendo para vocês: é também saúde o que foi assinado aqui, que é esse investimento em saneamento, porque saneamento no Brasil ninguém fazia, não é, Cid? Porque você enterrava a tubulação, ninguém via a tubulação, as pessoas não davam valor, porque ninguém via, aí não era eleitoral. Mas nós não. E aí essa parceria aqui foi muito importante, essa parceria com o prefeito Nezinho, que está fazendo rede de água e esgotos. Nós somos favoráveis a que um dos maiores investimentos do governo federal, que não tem obrigação constitucional, mas eu acho que tem obrigação moral, mora, é com o saneamento. Este país precisa garantir para a sua população água tratada e esgoto tratado. Em água nós temos até uma boa cobertura, em saneamento não. Mas eu quero dizer para vocês que as coisas mudaram. Vou contar uma historinha, uma pequena história. Em 2005, final de 2005, início de 2006, um funcionário da Fazenda, do Ministério da Fazenda do governo federal, eu era ministra-chefe da Casa Civil, chegou pra

mim e disse assim: “Olha, o Fundo Monetário aceitou que a gente invista 500 milhões”. Naquela época, o Fundo Monetário aceitava ou recusava, por quê? Porque nós não tínhamos pago o Fundo, porque o governo anterior tinha feito um acordo com o Fundo e deixou acordo para nós. Nós passamos 2003 juntando dinheiro, 2004 juntando dinheiro, e quando foi no final de 2005 fomos lá e pagamos o Fundo. Mas antes disso o Fundo dizia: “Ah, investe aqui, não, investe ali, não pode investir tanto, não pode”.

O que é que eu quero dizer com isso? Quero que vocês façam uma comparação. Hoje o governo federal, até hoje, só no meu governo, não estou contando o que foi investido no governo do presidente Lula, que foi muito, nós investimos R\$ 93 bilhões no Brasil. Vocês olham só a diferença: 500 milhões era para investir em todo o Brasil, em todo o Brasil. Era impossível, por isso que não tinha esgoto neste país e não tinha abastecimento de água tratada. Então, eu quero dizer para vocês que uma segunda coisa que muito me honra, muito me orgulha ter vindo aqui, ter participado dessa assinatura do prefeito Nezinho, com a questão do saneamento.

E, finalizando, eu quero dizer para vocês que toda essa política que o Marcos Paixão aqui descreveu, na área de educação, também é algo absolutamente revolucionário que nós temos de fazer para o Brasil. Nós viemos aqui, hoje, inaugurar lá, em Fortaleza, com o Roberto Cláudio, creches, e creches são essenciais para que o Brasil entre no caminho do desenvolvimento. O Brasil só vai ser uma nação desenvolvida se as suas crianças tiverem creches de qualidade que garanta a cada uma delas oportunidades iguais, fazendo com que o filho da pessoa mais pobre do Brasil tenha a mesma qualidade de educação do filho da pessoa mais rica. Creche de qualidade é o caminho para combater a desigualdade. Outro caminho é educação na idade certa, que é algo que foi criado aqui pelo governo do Cid Gomes. Alfabetização na idade certa é fazer o menino, até os 8 anos no máximo, aqui até menos, não é, Cid? É até os 7. Ele tem de ler um texto, interpretar um texto simples, é claro. Ele tem de dominar as 4 operações aritméticas. Por que ele tem? Porque a partir daí ele vai ter de ter as condições para aprender os outros conteúdos. E aí você junta creche, alfabetização na idade certa, e junta escola em tempo integral e dá o caminho do país, que é o caminho que tira o Brasil da miséria. O Bolsa Família tirou 36 milhões. O caminho da educação faz com que nunca mais, nunca mais neste país 36 milhões fiquem na miséria extrema, que nós tiramos e tiramos de forma permanente. O caminho da educação, portanto, é um caminho que torna o Brasil uma nação desenvolvida.

Eu falei aqui só da educação básica, podia ficar falando dos demais, da educação profissional, com o Pronatec, do acesso com o Prouni, podia falar aqui do Fies. Mas, sobretudo, eu quero falar das cotas, das cotas, que garante que as pessoas do ensino público que fizerem ensino público tenham acesso privilegiado aos cursos universitários deste país. E também aos afrodescendentes. É algo importantíssimo porque esse – isso mesmo, levanta mesmo e grita – porque esse é o caminho também do combate perene à desigualdade que nós herdamos do nosso período de escravidão.

Finalizando, eu quero agradecer a recepção do governador, do governador Cid Gomes. Quero agradecer ao prefeito Roberto Cláudio. Quero agradecer ao prefeito Nezinho, aqui de Horizonte. Quero agradecer ao prefeito Marcos Paixão, de Pacajus. Quero agradecer a prefeita Argentina também, de Chorozinho.

Um abraço a todos vocês. Um grande beijo no coração. E eu quero ir aí, dar um abraço fisicamente em vocês, tá bom?

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do berço 201 e do Porto de São Francisco do Sul - São Francisco do Sul/SC

São Francisco do Sul-SC, 27 de novembro de 2013

Quero aproveitar e dirigir um cumprimento especial ao comandante Carlos Alberto de Oliveira, o Zera, que vai completar 50 anos de serviço como prático nesse porto, e por meio dele quero cumprimentar todos os funcionários, todas as funcionárias do Porto de São Francisco, que aqui são responsáveis por garantir que essa obra seja, de fato, uma obra para todos os catarinenses e para todos os brasileiros.

Então, eu cumprimento esses funcionários e, em nome deles, quero dizer que o Brasil tem neles a certeza de que obras, como essa do berço 201, essa obra vai de fato resultar em ganhos para a economia do país.

Também queria cumprimentar cada uma das prefeitas aqui presentes e dos prefeitos, que receberam as suas motoniveladoras e os seus caminhões-caçamba, como parte desse trio de retroescavadeira, que já foi entregue, e agora nós começamos essa segunda parte. O Pepe não disse, mas depende da capacidade da indústria brasileira de fornecer esses equipamentos a rapidez com que nós entregamos, porque contratamos para todos os municípios acima... aliás, até 50 mil habitantes, todos os municípios do país.

Queria dirigir um cumprimento caloroso e especial ao governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo, e agradecê-lo pela parceria, pelo companheirismo e pela qualidade técnica, qualidade política dos projetos que ele nos entrega. A qualidade política deve-se ao fato que todo projeto tem de ter um objetivo, e esse objetivo são as pessoas. E sempre que você beneficia a população do estado, você está dando qualidade política, no melhor sentido possível.

Queria também cumprimentar o presidente da Assembleia de Santa Catarina, o deputado Joares Ponticelli.

Queria cumprimentar o prefeito de São Francisco do Sul, Luiz Roberto de Oliveira, que nos recebe hoje aqui com todo carinho.

Queria cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham: o ministro Antônio Henrique da Silveira, ministro interino da Secretaria de Portos; o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário.

Queria cumprimentar os dois ministros catarinenses: o Manoel Dias, do Trabalho e Emprego, e a ministra Ideli, da Secretaria de Relações Institucionais.

E queria cumprimentar também o ministro Francisco Teixeira, interino do Ministério da Integração Nacional.

Cumprimentar o ex-ministro da Pesca e da Aquicultura, Altemir Gregolin.

Cumprimentar esses grandes senadores catarinenses: o Luiz Henrique e Casildo Maldaner.

Cumprimentar os nossos queridos deputados: Décio Lima, Luci Choinacki, Mauro Mariano e Pedro Uczai.

Cumprimentar o vereador Clovis Matias, presidente da Câmara Municipal de São Francisco do Sul.

Cumprimentar também os deputados estaduais: Ana Paula Lima, Dirceu Dresch, Jailson de Lima.

Cumprimentar o presidente do Porto de São Francisco do Sul, Paulo César Corsi.

E o superintendente do terminal portuário de Santa Catarina, Roberto Lunardeli.

Cumprimentar o general-de-brigada Wagner Gonçalves e o tenente-coronel Paulo Roberto Tavares.

Quero agradecer também ao Quarteto de Cordas que nos premiou com uma apresentação muito bonita do nosso Hino Nacional. O Quarteto de Cordas é do Museu Nacional do Mar.

Queria também cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, senhores e senhoras fotógrafas e os senhores e as senhoras cinegrafistas. Eu sempre cumprimento as senhoras cinegrafistas porque tenho esperança que um dia apareça uma.

E queria cumprimentar a cada um de vocês que estão aqui presentes, que nos honram com a presença de vocês.

Eu conheci, há muitos anos atrás, São Francisco do Sul. Naquela época eu vim aqui em viagem de turismo, vim subindo do Rio Grande do Sul para Santa Catarina. Vocês sabem que a grande tristeza do Rio Grande do Sul é que Porto Alegre não é Florianópolis. Porque as praias de Florianópolis são belas, muito belas, e nós, infelizmente, apesar da beleza de Porto Alegre, não temos praias de mar.

E eu, como mineira também, sempre tive, assim, essa melancolia pelo mar, que a gente nunca teve.

Bom, então eu vim aqui conhecer São Francisco do Sul. E eu sei que São Francisco do Sul é uma das cidades mais antigas do Brasil. Sei que tem uma longa história. E eu vi, nessa cidade, que é uma cidade que encanta quem chega pela beleza dos seus casarões, casarões muitos deles centenários, e também por não serem só centenários, mas serem também coloridos. Pelos trapiches de águas. que a gente sabe que tem na baía, e pelas calçadas que sempre terminam em muros de pedra à beira da baía, era assim que eu vi.

Eu vou voltar agora, muitos anos depois, porque fui informada pelo governador que nós vamos passar ali no centro, então vou ter a oportunidade de rever. E São Francisco do Sul sempre viveu debruçada no mar. Então é justo que aqui tenha hoje um porto da qualidade desse Porto de São Francisco do Sul, nessa belíssima Baía de Babitonga, que eu sobrevoei de helicóptero. E o fato principal é que esse seja um dos portos com movimentação maior de carga, em especial de produtos essenciais para a balança comercial brasileira, como são os grãos. Esse é um porto que, além de grãos, ele tem muita importância para o agronegócio brasileiro.

Por ser, eu acredito – até tentei fazer a conta, não tenho certeza –, entre o 5º e o 6º porto do Brasil. É o sétimo? É o sétimo em movimentação, 2º em carga geral. É um porto que tem uma relevância para todo o Brasil, não só aqui para a região, aqui para a região tem muita, mas é importante também perceber que ele é um porto relevante para o Brasil, como um todo.

Hoje eu estou muito feliz de estar aqui na recuperação do Berço 201. E acredito que, com esse novo berço, embarcações de maior porte, maior calado poderão atracar aqui. Por que é importante embarcações de maior calado? Porque isso significa a possibilidade de você ter uma redução de custos. Quanto maior é a capacidade de um navio, melhor é o aproveitamento e maior a redução dos custos. E isso melhora a competitividade do Brasil, como um todo. Nós investimos aqui, no porto, 34, pouco mais de R\$ 34 milhões, em conjunto com o governo do estado. E o impacto desse investimento é muito maior do que os dejetos e areia que nós tiramos do fundo do mar. Porque nós, quando fazemos essa dragagem, e também com o fato de que nós tenhamos berços, com dragagem, que é essa de Imbituba, que nós vamos assinar hoje, e com o berço que nós estamos fazendo aqui, nós estamos fazendo dois movimentos: nós estamos ampliando a capacidade aqui do porto de receber mais navios; lá em Imbituba, vamos garantir que cheguem navios de maior calado.

Daí porque é muito importante olhar a questão portuária em Santa Catarina. Santa Catarina é o estado com maior número de portos, não tem nenhum estado do Brasil com essa quantidade de portos. E que atende a uma parte importante do mercado produtivo brasileiro, empresas, porque aqui tem carga geral, e também, como eu já disse, do agronegócio.

Nós estamos combinando investimentos públicos e investimentos privados no porto. O porto citado aqui pelo governador, que foi iniciativa do senador, então governador Luiz Henrique, é um porto muito importante, porque foi por iniciativas dessas que o Brasil, durante um tempo, conseguiu expandir seu sistema portuário, através de terminais de uso privativo. E esses portos, quando se combinam com portos públicos, como esse que nós estamos hoje, eles permitem uma expansão do sistema portuário brasileiro. Foi isso que fez, e aqui eu agradeço aos senadores e aos deputados a aprovação da lei e do marco regulatório dos portos, que permitiu que portos de uso privado possam também tratar tanto da carga específica como da carga geral. Não há hoje uma distinção entre o porto público e o porto privado. Além de incentivar extremamente o desenvolvimento dos portos. Com a Lei dos Portos, nós estamos fazendo o Brasil avançar com critérios melhores, permitindo, como eu já disse, a participação da iniciativa privada. E, também, aqui em Santa Catarina, nós temos, no Porto de Itajaí, já implantado, o porto 24 horas, que é outro elemento essencial para dar competitividade aos portos brasileiros.

E também o porto sem papel, no qual a gente unifica os procedimentos e busca, como disse o governador e aqui, São Francisco do Sul, é um exemplo, um exemplo a ser seguido pelos demais portos, uma vez que o navio entra aqui e, no mesmo dia já sai com a carga e é desembarçado. Isso significa que é muito importante para o Brasil ter essa agilidade.

Eu queria também cumprimentar pela qualidade da gestão nesse porto. Nós, o governo federal – viu, governador? – reconhece que é um porto muito bem gerido. E queremos cumprimentar o senhor, porque isso significa um exemplo para o Brasil. O que pode ser feito aqui, em São Francisco do Sul, pode ser feito no resto do Brasil.

Eu queria agora falar para os senhores prefeitos e as senhoras prefeitas. Eu considero que os prefeitos das cidades menores, ou até 50 mil habitantes, que são as cidades menores do Brasil, elas, os prefeitos, eles têm hoje, no Brasil, um grande desafio. Por isso

que nós fizemos esse programa, considerando que é nesses municípios que está uma parte da população que merece a nossa atenção. Daí porque nós fizemos esse programa de equipamentos, com retroescavadeira, motoniveladora e, além da retroescavadeira e da motoniveladora, o caminhão-caçamba.

O objetivo desse programa era aumentar a autonomia dos prefeitos, autonomia em relação aos recursos da União e do estado. Isso não significa que vocês não terão recursos da União e do estado, mas significa que dá a vocês margem de manobra para atuar na prefeitura, porque vocês são os sujeitos políticos e, portanto, são vocês que têm de ter a iniciativa e a possibilidade interferir concretamente no dia a dia daquele município. Ou abrindo uma vala ou fazendo uma melhoria nas suas estradas de terra, ou nas estradas de chão, como o pessoal chama, ou então fazendo qualquer melhoria para qualquer morador daquele município.

Eu considero muito importante por dois motivos esse programa: primeiro, eu conferi aqui novamente, tem município do Brasil com 2 mil km de estrada de chão. Dois mil quilômetros de estrada de chão é um grande desafio para um prefeito com máquinas velhas. Já é um desafio com máquinas novas, mas com máquinas velhas, muitos disseram para mim que tinham máquinas e equipamentos de mais de 25 anos, vocês só imaginem o custo de manutenção dessas máquinas. E nós sabemos que por essas estradas passa a vida do município. É impossível supor que haja formas de comunicação que não sejam as rodoviárias no município brasileiro. E aí é importante para os pais e para as mães que têm seus filhos transportados por transporte escolar, pelo Samu, que tem de levar e pode levar pessoas de um município para outro, tratar, ou para as ambulâncias das prefeituras. Ou para os carros particulares ou para o transporte das pessoas e das mercadorias. Sobretudo, é importante dizer que uma parte imensa das mercadorias no Brasil, sejam elas tanto da agricultura como da pecuária, sejam elas da nossa indústria, passa por essas estradas. Daí, eu acredito na importância que temos de dar aos municípios menores e que têm menos capacidade de investimento.

Eu tenho certeza que tem uma outra razão também muito importante e que está na cabeça de todos os prefeitos e prefeitas: é o fato de que um município, quando recebe essas máquinas, tem também uma maior capacidade de atender demandas da sua população. E são equipamentos que no mercado custam R\$ 1 milhão, se a gente for precificar no mercado. Óbvio que como o governo comprou em maior quantidade, sai a um preço mais baixo. Então, também isso permite uma economia para os prefeitos. Uma economia também de combustível, porque vão gastar menos combustível. Eu não sei se o Pepe falou, mas eu prestei atenção e eu acho que ele não falou, que nós também oferecemos treinamento para os motoristas e para aqueles que vão operar esses equipamentos e garantimos, e damos uma garantia de fábrica, durante um tempo, se eu não me engano 1 ano, não é, Pepe? Duas mil e quinhentas horas da máquina. Esse fato também eu queria dizer aqui que, para nós, é muito relevante, porque significa também maior eficiência energética. Vocês vão gastar menos combustível com máquinas mais modernas.

E, voltando para os portos: eu, no início do governo, eu tinha certeza de algumas coisas. Nós avançamos muito nos dez anos até agora. Nesses dez anos, nós avançamos de forma a garantir que o país crescesse e distribuisse renda. Tiramos 36 milhões da

pobreza, demos vários passos, começamos um programa como é o Minha Casa, Minha Vida, e hoje nós conseguimos algo que não era concebido antes. O Colombo estava presente, quando nós relatamos, com a presença do Paulo Sáfy, que é um empresário da Associação dos Pequenos Construtores, dos empresários de construção civil, nós estávamos relatando, naquele momento, para o Colombo, o seguinte: quando nós começamos a fazer o Minha Casa, Minha Vida, o pessoal achava que a gente só ia conseguir fazer 200, no máximo 200 mil casas. Hoje nós estamos fazendo, conseguimos já contratar 3 milhões de moradias. E já entregamos 1 milhão e quatrocentas. Esses três milhões é assim: 2 milhões no meu governo, 2 milhões que vêm do governo Lula, que elas foram contratadas mas não foram concluídas nem entregues.

Nós temos vários ganhos, mas o Brasil precisa de um ganho, também, que é ganho de produtividade. O ganho de produtividade é um ganho de competitividade. Uma das questões relevantes para a gente garantir que o Brasil cresça, que melhore a vida das pessoas, que melhore os salários, que melhore a economia é a infraestrutura. É por isso que a gente fala que investir em infraestrutura aumenta a produtividade e vai aumentar a competitividade dos produtos brasileiros nos mercados internacionais, portanto, vai aumentar a nossa riqueza.

Então, nós fizemos e temos um programa de investimento forte. A primeira parte desse programa começou em 2007 e foi o Programa de Aceleração do Crescimento. O Berço 201 está no Programa de Aceleração do Crescimento, ele faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento, de investimento e infraestrutura portuária, mas, visivelmente, como nós estávamos naquela época voltando a investir depois de uma paralisia de mais de 20 anos no Brasil, de investimentos significativos, nós tivemos de dar passos maiores e demos agora. A Lei dos Portos permite esses passos maiores.

Para vocês terem uma ideia, nós já fizemos uma chamada para terminais de uso, esses terminais de uso privado, que o senador Luiz Henrique conseguiu trazer um aqui para Santa Catarina com muita dificuldade, pois naquela época era mais difícil a regulamentação dos portos. Então, nós fizemos vários avanços. Isso vai significar investimentos muito grandes, tanto nos portos arrendados quanto... aliás, nos portos que têm arrendamento quanto nos portos privados.

Mas eu estou falando tudo isso para falar para vocês que também é importante, além de portos, rodovias. E rodovias hoje nós temos uma boa notícia. Foi licitada uma rodovia essencial para o agronegócio, que é uma rodovia que tem vários trechos. Um deles é lá no Mato Grosso, que traz os grãos e escoar todos os grãos do Mato Grosso, que se chama rodovia BR-163. Ela foi licitada hoje, às 10 horas da manhã, e ela foi ganha pela Odebrecht, com o deságio de 52%, ou seja, uma redução muito grande no pedágio. Ela foi licitada, teve muitos concorrentes, foi bem disputada. E o deságio foi de 52%. Se eu não me engano, o preço mínimo era R\$ 5,80. Foi licitada e o valor do pedágio ficou em 2,6, se você considerar 100 km. Isso é muito importante para o Brasil, essas licitações. A gente pensa que a Rodovia 163, lá no Mato Grosso, não interfere aqui em Santa Catarina. Interfere sim, porque uma parte expressiva dos grãos, eles convergem aqui, para onde tem porto, no Brasil, e é por aí que vai escoar. Santos tem as suas... já representa uma parte importante dos grãos. Então Santa Catarina também tem um papel, como vão ter outras regiões do Brasil.

E eu queria concluir dizendo para vocês o seguinte: eu tenho certeza que hoje eu estou aqui, em Santa Catarina, numa das melhores agendas de governo, porque se trata de encarar a infraestrutura do país. E, ao mesmo tempo, nós temos esse desafio, que é o desafio de elevar a produtividade do Brasil, fazer com que nessa nova etapa, mais investimentos em infraestrutura, que vai desde os mais complexos, como é o caso de portos e de maiores portos, desde... até os menores, porque em cada município, com a sua retroescavadeira, sua motoniveladora e seu caminhão-caçamba. Então, dos mais complexos aos aparentemente mais simples, porque também não é tão simples assim ficar consertando estrada de chão. Mas é a combinação disso que vai tornar o Brasil cada vez mais forte. Nós estamos aqui, então, numa excelente agenda.

E também eu queria também aproveitar e anunciar o que é muito importante: nós estaremos também comemorando com as universidades comunitárias, com as faculdades comunitárias, mais tarde – não é, governador? – nós estaremos comemorando algo que eu considero extremamente importante, que é colocar essas universidades dentro da estrutura, da estrutura brasileira, garantir que elas terão condições e estímulos, e incentivos para continuar fornecendo educação de qualidade para centenas de milhares de brasileiros aqui e no Rio Grande do Sul.

Muito obrigada e um beijo no coração.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura da ordem de serviço das obras de ampliação das Barragens de Taió e Ituporanga – Itajaí/SC
Itajaí-SC, 27 de novembro de 2013**

Eu queria, inicialmente, agradecer as generosas palavras do governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo. Dizer que ele me comoveu bastante, porque, na vida pública, em alguns momentos, a gente sente que, de fato, atingiu o objetivo último nosso, que tem de ser beneficiar a população. Obrigada pelas palavras, Colombo.

Queria cumprimentar o nosso prefeito de Itajaí, Jandir Bellini,

Dirigir um cumprimento muito especial, um agradecimento também, aos representantes das associações universitárias,

O magnífico reitor da Univale, Mário Cesar dos Santos, também presidente da Associação Catarinense das Fundações de Ensino – Acafe,

Vilmar Tomé, representante da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias – Abruc,

O padre Pedro Rubens Ferreira Oliveira, representando a Associação Nacional das Entidades Católicas – Anec,

Ney José Lazzari, presidente do Consórcio das Universidades Gaúchas – Comung,

Benedito Guimarães Aguiar Neto, presidente da Associação Brasileira das Escolas Evangélicas – Abiee,

Queria cumprimentar também os ministros de Estado que me acompanham hoje, aqui em Santa Catarina: o ministro Francisco Teixeira, interino da Integração Nacional; os ministros catarinenses Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais e o nosso ministro do Trabalho e Emprego, Manoel Dias; o ministro do Desenvolvimento Agrário,

Pepe Vargas; a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos e também autora, quando deputada federal, que ela ainda é, autora do projeto de lei das universidades comunitárias; cumprimentar ainda o Antônio Henrique Silveira, ministro dos Portos.

Queria cumprimentar o presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Joares Ponticelli,

Os senadores, também que muito batalharam por essa questão das universidades comunitárias: Casildo Maldaner e Luiz Henrique.

O mesmo eu posso dizer dos deputados federais aqui presentes: Décio Lima, Jorginho Mello, Pedro Uczai, que foi relator do Projeto de Lei das Universidades Comunitárias. Aliás, se não me engano, o Luiz Henrique foi relator também, pelo Senado Federal, desta Lei das Universidades Comunitárias.

Queria cumprimentar também o Milton Hobus, secretário estadual da Defesa Civil.

Cumprimentar os deputados estaduais aqui presentes: Aldo Schneider, Ana Paula Lima, Jailson Lima, Volnei Morastoni.

Cumprimentar o presidente da Câmara Municipal de Itajaí, vereador Osvaldo Gern.

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu gostaria de falar aqui e também saudar, porque nós estamos aqui neste ambiente, mas me foi informado que há outros dois ambientes nos quais as pessoas estão nos escutando. Então, eu queria cumprimentar todos aqueles... tem telão? Ótimo! Então estão nos ouvindo e vendo. Melhor ainda! Aproveito então e dirijo a eles uma saudação especial e quero dizer que fico muito honrada com a presença deles, não neste ambiente, mas nos dois outros. Também queria saudar todos os estudantes e professores aqui presentes.

Eu, de fato, fiquei emocionada com esta homenagem que eu recebi das universidades comunitárias, e prestei muita atenção na fala do nosso reitor da Univali, que representava todas as universidades do Brasil nesse momento, nessa homenagem. E queria dizer que eu acho que três aspectos das universidades comunitárias, eles têm de ser seguidos no Brasil. O primeiro aspecto é essa questão que também o governador levantou, da interiorização.

É algo que nós, na nossa política de educação, estamos perseguindo, quando a gente abre, não só campus das universidades existentes, as federais, mas abre também as próprias universidades interiorizando o estudo no Brasil, que existia, a não ser por essa iniciativa, só nos centros ou no litoral do país.

Mas eu quero dizer que as universidades comunitárias, além desse aspecto, e vocês têm toda razão, ele é um aspecto de liderança do modelo das universidades comunitárias, vocês têm um grande enraizamento da comunidade – eu sou testemunha disso no Rio Grande do Sul, eu vi isso ocorrer no Rio Grande do Sul –, eu acredito que tem mais outros dois aspectos que a gente tem de enfatizar.

Um é ser comunitária, ou seja, ser produto de uma ação de cooperação, produto de uma ação da sociedade, que se organizou, que se esforçou – porque não deve ter sido fácil – e criou um projeto generoso como é das universidades comunitárias.

E o terceiro aspecto é essa dedicação e essa percepção da importância, para um país como o Brasil – eu acho que para qualquer país, mas eu falo... eu tenho de falar do nosso –, essa importância para um país como o Brasil, para a nação brasileira de uma

prioridade em relação à educação. Então, quando falam qual a prioridade do Brasil, nós temos sempre de responder: é educação, mais educação e mais educação. Então, por essas três características, esse é um projeto que a gente tem de dirigir os olhos – é obrigação nossa. Aí eu estou falando nossa, incluindo o Executivo e o Legislativo – e perceber a sensibilidade dessa questão.

Hoje vocês agradecem, para mim, a sanção da lei que cria o marco regulatório para as instituições comunitárias, mas, na verdade, o Brasil é que deve agradecer o trabalho executado por essas instituições, ao ofertar vagas de ensino superior por todo este país afora. Essas instituições comunitárias ajudaram a realizar o sonho de muito brasileiro, de muito brasileiro que morava no interior do Brasil e que não ia ter condições de viver fora da sua cidade e se formar. Essa é uma questão fundamental se a gente quer democratizar a educação no sentido de assegurar o acesso mais amplo possível, de mais amplos setores à questão estratégica do país.

Vocês contribuíram para formar profissionais que vão contribuir para o desenvolvimento do Brasil. Como disse o nosso reitor, vão formar os craques da ciência, da tecnologia, da inovação, mas também das artes, das humanidades, enfim, vão formar aqueles brasileiros que são a parte essencial do país, que junto com as pessoas formadas no ensino técnico, na área técnica, nas escolas técnicas de nível médio, serão responsáveis por dar um sentido ao nosso desenvolvimento nos próximos anos. Porque nós, para sair da pobreza, temos uma receita. Nós, para entrar na idade do conhecimento e na economia do conhecimento, temos a mesma receita, nos dois casos é educação, nos dois casos. Vocês vejam que há uma convergência, tanto quando a gente olha e fala como manteremos, de forma estável, perene, 36 milhões de brasileiros que resgatamos da miséria, que podem agora – e a gente sabe que o fim da miséria é só um começo, é um começo do quê? É um começo do rumo da perenidade que só dá a educação para o país. Ao mesmo tempo, se nós queremos dar um passo e chegar a sermos um país desenvolvido, uma economia desenvolvida e uma nação desenvolvida, dê-lhe ciência, dê-lhe tecnologia, dê-lhe inovação. E se a gente quer ser uma nação de princípios elevados, se a gente quer ser uma nação que, de fato, não seja preconceituosa em nenhum sentido, nós temos de formar brasileiros que tenham o conhecimento da nossa história, que tenham o conhecimento do que o homem e as mulheres produziram de melhor nos últimos séculos. Então, a educação é um caminho que nós não podemos deixar de lado, ela é o caminho.

Daí porque eu quero dizer o seguinte: eu reconheço aqui o imenso esforço de todos aqui. Acho que dos dirigentes das universidades comunitárias, dos deputados e senadores da Região Sul, do resto do país, também de São Paulo, dos outros estados em que tem universidades comunitárias, eu sei que elas são mais concentradas no Sul do país.

E quero dizer para vocês que hoje damos mais um passo para oferecer educação de qualidade para os brasileiros. E não dá para pensar que você consegue oferecer, por exemplo, educação de qualidade só com uma receita de bolo, não, são várias receitas de bolo. Ampliar as universidades federais, uma parte da receita; criar o ProUni e fortalecer, através do ProUni, as universidades, as faculdades que não são federais, nem estaduais, nem municipais, que são as comunitárias, as privadas. Através do Fies, que é o financiamento que nós criamos para... um financiamento que garante que a pessoa possa

se formar e depois com o dinheiro que ela obteve, com o trabalho que ela vai conseguir depois de formar, ela paga o crédito. Isso é para garantir que todos aqueles no Brasil que queiram estudar, possam estudar, até por que a garantia que antes era um obstáculo, nós superamos esse obstáculo.

Por quê? Porque nós criamos um fundo garantidor, que garante para o operador do crédito, o banco operador do crédito, se a pessoa não pagar, tem um fundo garantidor. Mas eu quero fazer aqui um reconhecimento. Há um nível muito baixo de inadimplência em relação ao Fies, o que mostra a consciência das pessoas, porque se eu pagar o Fies, eu estou ajudando um outro a ter o Fies. É essa visão que eu estava falando que é muito importante que o Brasil tenha e que as universidades comunitárias têm, que é de cooperação, de criar mecanismos em que a sociedade e as pessoas adquirem outros valores.

Eu quero dizer, então, que eu estou muito feliz. Eu sei que esse projeto, esse projeto que hoje é lei, que não é mais projeto, que hoje é lei, ele vai dar sustentabilidade para as universidades, vai assegurar direitos semelhantes aos demais entes públicos e vai levar também em conta suas características específicas. Então, quero dizer que estou muito feliz de estar aqui e muito honrada de ter recebido a homenagem, muito honrada.

Agora eu vou falar de um assunto que eu acho que comove a todos nós, como visivelmente comoveu aqui o prefeito de Itajaí, que é a questão dos desastres naturais. Eu sei que aqui há um histórico doloroso, um histórico de perdas de vidas, perdas de patrimônio e de criação daquele clima de calamidade que um desastre provoca. Eu quero dizer, inclusive, que eu estive aqui por ocasião das inundações de 2008 e fiquei extremamente chocada com a imagem de uma montanha inteirinha, que parecia que tinham passado na montanha uma faca ou um barbeador e ela tinha ficado careca. Era uma quantidade monstruosa de terra que tinha despencado lá de cima. Houve aquela penetração da água, aquilo bateu na rocha que estava embaixo da camada de terra e foi aquela calamidade. E vários momentos com esse, eu estive também lá na região da serra no Rio de Janeiro e vi um edifício de oito andares praticamente soterrado pela lama, praticamente soterrado pela lama, inclinado e praticamente soterrado. Não caía porque estava escorado numa montanha de lama, que não existia ali até então.

Então, eu sei o tamanho, o tamanho desses desastres provocados por quantidades excessivas de chuva, como sei também a tragédia da seca no Nordeste. Hoje o ministro falou já, nós vivemos, lá no nordeste, talvez a pior seca dos últimos 50 anos, isso é garantido, o talvez é que talvez ela seja a pior dos últimos 100 anos em algumas regiões. Então, o Brasil tem esses conflitos extremos.

Eu estou muito feliz com essa ampliação das Barragens Oeste-Sul. De fato, eu liguei para o governador Colombo, e data daí, eu acho, uma grande parceria com ele. Eu não conhecia governador Colombo e ele prontamente atendeu, veio com todos os projetos que a Jaica tinha feito, e acho que nós amadurecemos uma linha e creio que chegamos ao caminho de solução estruturante da questão da enchente aqui e dessa verdadeira queda de montanhas que também ocorre em alguns momentos. Enchente e montanhas que desmoronam.

Então, eu fico muito feliz de estar aqui hoje, nesse momento, para esse início, para essa partida de todas as obras estruturantes para resolver o problema aqui das cheias, que são

as Barragens Oeste-Sul, que são conhecidas como Taió e Ituporanga. E essas, essas outras barragens, que além dessas duas tem mais oito, essas dez barragens, elas compõem, então, uma estratégia de combate, aliás, uma linha de combate estratégica para a questão das cheias. Nós vamos, neste caso aqui, investir R\$ 60 milhões, aumentar em 2 metros a barragem e ampliar em 18% a capacidade dos reservatórios.

E pelo que o governador sempre me expôs, a estratégia é: aumentar o reservatório para tudo, aumentar o reservatório, na hora que vier a chuva ter capacidade de armazenar aquilo que vier a mais e, obviamente, controlar depois como é que solta a água. E aumentar essa capacidade de reserva começa pelo aumento desses metros e depois com a criação das oito barragens.

Mas também eu acho muito importante o que nós fizemos juntos, porque foi juntos, porque nós fizemos isso. Esse verdadeiro sistema de prevenção, porque tem de ter um sistema de prevenção emergencial e de urgência que avise para o município quando é que pode ocorrer aquela precipitação que você não segura. Então foi criado um sistema que junta o seguinte: primeira perna do sistema é o conhecimento de quanto é que vai chover, que é uma coisa difícil de você prever, mas que nós, por várias razões e pelo fato de participar o Ministério da Ciência e Tecnologia [e Inovação] e todo o pessoal dessa área, nós conseguimos o quê? Em torno de dez dias nós temos uma previsão. Ela não é perfeita, mas ela indica o seguinte: sinal vermelho, a chuva vai ser feia. Depois tem o risco alto, o moderado, e não tem risco. Hoje, por exemplo, se você entrar no site do Cemaden [Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais], você vai ver o que é risco, quais são os municípios que estão com níveis de chuva elevados. Geralmente, nesse momento, estão no Sudeste e no sul da Bahia, no sul do Nordeste. É isso que permite esse trabalho conjunto do governo federal com o governo do estado, da defesa civil federal com a defesa civil estadual, que é o trabalho de prevenir, para não ter, depois, de chorar. Nós temos de impedir que haja morte. É isso que nós temos de fazer. Esse trabalho é isso.

A primeira questão, em qualquer combate a desastre, você impede morte primeiro e conversa depois. É essa a ideia básica desse esquema e que tem... a gente tem conseguido reduzir muito e teremos que chegar sempre a zero essa questão terrível que é a morte de qualquer pessoa. Eu vi cenas trágicas, trágicas nessa questão dos desastres naturais.

O segundo aspecto é o aspecto que você também tem de criar mecanismos próprios, os pluviômetros e todas as formas de medição além dessa previsão, e montar aquele sistema de retirada das pessoas, que os governos estaduais são responsáveis, e eu quero dizer aqui que o governo do estado de Santa Catarina tem sido fabuloso nessa questão.

E nós formamos também uma série de entidades para prevenir, por exemplo, porque vai a CPRM, que é a Companhia de Recursos Minerais do país? Ela vai porque ela vai dizer se aquilo ali vai desmoronar ou não, se a pessoa pode voltar a morar ali ou não pode voltar a morar ali, porque pode desmoronar. Então vai lá, porque são geólogos. Depois nós formamos também um grupo com o sistema SUS, por quê? Porque nessas horas há um grande risco de doenças, então tem de ter prontidão nisso. Nós não vamos conseguir impedir que a chuva caia. O que nós podemos conseguir? Uma convivência com a chuva,

de tal modo que nós, primeiro, vamos proteger as pessoas; segundo, vamos criar todos os mecanismos para diminuir ao máximo seus efeitos. Então, quero dizer para vocês: eu fico muito feliz de estar aqui por esses dois assuntos.

E, finalmente, eu queria falar uma coisa que o reitor se referiu. O reitor se referiu à lei que destina à educação 75% dos royalties do petróleo, seja esses royalties do pós-sal ou do pré-sal, e também 50% do fundo social do pré-sal. O fundo social do pré-sal, como vocês sabem, é bem maior, será bem maior, com o passar do tempo, do que os royalties, porque o pré-sal, ele está, no Brasil, submetido a um regime chamado regime de partilha, onde o petróleo que sai do chão é dividido assim: 75% para os governos, 25% para as empresas. Por que isso? Porque, é por um motivo muito simples, porque a gente sabe, no pré-sal, onde está o petróleo, que é no pré-sal, a gente sabe na região que ele está. Quanto tem? É muito. Qual é a qualidade? É uma boa qualidade, não é? É uma coisa chamam, assim, na medida do petróleo, é 27º API, o que é isso? Um petróleo ruim, ou seja, um petróleo complicado, pesado, como o nosso na zona que não é do pré-sal, tem, assim, uns 14º graus API, 15º, 16º, 17º API. Lá no pré-sal é 27º. Então, além de ser muito, de boa qualidade, a gente sabe perfeitamente que tem não só uma quantidade expressiva e é boa mas que tem tecnologia para tirar dali. Nós podemos tirar dali.

Por isso quando você tem todas essas questões juntas, seu risco é menor. Quando seu risco é menor, você pode cobrar mais. A equação é simplíssima. Na concessão, no pós-sal, você não sabe onde está, você não... o petróleo é pesado, você não sabe se você vai achar ou não, e você também não sabe se ele é completamente comercializável, porque você também não tem pesquisa ali. Então, é justo que quem ache, fique com a parte do Leão. Nesse caso do pré-sal quem fica com a parte do Leão é quem é o dono do Leão, no caso em questão, a União fica com a parte do Leão.

Por isso, até aí está ótimo, nós resolvemos o problema do petróleo, mas o petróleo é uma riqueza finita. Esse é o problema dele, ele acaba, e você tem de ter uma proposta intergeracional. Você vai gastar hoje para algo amanhã. Eu acho que a melhor decisão tomada em conjunto – Executivo e Legislativo – foi destinar isso, essa riqueza para que o país gaste em educação, porque, primeiro, nós vamos ter certeza; segundo que só tem um jeito de fazer educação de boa qualidade: é pagar professor bem. Se não pagar professor bem – e eu não estou fazendo demagogia com vocês, não. É uma proposta realista. Ninguém, no Brasil, vai dar o melhor de si e vai ser assim – já no passado foi, ser professora tinha status. Vocês lembram, eu lembro disso. Professor tinha status, gerente do Banco do Brasil era algo que as moças cobiçavam, né? Então o status tem a ver com a valorização que a sociedade faz daquela profissão. Status é isso.

Eu acho que no Brasil nós temos de entender uma coisa. A gente quer educação de qualidade, perfeitamente, não é prédio só, não é só laboratório, não é só ter acesso a tablets e a todos os equipamentos. Terá de ter uma valorização do professor.

Ora, para isso, se a gente não quer ser populista, nós temos de saber que precisa de dinheiro. Posto que os orçamentos dos estados, dos municípios e da União sem esses recursos do petróleo não dão conta, trata-se de destinar, por isso é que tem de haver um planejamento, vai ter de ter um processo no qual nós vamos garantir que aquele dinheiro vá para a educação.

E aí eu vou falar uma coisa para vocês, porque, para vocês pensarem... Eu não estou aqui falando só de educação superior não, eu estou falando de creche, e creche não é só para mulher, creche é para a criança, não é? Nós queremos que os brasileirinhos e as brasileirinhas tenham oportunidades iguais, então há que fazer creches de boa qualidade, para compensar a desigualdade. Nós sabemos que cada um é diferente do outro, mas sabemos também que oportunidades iguais permitem que o país mude.

Bom, a segunda coisa, nós temos de alfabetizar nossas crianças em idade certa. Tem – é importante se dizer isso –, tem estados neste país que, 35% das crianças com 10 anos não sabem, não sabem as operações aritméticas simples, não interpretam um texto, não dominam o português, portanto, não tiveram alfabetização na idade certa. Isso é falha nossa, não das 35% das crianças, é falha nossa, então vai ter de tratar disso. Nós temos um programa, fizemos uma parceria, e estamos tentando valorizar a professora alfabetizadora. Tornar a professora alfabetizadora uma pessoa especial, agora, para isso precisa pagar salário decente. Eu não estou dizendo que estados e municípios vão pagar, estou dizendo que terá de sair de uma parte desses recursos, é isso, é simples assim.

Depois tem de ter educação em tempo integral. Educação em tempo integral, nenhum país ficou desenvolvido com educação de só quatro horas, ou tem educação em tempo integral, ou não tem desenvolvimento. Depois tem de valorizar ensino técnico. A pessoa tem de ficar orgulhosa de ter uma profissão de nível médio técnico. E depois tem de garantir universidade de qualidade, pós-graduação de qualidade e manter o Programa Ciência Sem Fronteiras, que faz com que as pessoas tenham acesso ao que há de melhor nas universidades do mundo. Essa é uma questão que é uma questão de Estado, não é de governo, é de Estado. É o Estado brasileiro e a sociedade. E para ser do Estado, a sociedade tem de encampar, porque senão não vai, não tem como a gente achar que uma coisa de Estado não é da sociedade. Quando é da sociedade vira do Estado.

Então, eu queria dizer que eu estou aqui muito feliz aqui. Porque eu estou num lugar que eu acho que é decisivo para o futuro do Brasil. Parabéns para todos vocês que trabalham aqui.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura de contratos de financiamento entre o Banco do Brasil e o estado de Santa Catarina e de dragagem do Porto de Imbituba – Florianópolis/SC
Florianópolis-SC, 27 de novembro de 2013**

Eu queria, mais uma vez, agradecer as palavras generosas, amigas, calorosas, do governador de Santa Catarina, esse grande parceiro do governo Federal, Raimundo Colombo.

Queria cumprimentar o vice-governador de Santa Catarina, Eduardo Pinho Moreira,
Cumprimentar o deputado Joares Ponticelli, presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina,

Cumprimentar o prefeito de Florianópolis, que nos recebe hoje, aqui, e também a quem eu agradeço as suas palavras, o Cesar Souza Júnior,

Queria cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham. Eu sou acompanhada por dois ministros catarinenses: o Manoel Dias, do Trabalho e Emprego, e a ministra Ideli, da Secretaria de Relações Institucionais.

Queria cumprimentar o Antônio Henrique Pinheiro, ministro dos Portos; o Francisco Teixeira, ministro da Integração Nacional; o Pepe Vargas, ministro de Desenvolvimento Agrário; e a Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos.

Cumprimentar dois grandes parceiros que eu tenho no Senado Federal: o senador Casildo Maldaner e o senador Luiz Henrique.

Cumprimentar os deputados federais, também grandes parceiros: o Décio Lima, deputado Décio Lima, deputado Jorginho Mello, deputado Luci Choinacki e deputado Pedro Uczai.

Queria cumprimentar o presidente do Banco do Brasil, Aldemir Bendine,

O prefeito Celso Zuchi, presidente da Federação dos Municípios Catarinenses. Por intermédio do prefeito Celso Zuchi eu cumprimento todas as prefeitas e todos os prefeitos de Santa Catarina.

Cumprimentar o presidente do Porto de Imbituba, Paulo César da Costa,

Cumprimentar o presidente da Eletrosul, Eurides Mescolotto,

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu quero dizer para vocês que hoje foi um dia bastante intenso. Intenso nos dois sentidos, na atividade e também intenso do ponto de vista das emoções. Do ponto de vista das atividades, nós começamos o dia com uma atividade importante: era o porto de São Francisco do Sul. E, ao falar em portos, nós estamos aqui falando também do porto de Imbituba. Tanto o porto de São Francisco do Sul quanto o porto de Imbituba são cruciais para a economia do Brasil, são importantíssimos para a economia catarinense, são importantíssimos para a economia da região sul, mas são importantes para o Brasil dar um salto no sentido de construir uma infraestrutura moderna capaz de nos colocar onde nós merecemos cada vez mais estar como lideranças econômicas e também lideranças políticas no mundo.

Mas, voltando à questão da minha ação intensa aqui em Santa Catarina. Junto com essa questão relativa à inauguração do Berço 201, um berço importante porque amplia a possibilidade de atracação e de manejo de carga no porto de São Francisco do Sul, e a dragagem de Imbituba, o que é que nós estamos fazendo? Nós estamos contribuindo para que essa infraestrutura, que é o ponto final das cargas que se destinam aos mercados internacionais, elas tenham um grau de efetividade capaz de não ser gargalo, mas ser uma alavanca que transforma os nossos produtos, melhora o seu custo, permite que nós tenhamos um maior volume de vendas. Com isso, nós aumentamos o emprego, aumentamos a renda, criamos uma economia cada vez mais pujante. Portanto, é algo fundamental esses dois portos, um pelo qual nós começamos o dia, e outro pelo qual nós encerramos.

Mas, ainda lá em São Francisco do Sul, nós fizemos a entrega tanto de motoniveladoras quanto de caminhões-caçamba para os prefeitos, e esse processo inicia, eu diria assim, uma outra etapa da questão que é garantir que as prefeituras até 50 mil habitantes tenham acesso a instrumentos que permita que ela ganhe autonomia e que ela cuide de suas estradas vicinais por onde passa a nossa produção, por onde transitam os ônibus escolares, por onde transitam também as ambulâncias do Samu, por onde elas transitam.

E eu queria dizer que esse programa é um programa que eu tenho especial atenção por ele, porque se trata de fortalecer aqueles municípios que são importantíssimos no nosso país e constituem mais de 90% dos nossos municípios em todo o Brasil. Entre... eu não vou dizer perfeitamente 90%, mas está acima de 80% de todos os municípios, tem estados que são... têm maior número de municípios até 50 mil.

Por que fortalecer esses municípios? Porque nós estamos para eles doando uma retroescavadeira, uma motoniveladora e um caminhão-caçamba. Por quê? Porque esses municípios precisam de ter instrumentos para atender melhor a sua população, a resposta é simples. E como eles não teriam condições, na medida em que no mercado essas três máquinas chegam a R\$ 1 milhão, o governo federal julgou importante fazer essa doação. Com isso também nós tivemos um critério, nós não fizemos a doação dessas máquinas sem olhar uma questão que eu julgo importantíssima: nós privilegiamos, na política de compras, a preferência por produtos nacionais, e utilizamos os critérios de preferência, com isso também ampliamos o emprego e a renda.

Tanto é assim que nem todos os municípios receberam ainda todos os equipamentos, eles só vão chegar a receber todos entre março e abril, porque as empresas nacionais, que são grandes empresas, é a empresa nacional a Caterpillar e a Mercedes-Benz. As máquinas, hoje, a marca uma, da motoniveladora, ela é Caterpillar, e dos caminhões-caçamba era Mercedes-Benz, se eu não me engano, ou era Volks... era Mercedes, era Mercedes. Então são máquinas produzidas aqui, um trabalho brasileiro e, sim, gerando renda e emprego aqui. Eles têm uma capacidade, eles não conseguem entregar todas, porque são mais de 4 mil equipamentos, no total deu 18 mil equipamentos entre cada um desses municípios.

Então eu fiquei muito feliz, e queria dizer isso para os prefeitos. Sei que os prefeitos de cidade até 50 mil sabem disso, mas eu quero reiterar o nosso compromisso. Já entregamos todas as retroescavadeiras e agora iniciamos as motoniveladoras e os caminhões-caçamba.

Então, essa foi a primeira parte do dia. Aí, chegou um momento extremamente emocionante do dia, que eu quero dizer para vocês, porque eu estive aqui em Santa Catarina sobrevoando, em 2008, e participando também desse esforço conjunto – na época era o governador Luiz Henrique – e eu vi que não tinha... porque muitas vezes a pessoa pensa assim: o morro inteiro, né? Há um deslizamento e esse deslizamento foi provocado pelo homem, mas, como eu sobrevoei, eu vi que tinha morros absolutamente intactos, e que tinha desmoronado ou tinha tido deslizamento da ponta do morro até o chão. Era como se houvesse passado uma máquina que tirasse toda uma camada de terra. Era o Morro do Baú? Era o Morro do Baú.

E era uma experiência muito forte porque era a força da natureza e o fato das pessoas, de fato, perderam a vida nessas circunstâncias. E uma das coisas que eu me dediquei foi criar um programa para desastres. Vou falar simplesmente porque eu já disse isso na hora da cerimônia lá em Itajaí. É um programa baseado na prevenção, ou seja, nós montamos com tudo o que há de melhor no nosso país, e tinha muita coisa, nós montamos um sistema de antecipação, que pode antecipar quando vai chover a ponto de se tornar perigosa a chuva, provocando enchente, deslizamento.

E esse processo foi constituído pelo Cemaden e o Cenad, que é ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia e que faz a previsão das chuvas, que permite que a gente avise com dez dias de antecedência e que tem, graças a Deus, diminuído o número de mortes, aqui, no caso de Santa Catarina.

Esse sistema, juntamente com os pluviômetros e todos os processos que cercam essa questão, resultou num número que eu acho que é um número fundamental, que é o zero mortes. E, ao mesmo tempo, nós juntamos a isso toda a política de investimento em infraestrutura na área de tratar para que a gente tenha um controle, porque a gente não manda na natureza, a gente convive com a natureza.

Conviver com a natureza é saber como contornar o problema. E aí, através de um processo muito bem-feito pelo governo estadual, pelo governador Colombo, a partir de um estudo feito pela agência japonesa Jaika, foi apresentado para nós e nós começamos hoje, demos início, hoje, à efetivação desses investimentos, que vai resultar, eu acredito, aqui em Santa Catarina, em todo um processo para impedir ou para barrar, eu acho, os mais danosos efeitos, que são as enchentes e os deslizamentos. No caso das enchentes, basicamente, o foco do nosso programa são as duas barragens que hoje nós iniciamos esse projeto, elevando as duas barragens, aumentando a capacidade delas estocarem, reservarem, aumentarem reservação de água. É tanto a Barragem de Taió como a Barragem de Ituporanga.

Então, esse momento foi um momento muito especial para mim. Eu acredito que esse programa de prevenção de desastres nosso tem que ser cada vez mais aprimorado. Nenhum de nós tem a pretensão de falar que nós vamos acabar com a enchente, o que nós vamos fazer é que ela não seja danosa, que ela não destrua vidas nem propriedades, e impedir que isso ocorra. É essa a nossa ação. Eu fico muito feliz de ter essa parceria generosa com o governador aqui, de Santa Catarina.

Ao mesmo tempo, lá em Itajaí, nós celebramos a questão das universidades comunitárias e da prioridade às universidades, às universidades comunitárias como uma das formas de expansão da educação de qualidade.

Eu fico bem à vontade para defender as universidades comunitárias. Por quê? Porque foi no governo do presidente Lula e no meu governo que nós fizemos um processo de, eu diria, reenergização da universidade pública federal. A expansão da universidade pública federal, a interiorização não só de novos campi, mas também a criação de novas universidades, interiorizando elas, foi meta do governo do presidente Lula e é uma meta e um compromisso do meu governo.

Nós sabemos a importância para o nosso país de interiorizar as universidades. Isso não quer dizer que no Brasil não tenha espaço para universidades privadas e, sobretudo, para as universidades comunitárias. Pelo esforço que nós fizemos com o ProUni, e o ProUni é um programa muito bem-sucedido, pelo qual nós incentivamos vagas nas universidades privadas, comunitárias, em troca de redução de tributos. Com isso o que é que nós fizemos? Nós aumentamos o acesso dos estudantes pobres à universidade.

Aí – vamos só lembrar disso –, aí disseram que nós estávamos nivelando por baixo. É, falaram isso, sim. Falaram que nós estávamos nivelando por baixo, que esse ProUni não ia dar certo, que nós estávamos... que nós íamos fazer algo inadequado para a universidade. Pelo contrário, os estudantes do ProUni demonstraram grande capacidade,

se saíram muito bem, passa... você pode ter certeza, se você fizer uma régua, os estudantes do ProUni passam na regra de qualidade. Por quê? Porque os estudantes pobres deste país querem uma oportunidade, e agarram com as duas mãos e se esforçam. Porque a gente sabe disso: educação, uma parte da educação e da aprendizagem é esforço, dedicação. E isso eu quero dizer para vocês, também nos baseou para fazer o programa de expansão, o Fies, que é um programa de financiamento, que faz o seguinte: em vez da pessoa pagar antes e não ter dinheiro e parar o curso, que era assim que acontecia, nós todos sabemos disso. O financiamento escolar existe no Brasil há bastante tempo, só que tinha que ele não dava certo. Por que ele não dava certo? Exigia o pagamento antes ou durante o curso.

Ora, a pessoa estava estudando, a menina estava estudando, o rapaz estava estudando, como é que ele ia pagar, ou a família dele? Então, o que nós construímos? Paga depois. Paga depois, ele tem o dobro de tempo, da quantidade de anos do curso dele. Se o curso dele for de quatro anos, ele tem oito, só no oitavo ano mais um que ele começa a pagar. Se o curso dele for de cinco, só no 11º, e assim sucessivamente, depende do curso. E qual é a ideia? Ele paga com o seu trabalho, com o fato de ter estudado. E o Brasil ganha com isso? Muito, ganha muito com isso. Ele ganha e nós ganhamos, nós, o povo brasileiro, porque é mais um, mais um brasileiro com curso e a gente espera sempre um curso de qualidade.

Então, eu fiquei muito feliz lá na universidade comunitária. E digo por quê. É por três motivos: primeiro, porque eles sempre interiorizaram; segundo motivo, porque ela é comunitária, ela faz parte de um sentimento generoso de criar e se associar; e, terceiro, porque é prioridade do meu governo para a educação.

Mas aí eu cheguei aqui, e cheguei no Porto de Imbituba, e na assinatura do contrato do governo de Santa Catarina com o Banco do Brasil. O Porto de Imbituba eu já falei, então eu quero falar para vocês sobre uma coisa chamada parceria. Parceria é algo que rima com republicano. Por que rima com republicano? O meu governo faz parceria com todos os 27 estados da Federação e os 5,5 mil e mais municípios que este país, este país gigante tem. E faz parcerias sem olhar partido político, fé religiosa ou opção futebolística. Nós... sim, porque podia ser assim, só faço parceria com quem é do Internacional, não dá. Ou muitos falariam assim: não, faço só com corintiano. Também não dá. Eu sei, eu não vou falar o time daqui, ó. Não adianta, Fritz, eu não vou falar o time daqui. Está lá o Fritz, mais uma vez, querendo que eu fale o time daqui. Não vou falar, não, o time.

Daí... então, essa questão da parceria, eu posso dizer para vocês, eu acho que é um aprimoramento da democracia no Brasil. Só se nós pegarmos juntos, se eu tiver a colaboração e se ele tiver a minha colaboração, eu consigo levar um projeto que tem envergadura que pode beneficiar muito a população. Então, nós não temos obras individuais. As nossas obras têm de ter esse aspecto federativo, coletivo. Então, eu preciso do governador, eu preciso do prefeito.

Agora, eu quero dizer para vocês uma coisa. Isso é o geral, nós fazemos com todos os governadores e com todos os prefeitos. Mas eu quero dizer para vocês que eu encontrei aqui um outro tipo também muito importante, eu encontrei aqui iniciativa e vontade de acertar e vontade política. Encontrei também uma disposição para critérios técnicos rigorosos, procurar o melhor jeito de fazer, vamos resolver isso da melhor forma, ou seja,

nós não só temos uma parceria muito republicana, e eu agradeço imensamente por ela, mas eu tenho também uma parceria muito qualificada.

Quero dizer que, em todas as circunstâncias em que eu, conversando com o governador Colombo, coloquei na pauta alguma proposta que significasse benefício para a população catarinense, eu tive... eu não tive uma resposta imediata, eu tive uma resposta, eu posso dizer, viu, governador, até antecipada. Antes de eu pensar, o senhor pensou.

E eu tenho certeza também que eu contei com parceiros importantes. A bancada federal aqui de Santa Catarina, os senadores aqui de Santa Catarina. Eu quero dizer para vocês que, nesse processo, nós temos tido várias votações na Câmara Federal e no Senado. Eu quero agradecê-los... Eu vou falar só em duas, pela importância social que elas têm. Quero agradecer a votação relativa aos royalties e ao Fundo Social para a Educação. Quero agradecer não só a votação, mas as sugestões e os acréscimos feitos. E quero agradecer também pela votação do Mais Médicos, que é muito importante para o Brasil.

Eu quero dizer para vocês que daqui a pouco eu me vou aqui de Santa Catarina para Brasília. Quero dizer que eu encontrei aqui um acolhimento, um carinho, uma generosidade e um calor humano que eu não vou esquecer. Eu disse que eu virei gaúcha em 1974. Eu fui morar lá, a minha filha nasceu lá, meu neto é gaúcho. Eu nasci em Minas Gerais, então eu sou metade mineira, metade gaúcha. Mas eu sei e disse aqui que gaúcho, chegou o verão, toma o rumo, mas nós todos tomamos, toma o rumo de Santa Catarina.

Então, muitas vezes... Pois é. Muitas vezes eu tomei o rumo daqui e eu conheço razoavelmente Santa Catarina, mas não de agora, eu conheço Santa Catarina de alguns tempos atrás. E eu fiquei impressionada, quero dizer para vocês. Eu estive aqui em Florianópolis, em fui em Mafra, eu estive em algumas cidades, assim, eu andei muito por Santa Catarina, mas uma coisa me impressionou nessa minha viagem por aqui por Santa Catarina, nesse trecho que hoje nós fizemos de helicóptero. Quero dizer para vocês o seguinte: é impressionante – eu falei até para o governador isso –, como Santa Catarina está próspera, os sinais de prosperidade.

Eu quero acreditar que ainda nós temos muito o que fazer. Nós já fizemos muito, mas nós temos muito o que fazer. E aí eu quero falar uma frase final para vocês: podem contar comigo!